



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO PROFISSIONAL
EM ESTUDOS DE FRONTEIRA**



ALESSANDRA GOMES VALES

**MEMÓRIAS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DA GUIANA FRANCESA
(1980-1990)**

MACAPÁ

2024

ALESSANDRA GOMES VALES

**MEMÓRIAS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DA GUIANA FRANCESA
(1980-1990)**

Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá (PPGEF/UNIFAP) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Fronteira.
Orientadora: Prof.^a Dra. Carmentilla das Chagas Martins.

MACAPÁ

2024

ALESSANDRA GOMES VALES

**MEMÓRIAS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DA GUIANA FRANCESA
(1980-1990)**

Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá (PPGEF/UNIFAP) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Fronteira.

Aprovado em: 3 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CARMENTILLA DAS CHAGAS MARTINS**
Data: 17/10/2024 12:33:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Carmentilla das Chagas Martins
Presidente (Orientadora – UNIFAP)

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS VINICIUS DE FREITAS REIS**
Data: 17/10/2024 08:14:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis
Examinador Externo (PPGH-UNIFAP)

Documento assinado digitalmente
 **LINARA OEIRAS ASSUNCAO**
Data: 16/10/2024 16:04:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Linara Oeiras Assunção
Examinador Interno (PPGEF/UNIFAP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 /
1569

V167m Vales, Alessandra Gomes.
Memória sobre a migração de retorno da Guiana Francesa (1980 - 1990) / Alessandra
Gomes Vales. - Macapá, 2024.
1 recurso eletrônico. 102 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso
de Pós-graduação em Estudos de Fronteira. Macapá, 2024.
Orientadora: Carmentilla das Chagas Martins.
Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Migração. 2. Retorno. 3. Memórias. I. Martins, Carmentilla das Chagas, orientador. II.
Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 304.882081

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos dirijo não só às pessoas que me acompanharam no decorrer do mestrado, mas na minha trajetória de vida. Agradeço, dessa forma, em primeiro lugar a Deus, sem Ele não teria perspectivas nem condições estruturais e emocionais para alcançar esse sonho de conclusão do mestrado. E como mestre que me conduziu na fortificação da minha fé enquanto cristã, agradeço também ao padre José Cláudio por me trazer paz e conforto em momentos que desacreditava de mim e da vida no sentido geral.

Posteriormente, agradeço à minha amiga e orientadora Prof.^a Dra. Carmentilla das Chagas Martins, que me direcionou de forma fluida e com grande responsabilidade tanto na graduação de licenciatura em História (2015-2019) como no mestrado em Estudos de Fronteira (2022-2024). A ela, dedico uma parte generosa de todo o meu esforço e dedicação na realização deste trabalho, pois por muitas vezes, em momentos difíceis, ela representou um porto de confiança e de segurança.

Agradeço de forma essencial à minha família, minha mãe Maria do Socorro Barros Gomes, meu pai Idevaldo de Almeida Vales, aos meus irmãos Idenilda Nascimento Vales, Elisabeth de Almeida Vales, Frank Gomes Vales e Tainá Gomes Vales, por me darem suporte e respeitarem minhas decisões em todo esse processo. Eles são e representam a minha grande motivação até aqui e toda as minhas realizações são dedicadas a eles, sem dúvida.

Ao meu cunhado, Francisco de Oliveira Cruz Junior, por ser meu auxiliar em todas as questões desta pesquisa, por me apoiar e encorajar. Agradeço também às minhas colegas e amigas de turma por sempre segurarem minha mão e estarem do meu lado, Juliana e Claudiane.

Agradeço a meu psicólogo e meu psiquiatra por me escutarem e proporcionarem leveza, calma e tranquilidade em todo meu processo de evolução e crescimento de vida. Agradeço, para finalizar, a todos meus amigos e colegas, Elen, Letícia, Maria Letícia, Lorena, Lucas Veloso, Adrian, Cledson, Thamyris, Inara, Michel, Artur e Willian, por estarem comigo em todos os momentos da minha vida.

Agradeço aos interlocutores e interlocutoras desta pesquisa por me concederem autorização para entrevistá-los e entrevistá-las. Ter a possibilidade de acessar suas histórias e memórias foi um privilégio e uma emoção constante; com elas pude reconhecer meus pais e os demais em suas histórias que fazem parte também de uma família. Por isso, designo e ofereço este trabalho como uma herança para minha família e como um presente para quem já não está mais presente no mundo terrestre, meu tio Antônio de Almeida Vale.

RESUMO

Considerando a histórica migração de brasileiras e brasileiros para a coletividade territorial do ultramar francês, Guiana Francesa, desde meados da década 1960, como também o adensamento da repressão a essa migração a partir de 1990, este trabalho analisa as memórias de trabalhadoras e trabalhadores que retornaram ao Brasil para apontar as causalidades relacionadas ao retorno. Para tanto, a pesquisa cumpriu as seguintes etapas: levantamento bibliográfico com a definição dos critérios para inclusão e exclusão de estudos e elaboração de fichas de leitura para constituição de um arcabouço teórico que possibilitasse categorizar a migração brasileira para Guiana Francesa. Operando com os procedimentos metodológicos da história oral, em sua modalidade histórias de vida, registraram-se as memórias de trabalhadoras e trabalhadores que migraram para Guiana Francesa e depois retornaram ao Brasil. O estudo contribui com o campo de conhecimento dos estudos migratórios, apresentando as narrativas dos migrantes sobre as suas experiências entre os anos de 1980 e 1990. Os resultados apresentados apontam que existiram várias motivações para o retorno desses migrantes ao Brasil, primeiro a noção de perigo diante da situação de clandestinidade; em segundo, a saudade de casa, da família; e em terceiro, por um fator econômico na mudança do Plano Real no Brasil e seu crescente favorecimento.

Palavras-chave: Migração. Retorno. Memórias. Trabalho.

ABSTRACT

Considering the historical migration of Brazilian men and women to the territorial collectivity of French overseas territories, French Guiana, since the mid-1960s; as well as the intensification of the repression of this migration, and, as a consequence, the increase of migrants returning to Brazil, this work intends to analyze the memories of the workers who returned to the country, referring to the causalities that motivated these migrants, both to going to French Guiana, regarding those related to the return. For this purpose, the research will carry out the following steps: bibliographic survey; definition of criteria for inclusion and exclusion of studies; elaboration of a reading script to extract the information and its subsequent categorization. Oral history will also be used, in its life story modality, with the purpose of collecting memories whose categorization reveals the impulses for these individuals to undertake migration, as well as the causes for them to return to Brazil. It is expected that this research will present theoretical contributions that enable a basic dialogue for the construction of significant knowledge on the topic under debate and present an overview of reports that explain the perceptions and experiences of workers who lived in French Guiana between the 1980s and the 1990s. With this information, it hopes to motivate other researchers to invest in and research the memory of migrants, a topic that may be relevant in research productions in the field of human sciences.

Key-words: Migration. Return. Memoirs. Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização do Amapá e Guiana Francesa.....	25
Figura 2 – Mapa com a geografia da circulação na bacia do rio Oiapoque (1980-2010).....	26
Figura 3 – Gráfico com a porcentagem da migração internacional (1980-1990, 1990-2000).....	29
Figura 4 – Gráfico comparativo de migração internacional de brasileiros e brasileiras na fronteira.....	35
Figura 5 – Gráfico de gênero dos interlocutores: feminino e masculino.....	50
Figura 6 – Gráfico de escolaridade dos interlocutores (superior, ensino médio, ensino fundamental e não alfabetizado).....	51
Figura 7 – Gráfico de idade dos interlocutores: 50 a 70 anos.....	52
Figura 8 – Gráfico do ano de migração para a Guiana Francesa: 1980-1989.....	52
Figura 9 – Gráfico do ano de retorno ao Brasil: 1988 a 1993.....	53
Figura 10 – Fluxograma de etapas e pontos a serem adotados em uma revisão bibliográfica.....	54
Figura 11 – Fotografia da frente da carta de séjour do interlocutor taxista.....	74
Figura 12 – Fotografia do verso da carta de séjour do interlocutor taxista.....	74
Figura 13 – Fotografia da residência construída pelos irmãos migrantes brasileiros.....	75
Figura 14 – Fotografia de um passeio dos migrantes na praia de Montjoly.....	78
Figura 15 – Fotografia de um momento de lazer familiar dos interlocutores.....	78
Figura 16 – Fotografia de um casal de migrantes brasileiros conhecidos em Caiena.....	79
Figura 17 – Fotografia de trabalhadores da CMCR (obra em construção metálica na Base Espacial de Kourou).....	79
Figura 18 – Fotografia mostrando as relações de sociabilidade dentro do trabalho da empresa CMCR.....	80
Figura 19 – Gráfico de estimativa numérica dos imigrantes retornados após o Plano Real (1995-2000).....	82
Figura 20 – Gráfico com a porcentagem de imigrantes de retorno (1995-2000).....	83

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Evolução do número de brasileiros no exterior ao longo do tempo (2009 a 2020).....	62
Quadro 1 – Definição de interlocutores e interlocutoras migrantes.....	67

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMI	Indústria e Comércio de Minérios
km	Quilômetro
MA	Mestrado acadêmico
MJ	Ministério da Justiça
MP	Mestrado profissional
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Estudos em Fronteira
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OS ESTUDOS SOBRE A MIGRAÇÃO DE BRASILEIRAS E BRASILEIROS	
PARA A GUIANA FRANCESA	21
2.1 GUIANA FRANCESA, AMAPÁ – OIAPOQUE.....	22
2.2 DÉCADA DE 1980 A 1990: GARIMPO E A CHAMADA DO <i>EL DORADO</i>	27
2.3 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: BRASILEIROS NA FRONTEIRA	30
2.3.1 Brasileiras e representatividade na fronteira guiano-amapaense.....	33
2.3.2 Cooperação transfronteiriça guiano-amapaense.....	36
3 TEORIZANDO O RETORNO NA MIGRAÇÃO: MEMÓRIA DE MIGRANTES	
BRASILEIROS E BRASILEIRAS.....	40
3.1 MIGRAÇÃO DE RETORNO: “O CAMINHO DE VOLTA”	40
3.2 METODOLOGIA: ENTRE A TEORIA E A HISTÓRIA DE VIDA.....	47
4 DADOS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DE BRASILEIROS E	
BRASILEIRAS AO BRASIL.....	59
4.1 MEMÓRIA DE TRABALHADORAS(ES) RETORNADAS(OS) DA GUIANA	
FRANCESA (1980-1990).....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES.....	93

1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, um dos assuntos mais discutidos na área dos estudos sobre movimento de populações se relaciona às migrações, com atenção às memórias que são construídas pelos seres participantes desse processo migratório. A migração é um processo que está inserido em contextos e formas maiores, que ultrapassa tempos e espaços, isto é, aqui se adapta bem à ideia de memória, ou seja, memórias dos migrantes. “[...] o que há de específico a cada uma das migrações histórica e sociologicamente caracterizadas – nenhuma migração assemelha-se à outra” (Sayad, 2000a, p. 10). Nesse fato, como bem se expressa Sayad (2000a) ao dizer que nenhuma migração se assemelha à outra, é que está contida a ideia de uma história da memória de migrantes, da qual advém o sentido de que cada processo migratório possui uma memória, uma vivência que contém experiências únicas.

Como afirma Pollak (1989, p. 4), a memória é “[...] um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si”. Nesse sentido, há de se pensar que a memória é um conceito importante para análises sobre a história das populações, e nesse domínio se insere a reflexão sobre memória de migrantes. Nessa direção, este trabalho se propõe a registrar e analisar a memória de trabalhadoras(es) migrantes brasileiras(os) retornadas(os) da Guiana Francesa.

Como discute a autora Soares (2007, p. 24), o deslocamento de brasileiros entre a fronteira Brasil e Guiana Francesa acontece por meio e de forma mais nítida de migrantes provenientes do “Maranhão, Pará, Acre e Amapá”. Esse deslocamento e mobilidade é uma realidade para muitos brasileiros e surge como uma “solução de vida” ou, em palavras mais completas, como uma “busca por melhoria de vida” que, de alguma forma, não fora encontrada no seu país de origem – no caso, o Brasil. Cabe destacar que esse deslocamento na fronteira guiano-amapaense acontece há muitas décadas. As diversas ondas migratórias do Brasil com sentido à Guiana Francesa apresentam características distintas; de acordo com Martins (2014), esses movimentos estiveram relacionados à dinâmica econômica na sociedade guianense, como a construção da base aeroespacial de Kourou e a construção civil.

A década de 1980 é um marco significativo no termo de migração transfronteiriça no Brasil em direção à Guiana Francesa, pois foi marcada pelo fim da ditadura e a noção de “década perdida”, em que o país – Brasil – foi afogado em uma profunda crise econômica. Segundo Santos (2015), essa década representou uma forte onda migratória que levou para o exterior multidões de brasileiros. Percebe-se, assim, por uma questão de economia enfraquecida após

um movimento ditatorial – que deixou, por muitas vias, o país instável –, esse deslocamento guiano-amapaense (que já era uma realidade) muito mais fortalecido.

Também nessa década houve uma nova caracterização ao migrante, o garimpeiro. A garimpagem, junto à noção ou imaginação de “*El Dorado*” na Guiana Francesa, levou muitos migrantes brasileiros desestabilizados, principalmente economicamente, a terem uma nova chance de melhoria de vida. “Tradicionalmente conhecidos como forasteiros/aventureiros, esse segmento se fixou principalmente na região de fronteira, em garimpos ilegais, ou mesmo em garimpos legalizados do lado francês atrás do tão sonhado *El dourado*” (Pinto, 2008, p. 106). Essa imagem de elevação de vida instigou muitos migrantes brasileiros, ou seja, muitos vizinhos fronteiriços, a terem uma concepção diferente da Guiana Francesa, e essa imaginação ainda se repercute.

Essas migrações internacionais advindas da Amazônia brasileira, segundo Soares (2007), têm dois sentidos de movimento e destinos: os garimpos e a cidade de Caiena. Quanto a esses dois pontos, a cidade de Oiapoque surge como um local de passagem; por esse aspecto, ela se torna um local de trânsito. A autora chama a atenção de seus leitores ao segundo ponto de destino mencionado, apontando que Caiena é escolhida, muitas vezes, por ser a capital do território guianense, o que já a torna um lugar emblemático, e por ter uma necessidade evidente de mercado de trabalho, no qual muitos desses migrantes atuam como clandestinos.

Dessa forma, o migrante brasileiro possui uma dupla identidade e estigma, a de “migrantes clandestinos” (Soares, 2007, p. 24) – ao serem denominados assim, já se impõe certa indesejabilidade de sua presença – e a de migrantes brasileiros empregados, ou seja, legalizados e que têm sua permanência no “país estrangeiro” permitida, embora isso não garanta uma segurança válida socialmente, visto que ainda estão sob a condição de migrante.

Para Arouck (2000), o Brasil, demograficamente, não pode ser considerado um país de emigrantes porque o número de saídas é pequeno se comparado com o crescimento da sua população, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1991). No entanto, mesmo com essa configuração, o autor aponta o nascimento das “novas migrações internacionais” (Arouck, 2000, p. 68), que seriam as de brasileiros entre as fronteiras, mais especificamente e especialmente falando da conexão guiano-amapaense. Essa concepção fronteiriça tem como caráter uma tipologia de ordem econômica, pois, segundo o estudo de Arouck (2000), um em cada cinco brasileiros gostaria ou sonha em morar em um país com melhores condições de emprego e renda.

Isso tudo mostra que essas “novas” ondas migratórias, migrações transfronteiriças, têm moldado uma concepção que aborda tipos de mobilidades que concernem ao “ir” e “vir” de

brasileiros nas travessias fronteiriças. A presença de brasileiros em territórios estrangeiros, como a Guiana Francesa, é uma realidade cada vez mais notável, visto que já no estudo de Arouck (2000) essa era uma rota escolhida por muitos como destino migratório, em que 25 mil brasileiros buscaram uma utópica visibilidade de “ordem e progresso”.

Dessa forma, Arouck (2000, p. 71) nos mostra que essa configuração “é sem dúvida, um novo quadro na demografia nacional configurando-se numa absolutamente original questão social: a centena de milhares de migrantes brasileiros vivendo no exterior”. Essa imagem econômico-social, ou seja, uma imagem antes não vista socialmente ou não aceita, agora é uma fatalidade que não pode ser esquecida ou apenas ignorada, e uma imagem ao mesmo tempo econômica, visto que muitos dessas “centenas de milhares de migrantes brasileiros” vão em busca de melhores condições salariais, sendo a Guiana Francesa encarada como um refúgio de sonhos e possibilidades.

Martins (2016) aborda essas questões das chamadas “migrações internacionais”, que ocorrem nas zonas fronteiriças como uma questão de configurações sociais, além de econômicas. As zonas fronteiriças, segundo a autora, são locais cuja mobilidade é parte de vivência cotidiana, ou seja, o trânsito, a travessia é algo que ocorre de múltiplas maneiras e frequentemente. Para melhor explicar, Martins (2016, p. 39) afirma que “As zonas fronteiriças são lugares construídos pelos indivíduos que nelas moram e transitam, são eles que migram de um lado para o outro, realizando trocas, estabelecendo vínculos, constituindo práticas sociais e culturais”. Isto é, a migração e o trânsito fronteiriço é que fazem com que tais zonas fronteiriças aconteçam e de fato existam.

A dinâmica migratória é um processo multifacetado no qual a singularidade e a coletividade são partes do processo, em que a formação de identidades está sempre em contínuas mudanças e alterações. Como afirmam Martins, Superti e Pinto (2015, p. 363), o processo migratório faz parte de uma “‘desaparição’ e ‘reaparição’ de territórios e identidades; de fragmentação e agregação de parcelas do espaço; de ruptura e continuidade na diversidade de interpenetrações entre indivíduos singulares e coletivos”. Em outras palavras, a migração tem uma faceta de processos identitários, espaciais e sociabilidades.

O estudo buscou compreender que a trajetória e história de vida dos migrantes brasileiros que fazem a travessia da fronteira guiano-amapaense é tão necessária quanto uma abordagem geral da migração fronteiriça.

Para além dessa intenção, a delimitação desse tema foi selecionada por fazer parte de uma concepção já abordada no trabalho de conclusão de curso (TCC) em que fora estudada e empregada a história de vida de migrantes amapaenses que trabalharam e fizeram parte da

história da implementação da empresa Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI) no Amapá e por último, como será justificado mais à frente, por acompanhar e buscar entender a história migratória dos pais desta autora, que fizeram parte desse processo de “ir” e “vir” da fronteira.

Para adentrar a essa questão de memória de migrantes, é necessário operacionalizar conceitos que serão utilizados em todo o desenvolvimento desta pesquisa, como: migração, trabalho, escuta ativa, memória e fronteira. Tais conceitos, apesar de terem características próprias, são complementares na formação e construção dessa história de vida dos migrantes. Primeiramente, utilizar-se do conceito de migração é entender que existe uma multiplicidade de representações, pois se relaciona a questões de identidades, representatividade, interação, motivações e movimentos.

De acordo com Castiglioni (2009), a migração sempre fez parte das vidas das populações; seguindo essa lógica, o ser humano tem vocação para a mobilidade espacial. A história da civilização começa com o nomadismo humano ao migrar por necessidades de sobrevivência individual e grupal, seguindo para novos locais, traçando diversas trajetórias.

Na sociedade contemporânea, percebe-se a sequência dessa linha de pensamento quando a decisão de migrar insere-se na troca de um ambiente familiar por um desconhecido e estranho aos seus olhos. Essa decisão é “movida por forte motivação, que traduz a insatisfação do indivíduo com sua situação na região de origem como também seu desejo de encontrar uma nova terra, na qual todas as suas aspirações serão concretizadas” (Castiglioni, 2009, p. 39). Todo movimento migratório tem suas motivações, tem um porquê; isso quer dizer que o processo migratório não é uma saída de aventura, não significa uma viagem sem sentido, tudo é movido por algum motivo, o qual nos revela uma trajetória de vida importante na sociedade, já que a movimentação migratória não altera a vida somente do ser migrante, mas a sociedade ou as comunidades em que se insere.

O trabalho, sob uma perspectiva histórica, social, econômica e política, está envolvido nos processos migratórios de formas múltiplas. Assim, o trabalho é algo não muito fácil de ser definido, como diz a autora Schwartz (2011, p. 20): “O ‘trabalho’ é ao mesmo tempo uma evidência viva e uma noção que escapa a toda definição simples e unívoca”. Ou seja, o trabalho, assim como a migração, não é um conceito que repousa em uma simples e em nem uma única definição, porque ele envolve a história da humanidade, mas como explicar isso em uma rasa ou em um único processo teórico?

Isto é, a história do ser humano desde seus primórdios está inserida em um contexto de trabalho também, não só da sua existência histórica e social. Por essa razão, por estar inserido em várias dinâmicas interpretativas, o trabalho não se fomenta somente sob razões de atividades

de produção ou das relações entre classes, e é nessas múltiplas formas e conceitos que ele se associa a uma desenvoltura da migração.

Partindo dessa premissa, a migração se une a outro tipo de conceito, significativo nesta pesquisa: a memória, que aqui será abordada a partir de uma coleta e ao propor uma reflexão sobre a história de vida dos migrantes. A memória age sobre uma dualidade: a história de vida de um indivíduo (memória individual) e a vida social no tempo (memória coletiva), que serão bem explicitas nas argumentações de Halbwachs e Díaz (1995).

Segundo Halbwachs e Díaz (1995), o indivíduo, enquanto parte de uma esfera social, participa de duas espécies de memória, a individual e a coletiva. O que os autores nos mostram é, que apesar de serem memórias diferentes, em seu sentido mais estreito da palavra, elas são complementares. A memória individual, ao contrário do que se pensa, não está inteiramente isolada ou fechada, ou seja, ao ser acionada a memória individual de alguém, sempre se tem a necessidade de recorrer às lembranças dos outros.

Já a memória coletiva envolve as memórias individuais, no entanto, não se confunde com elas. Ela faz sua evolução segundo suas próprias leis, e quando se introduzem algumas lembranças individuais, estas mudam de figura e são reconfiguradas a uma condição que não é mais apenas uma consciência pessoal (Halbwachs; Díaz, 1995). Assim, tem-se uma concepção de memória em que ela é dual, na qual se parte de uma memória individual para reconfigurar e formar as facetas de uma memória coletiva, isto é, a memória é una, mas ao mesmo tempo ela é construída a partir de uma pluralidade, uma pluralidade pautada no diálogo, no compartilhar de vidas, experiências e vivências, uma vida social do tempo, ou seja, de uma memória são feitas e nascem muitas outras.

Dentro dessa memória surge outro conceito, tão importante quanto os outros, para a construção desta pesquisa e relatório: a escuta ativa. Esse termo é um conceito que adere à chamada “compreensão empática”, definida por Carl Rogers (1987) como sendo caracterizada, no campo da Psicologia, pela sensibilidade do terapeuta para com seu paciente, ou seja, como sendo “sensível aos sentimentos e às reações pessoais que o cliente experiencia a cada momento, quando pode apreendê-los, ‘de dentro’ tal como o paciente os vê, e quando consegue comunicar com êxito alguma coisa dessa compreensão ao paciente” (Rogers, 1987, p. 66).

O que essa compreensão empática implica, segundo Fontgalland e Moreira (2012), que analisam a compreensão de Carl Rogers, é que ela se difere daquela a que nós nos referimos atualmente, a de compreendermos o problema do outro, o que sabemos a respeito do que levou o outro a agir de certa maneira; em outras palavras, aquela que, de algum modo, analisa e julga. As autoras, nesse sentido, caracterizam-na como sendo uma ideia de compreensão do senso

comum. Essa compreensão de senso comum que está enraizada, ela nasce do exterior, isto é, ela não concebe uma análise “de dentro” para fora, o que a difere da noção de uma compreensão empática – escuta ativa – definida e defendida tanto pelas autoras quanto por Carl Rogers.

Eles defendem, assim, que essa compreensão nasce quando a pessoa ouve a outra, uma compreensão que entende sem querer apenas analisar superficialmente ou julgar, mas aquela que proporciona crescimento e respeito. “Ou seja, quando o terapeuta apreende a experiência do cliente momento a momento em seu mundo interior, como este o sente e o vê, sem que a sua própria identidade se dissolva nesse processo de empatia, então a mudança pode ocorrer” (Rogers, 1961/1987, p. 66 *apud* Fontgalland; Moreira, 2012, p. 42-43). Entendemos, a partir disso, que tal compreensão e escuta ativa se restabelecem em um lugar de relação atenta, respeitosa, de crescimento ambíguo e de função díade, isto é, no qual um escuta o outro e assim crescem juntos diante da narrativa que se conta.

Para este estudo, interessa entender a construção de memórias individuais de pessoas que migraram para a Guiana Francesa atrás de trabalho, renda e uma vivência melhor. Portanto, interessa entender a concepção de fronteira não somente como uma fronteira política, mas também como uma fronteira sócio-histórica. Para migrantes brasileiras(os), a história vivida se compõe também de lembranças para além da fronteira guiano-amapaense. Em Foucher (2013, p. 23), “a fronteira é um objeto geopolítico por excelência. As suas funções clássicas são múltiplas – política (soberania), legal (direito), fiscal (alfândega), policial (controle), militar defesa –, ainda que não sejam todas exercidas no envelope externo do território nacional”. Portanto, a fronteira, mesmo em termos geopolíticos, apresenta diversas funções e representações, sendo também concebida em seus aspectos humanos e históricos, haja vista a participação dos indivíduos no acontecer político dela e que ela é uma percepção e existência histórica das relações humanas.

Após a apresentação dos conceitos, mostra-se a motivação para desenvolver tal pesquisa. Em 2015, ao entrar na graduação de licenciatura em História na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), havia várias questões e reflexões às quais se queria buscar respostas durante o curso; nesse decorrer, ao participar de oficinas, eventos e das próprias discussões sobre memória em sala de aula, surgiu o interesse pela dinâmica de memória dos migrantes no estado do Amapá. Essa indagação e proposta de estudo fizeram com que se realizasse o TCC em tal temática: *História de vida dos trabalhadores migrantes paraenses da ICOMI (1970-1980)*. Durante a escrita do TCC, percebeu-se que a abordagem sobre migração continha várias vertentes, vertentes essas que podiam ser múltiplas dentro das Ciências Humanas, algo que chamou atenção.

A defesa do TCC significou uma oportunidade para obter inferências externas quanto ao desenvolvimento do estudo sobre a relação entre memórias e migração. Dessa forma, veio a motivação para elaborar um projeto de pesquisa para ingressar no mestrado. A ideia de cursar uma pós-graduação ficou latente e em 2022, em meio ainda à pandemia, tomou-se a decisão de concorrer a uma vaga no mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Estudos em Fronteira (PPGEF). O mestrado profissional é “a designação do mestrado que enfatiza estudos e técnicas diretamente voltadas ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional” (Universidade Federal do Recôncavo Baiano [UFRB], 2012). Nesse sentido, há diferença entre o mestrado profissional (MP) e o mestrado acadêmico (MA): enquanto um trabalha fortemente para a inserção no mercado de trabalho, o outro vem auxiliar com uma carga mais teórica, preparando para uma carreira específica de docência.

Assim, este trabalho de conclusão de mestrado é, de certa forma, a continuidade do TCC defendido na graduação, sendo que os dois trabalhos abrangem a mesma temática de memória e migração. Por essa razão, optou-se pela escrita de uma dissertação, por compreender que dessa maneira seria mais bem visibilizada a temática e seus desdobramentos.

Ao entrar no programa, a temática sobre o processo migratório ainda era pertinente e latente na mente desta autora. Sendo assim, após uma reunião com a orientadora Prof.^a Dra. Carmentilla Martins, veio a ideia abordar o campo da memória de trabalhadores(as) retornados(as) da Guiana Francesa em um recorte de 1980 a 1990.

Como escrito, a década de 1980 foi marcada por um assombroso processo, sendo chamada de “década perdida”, quando o momento “pós” ditadura deixou suas mazelas e vácuos, tanto economicamente quanto socialmente falando. Para Patarra e Fernandes (2011), o Brasil nessa década inaugurou uma notável fase de deslocamento de sua população rumo ao exterior: “De um país historicamente receptor imigrantes, o Brasil passa a ser um intenso expulsor de população. Os principais destinos dos emigrados brasileiros são os Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa” (Patarra; Fernandes, 2011, p. 69).

Como veremos, a Guiana Francesa foi um desses locais escolhidos como rota de destino por esses emigrados brasileiros a caminho de *El Dorado*, no qual a concepção de garimpagem e o encontro com uma riqueza eram possibilidades a serem alcançadas. Esse momento e década se tornam, assim, um significativo aspecto para abordar a chegada de muitos migrantes no outro lado da fronteira.

Em 1990, viu-se um movimento contrário aos movimentos migratórios ocorridos na década de 1980, as chamadas migrações de retorno. Nos anos 1990, a economia brasileira começou a ganhar um novo impulso e passou por profundas transformações; a principal delas

foi a implantação do Plano Real, com a aderência política ao neoliberalismo que passou a controlar inflação enfrentada na década posterior. Seguindo esse impulso, de acordo com Patarra e Fernandes (2011, p. 88), o Brasil segue desde 1990 ou nos últimos anos “um processo de rápidas e significativas mudanças em sua política migratória, em função de seu desempenho político recente e suas aspirações de inserção no novo cenário internacional de globalização”, ou seja, passa por uma modificação de deslocamentos, de mobilidades de retornos, em que os brasileiros podem se sentir mais seguros em seguir um caminho de volta à “casa”.

Para além desses motivos, há um em particular que nos impulsiona a estudar tal assunto, que é a experiência de história de vida migrante dos pais da autora, que saíram do Amapá por volta dos anos 1980 com destino à Guiana Francesa e após alguns anos, aproximadamente nos anos 1990, retornaram ao estado do Amapá. Compreender e analisar tais percursos e histórias é de grande importância para a reconstrução de uma história fronteiriça entre o Amapá e a Guiana Francesa aos olhos de quem fez e faz parte dessa história.

Pensando sobre a construção de uma pesquisa que aborde todos esses elementos elencados é que surge tal problemática: quais as causas do retorno de trabalhadores(as) migrantes para o Brasil entre os anos 1980 e 1990? Argumenta-se que esse retorno se relaciona por uma questão de periculosidade de situação clandestina no território guianense, pela afetividade familiar e pela emergência e aumento do real (moeda brasileira) em relação ao franco (moeda francesa).

Para Baptista, Campos e Rigotti (2017, p. 2), o migrante de retorno é “aquela pessoa que deixou o seu local de origem, residiu algum tempo em outra região e depois regressou ao seu lugar de nascimento. Em geral, o motivo da saída do indivíduo é de ordem econômica”. Assim, como os autores expõem, o motivo do retorno do indivíduo é de ordem econômica, tanto quanto na decisão de sair do país de origem; em geral, é uma questão de sobrevivência, uma busca por renda e trabalho. Por isso, entender os motivos, tanto de ida como de volta, é necessário, porque eles podem estar em sintonia ou não, questão que será respondida na apresentação dos resultados da pesquisa.

De acordo com Cunha e Baeninger (2001 *apud* Baptista, 2013, p. 9), “a década de 1980 representou, para a história migratória brasileira, um momento de importantes transformações, em particular no que se refere às tendências históricas de redistribuição espacial da população”. Para eles, “[...] paralelamente à redução drástica de certos fluxos migratórios para o Sudeste ou para as áreas de fronteira, pôde-se identificar a intensificação de movimentos de retorno, processos que configuram a nova realidade do desenvolvimento socioeconômico do país” (Cunha; Baeninger, 2001 *apud* Baptista, 2013, p. 15). Dessa forma, a migração de retorno é

uma realidade a partir da década de 1980, quando muitos migrantes saem de outras regiões do Brasil e de territórios fronteiriços e voltam para seu local de origem.

A partir da problemática, seguimos para a definição do objetivo geral e dos objetivos específicos. O objetivo geral é analisar as memórias dos migrantes a respeito das motivações que os levaram a retornar ao Brasil. Quanto aos objetivos específicos, estão elencados da seguinte forma: 1) apresentar um estado da arte da migração de brasileiras e brasileiros para a Guiana Francesa; 2) discutir as premissas teóricas sobre o retorno na migração internacional; 3) apresentar dados sobre a migração de retorno; e 4) analisar as memórias dos trabalhadores brasileiros que residiram e trabalharam na Guiana Francesa e depois retornaram ao Brasil.

Para cada objetivo específico será estabelecida uma metodologia adequada. O primeiro objetivo é um levantamento bibliográfico para composição de um arcabouço de premissas teóricas – tendo como recorte temporal os anos de 2015 a 2024 – relativas à temática da migração de brasileiras e brasileiros para a Guiana Francesa. Será feita, a partir disso, uma correlação entre os textos para que se possa ter uma abordagem densa sobre como acontece essa transição de cidadãos do Brasil para a Guiana Francesa. A coleta de bibliografia se mostrou adequada à apresentação das discussões referentes à migração internacional, processo entendido de saída e entrada de pessoas tendo a soberania territorial como referencialidade para sua definição.

Quanto ao terceiro objetivo, apresentaram-se os dados quantitativos sobre a migração de retorno para o Brasil acessando plataformas e *sites* como os do Ministério da Justiça (MJ) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Por fim, opera-se a descrição das entrevistas, compondo narrativas das histórias de vida dessas pessoas. Com esses dados, fez-se a tessitura de um contexto que possibilita o entendimento dos aspectos que qualificam as experiências migratórias e, ao mesmo tempo, apontam para a rede de causalidades que explicam o retorno. Dessa forma, os objetivos específicos se alinham metodologicamente, teoricamente e cientificamente ao objetivo geral, pois cada ação metodológica forma a base para a compreensão de todos os aspectos e fatores elencados para o entendimento do trabalho como um todo.

Mediante tudo que foi exposto, é necessário apontar que esta pesquisa tem por intuito contribuir para o contar de uma história da memória dos migrantes retornados, respeitando seu local de fala e possibilitando a visibilidade da história de vida destes. A intenção não é fazer um esgotamento da temática, mas provocar novas análises sobre o tema. Por meio da investigação prévia das bibliografias que tratam ou se referem ao assunto, viu-se que não há um material específico que trate sobre a abordagem escolhida; assim, é quase como inovadora uma

pesquisa que trata sobre os(as) migrantes que fizeram a rota de ir para a Guiana Francesa e retornaram ao Amapá. Por esse motivo, espera-se que este trabalho seja uma contribuição para aqueles que pesquisam sobre migração e fronteira.

2 OS ESTUDOS SOBRE A MIGRAÇÃO DE BRASILEIRAS E BRASILEIROS PARA A GUIANA FRANCESA

Este capítulo apresenta um arcabouço teórico referente à migração de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa. Nessa direção, organiza-se em três tópicos, estruturados a partir de temas que se relacionam a seu objetivo. Assim sendo, o primeiro tópico traz a caracterização da cidade de Oiapoque nos termos de Soares (2007), que a qualifica como a cidade na qual acontece a passagem do Brasil para a Guiana Francesa.

A seguir é apresentada a mítica do *El Dorado* a partir da argumentação de Janaína Camilo (2011). Por último, vê-se a cooperação transfronteiriça franco-brasileira como quadro institucional com impactos sobre a mobilidade de pessoas no território guiano-amapaense.

Neste tópico do texto, o propósito é traçar um panorama ou uma visão que se tem da abordagem e estudo da migração de brasileiras e brasileiros na Guiana Francesa desde os estudos tidos como clássicos até os mais recentes na área. Observou-se que os estudos mais recentes, datados de 2015 para frente – acessados e pesquisados na plataforma dos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) –, são ainda vistos de forma um pouco escassa; assim, esta pesquisa pode auxiliar, possivelmente, pesquisadores que tenham acesso a ela numa reflexão sobre a significância de tal abordagem, visto que tais processos de emigração brasileira para o território guianense ainda acontecem e são uma realidade fronteiriça de travessias e histórias.

De acordo com Soares (2007), a travessia ou deslocamento de brasileiros emigrados do Brasil à Guiana Francesa já conta e ocorre há mais de quatro décadas, ou seja, contamos nessa perspectiva desde a década de 1960 – com o marco e estímulo para esse acontecimento, a construção da Base Espacial de Kourou – a 1990. Quatro décadas que contam com suas especificidades, momentos e movimentos de imigrantes, especialmente os de identidade e cidadania brasileira.

A autora, diante dessa conclusão de firmamento da presença de brasileiros no território guianense, nos afirma que no interior da Guiana Francesa, ou seja, nas entranhas, nos locais mais condizentes e evidentes, os brasileiros se fazem presentes de toda forma. Essa presença leva-a a refletir sobre uma condição que quase e possivelmente todo indivíduo migrante passa: a estigmatização de sua identidade. Os brasileiros passam, assim, por esse momento desde sua entrada (e permanência) no território vizinho.

No interior da Guiana Francesa, a identidade como brasileiro, dada pela nacionalidade, é acionada basicamente diante da formalidade jurídica e pode ter vários significados. Brasileiro,

nesse sentido, tem diferenciações, pois inclui tanto os chamados “migrantes clandestinos” quanto os empregados dos aparatos diplomáticos e instituições públicas ou privadas, regularizados e protegidos por instrumentos da legislação francesa que lhes permitem a permanência no país estrangeiro (Soares, 2007, p. 24).

A identidade, nesse sentido “nacionalista” de pertencer a outro lugar, um lugar distinto e de fora, já apresenta dois ramos, dentro de várias outras múltiplas significações: a de clandestino e a de legalizado. Essa presença, nas duas formas, pode significar dois tipos de percepções dos franco-guianenses: a funcionalidade e a indesejabilidade. Pode-se compreender a partir dessa esfera que o migrante está condicionado a uma situação de que, enquanto exercer uma função, um papel de significância – ou seja, em muitas realidades, exercer e ofertar sua força de trabalho para o território em geral –, tem sua permanência respeitada em algum sentido, mas quando deixa de ter tal funcionalidade, desmascara uma indesejabilidade dos indivíduos de nacionalidade franco-guianense mais forte, precisa e concisa frente ao migrante. Essa realidade enfrentada e percebida é caracterizada por Soares (2007, p. 24) como uma “heterogeneidade de interesses e estratégias” diante da presença migratória de brasileiros na Guiana Francesa.

A estigmatização frente a uma necessidade ou intencionalidade de definir um ou um grupo de migrantes é uma forma de excluir e pôr em estado de submissão esse migrante ao encontro de uma outra classe e sociedade cultural, étnica e nacional que está ou se reafirma em um patamar acima do outro, excluído. “Exclusão que se expressa por mecanismos jurídicos como deportação e recondução (expulsão). Tal poder, quando exercido, é evidenciado com a carga de violência expressa no próprio significado de tais termos” (Soares, 2007, p. 24-25). Isso nos mostra que os movimentos migratórios evidenciados por discursos e chamamentos de um pró e de uma livre democracia do “ir e vir é um direito humano” nos faz refletir que tais situações são apenas ilusões e que esse processo é cheio de transições e precariedades.

2.1 GUIANA FRANCESA, AMAPÁ – OIAPOQUE

Soares (2007) indica a condição de passagem que observa na cidade de Oiapoque; por conta disso, neste tópico se pretende analisar essa condição apresentando as facetas e características significativas do município, assim como dos dois territórios que são representados por elo transfronteiriço.

Além dessa questão de perceber o indivíduo migrante brasileiro, Soares (2007) faz uma análise de percepção da cidade de passagem do Oiapoque, que fica no extremo norte do Amapá

e entre a Guiana Francesa, isto é, para quem atravessa o trânsito na fronteira guiano-amapaense, há uma passagem obrigatória na cidade de Oiapoque, que está em visível conexão entre o território da Guiana Francesa.

Para falar mais desse aspecto de cidade de passagem, é necessário apontar alguns traços do território da Guiana Francesa. De acordo com Soares (2007), a Guiana Francesa conta com uma extensão territorial de 91.000 km² e é considerada um departamento de ultramar da República Francesa; “é reconhecida por apresentar o melhor padrão de vida do continente sul-americano” (Soares, 2007, p. 25). Esse fato já nos leva a pensar como a Guiana Francesa é um tipo de território que chama muitos migrantes a escolherem-na como destino, pois conta com essa definição de padrão de vida que muitos não encontram em seus territórios de origem.

A coletividade territorial ultramar da França tem uma heterogeneidade de identidades, de pluralidade e coletividade múltiplas. Ela é multicultural e uma única definição de uma identidade, uma “guianidade” (Soares, 2007), é ilusória e difícil. A população existente no território conta com os chamados *criolos* ou *créole* (população majoritária e originária) e não *créoles* (população original indígena, europeus, grupos de refugiados e *noirs marrons*, e os grupos de nacionalidades diversas, os migrantes) (Soares, 2007). Esse é o panorama multicultural e multiétnico da Guiana Francesa, uma realidade social e de convivência que chama a atenção, pois é um território localizado em uma região latina e, além de ser um departamento francês, é fronteiro, características que fazem da Guiana Francesa um local de multipresenças.

Sobre o histórico da presença de brasileiros no país, Soares (2007) afirma que a primeira noção e menção feita à presença de brasileiros remonta e está ligada a 1960. A autora, de acordo com a ideia de Castor e Othily (1984), faz uma abordagem de que em 1967 a população estrangeira somava aproximadamente 8 mil pessoas, sendo composta, em destaque aqui, por parte de brasileiros. Essa considerável presença de brasileiros, ou de estrangeiros, soma-se com a construção do Centro Espacial da Guiana em Kourou. Vale notar que a mão de obra operária foi em maior destaque de brasileiros e colombianos. Anos mais tarde, em 1982, os migrantes brasileiros constituíam cerca de 3.350 pessoas, o que representa 17,6% do total de 19.061 estrangeiros no território guianense. Ainda comparando, essa margem percentual da presença migratória de brasileiros correspondia a 4,6% da população total do território francês (Soares, 2007).

O Amapá é um estado brasileiro visto em contexto nacional como uma região periférica/estratégica (Tostes; Ferreira, 2017). De acordo com Granger (2008) e Tostes (2011), enquanto um ponto periférico se encontra afastado do centro do país e apresenta problemas

clássicos de uma região que está à margem de uma nação, como bem argumentam Beaudouin, Rieublanc e Boyer (2011) e Silva e Trindade Júnior (2013), o Amapá é englobado em uma esfera de periferia geográfica e, ainda mais, econômica do Brasil. Assim, o estado é visto sob uma emergência de condição, como: “sua condição é de enorme dependência econômica face ao Governo Central, particularmente nos fluxos comerciais e nos seus apenas 9% da receita própria, sendo o restante colmatado pela União” (Tostes; Ferreira, 2017, p. 4).

Assim, o Amapá é um estado isolado geograficamente comparado aos outros, além de pertencer à região Norte, que é uma região visivelmente à margem do país por suas peculiaridades amazônidas e economicamente precárias. No entanto, ela é estratégica, visto sua posição de portos e comércios com a bacia e floresta, e sua localização fronteiriça com a Guiana Francesa. O Amapá, de acordo com Tostes e Ferreira (2017), estende-se sobre uma área de 142.815 km², o que corresponde a 1,7% da superfície brasileira, sendo considerado um dos menores estados brasileiros e dos menos povoados.

O estado do Amapá encontra-se dividido em 16 municípios e, de acordo com estimativa do IBGE (2016), tinha, em 2015, uma população estimada de 766.679 habitantes, representando 0,37% da população do país, sendo que 59,5% se concentra na capital, Macapá (IBGE, 2016). Segundo Tostes (2011), possui em sua cultura a diversidade encontrada na região Norte e Nordeste por meio da crescente imigração vinda de tais regiões, havendo também influência cultural da Guiana Francesa. (Tostes; Ferreira, 2017, p. 3)

Em paralelo à realidade da Guiana Francesa, o Amapá contempla uma pluralidade de identidades, uma coletividade nacionalista, com migrantes internos vindos de regiões como o próprio Norte (por exemplo, paraenses) e o Nordeste. Também tem uma ligação e influência cultural fronteiriça com a Guiana Francesa, já que os dois territórios têm uma conexão e comunicação grande, como mostra o mapa a seguir (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização do Amapá e Guiana Francesa

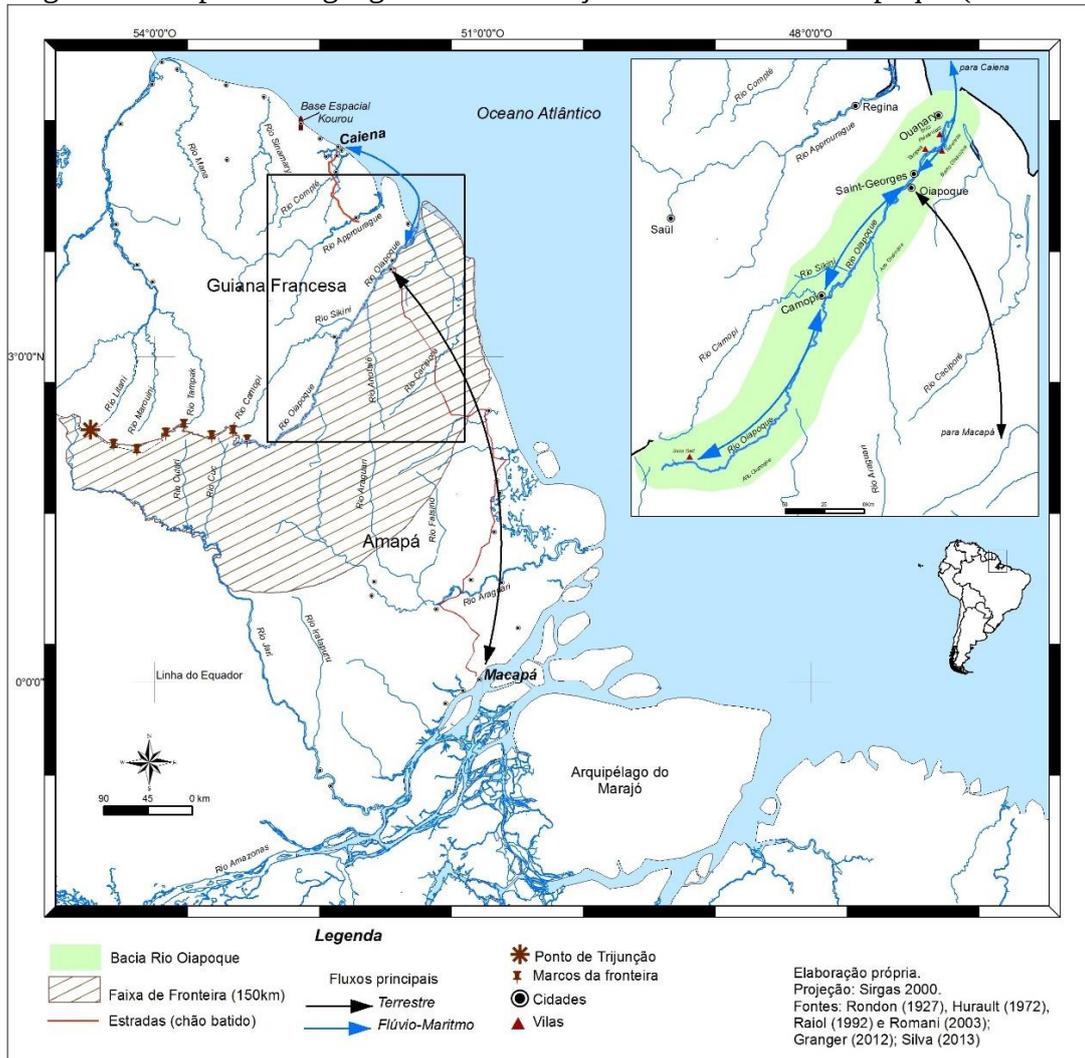


Fonte: Base cartográfica Sirgas, 2017.

A Figura 1 mostra a divisão territorial, uma visão global da fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa. Uma visão geográfica para que se possa ter um olhar atento e conhecer e reconhecer as duas esferas como vizinhas fronteiriças, vendo que essa fronteira é bem mais próxima da realidade dos brasileiros do que muitos possam imaginar e perceber.

A Figura 2 mostra visivelmente as redes ou linhas de conexão da fronteira guiano-amapaense entre as décadas de 1980 e 2010, podendo-se ver a faixa de fronteira, as estradas, a bacia do rio Oiapoque e os fluxos principais, terrestres e fúlvio-marítimos.

Figura 2 – Mapa com a geografia da circulação na bacia do rio Oiapoque (1980-2010)



Fonte: Silva, Granger e Tourneau (2019).

Oiapoque é um dos 16 municípios que compõem o estado do Amapá. De acordo com DA Silva (2005), foi criado em 23 de maio de 1945 e tem peculiaridades distantes, como a presença de militares, contando com uma sede do distrito militar de Clevelândia do Norte e com as áreas indígenas, como Uaçá, Galibi e Juminá. Além disso, ocorrem muitas migrações internas dentro do município, visto sua localização fronteiriça.

Por esse motivo, Soares (2007, p. 27) afirma e caracteriza o município como um lugar de passagem, de trânsito rápido e de fiscalização: “Oiapoque, além de passagem para garimpos, cidade de fronteira e passagem clandestina para Caiena, é sede de um pelotão de fronteira”. Ou seja, Oiapoque representa uma conexão entre os dois lados, Amapá e Guiana Francesa, e é por meio dela que os trânsitos tanto legais quanto clandestino acontecem frequentemente. Dessa forma, muitos autores a definem como uma cidade fronteiriça, como uma fronteira

internacional, já que faz menção a dois países de continentes distintos: de um lado o Brasil (Amapá) e do outro, a França (Guiana Francesa).

2.2 DÉCADA DE 1980 A 1990: GARIMPO E A CHAMADA DO *EL DORADO*

Este tópico tem por objetivo apresentar um panorama mítico e histórico da chamada de *El Dorado*, uma concepção criada entre as décadas de 1960 e 1990 a respeito da coletividade territorial da Guiana Francesa. Essa chamada impulsionou vários fluxos migratórios brasileiros e estrangeiros para o território transfronteiriço da Guiana Francesa entre essas décadas.

Camilo (2011) faz uma concepção histórica dessa misticidade criada sobre o *El Dorado* no período colonial da América Portuguesa. Toda essa desenvoltura faz com que a autora pense sobre a expansão e adentramento das fronteiras brasileiras.

As narrativas e os mapas produzidos durante as viagens de exploração e demarcação pelo “País das Amazonas” revelam que a formação da fronteira moderna não dependeu somente da amálgama científico que frutificou na Europa, ao longo dos séculos XVI ao XVIII, entendida como algo que separava dois povos (ou duas civilizações) distintos. Muitas vezes, as incursões sobre o mundo dos não civilizados eram justificadas por questões mitológicas. O mito do El Dorado é exemplar neste sentido, acompanhando a caça ao índio empreendida pelos bandeirantes ao interior da América, com o que se alargou enormemente a incorporação das terras que conformam o Brasil atual. (Camilo, 2011, p. 1)

Nesse trecho de Camilo (2011), percebe-se como as fronteiras foram criadas para a garantia de dominação não só dos territórios do “País das Amazonas”, mas também como forma de dominação e de conexão entre os povos. Esse cerco de conexão e dominação entre fronteiras criadas serve para que haja e se possibilite a inserção de mitos como o *El Dorado*.

A década de 1980 expressa um período em que a busca por ouro nas extremidades do rio Oiapoque era grande e esse fluxo de pessoas na cidade de passagem de Oiapoque à Guiana Francesa representava incômodo, estigma e indesejabilidade de ambas as populações.

Na década de 80, o município de Oiapoque passou por uma grande experiência como ponto de apoio – passagem para garimpos. Tratava-se da exploração de garimpos no médio e alto rio Oiapoque. Os garimpos situados no território brasileiro chegaram a ocupar em torno de 5.000 pessoas em atividades relacionadas com a extração aurífera naquela área. (Soares, 2007, p. 30)

A busca incessante por um caminho que trazia o *El Dorado* representa não apenas uma riqueza isolada, mas uma esperança de melhores condições de mudança literal de vida. Também

é importante lembrar e sintetizar que essa década de 1980 representou, como afirma Pinto (2008), um momento de “estagflação”:

Apenas para efeito de contextualização, na década de 1980, focos emigratórios eclodem em todo o país. Os Estados Unidos, a Europa e o Japão se transformaram em uma espécie de última esperança para os desempregados do Brasil. Na verdade, esses fenômenos devem ser vistos sob uma perspectiva mundial, pois a partir desse momento torna-se muito comum a presença de emigrantes de nações menos industrializadas nos países considerados ricos. No caso, específico brasileiro, não por acaso, a economia do país atravessava também uma grave crise: o momento de estagflação e por isso toda a década de 80 ficou comprometida ou mesmo perdida como sugerem muitos economistas. (Pinto, 2008, p. 50)

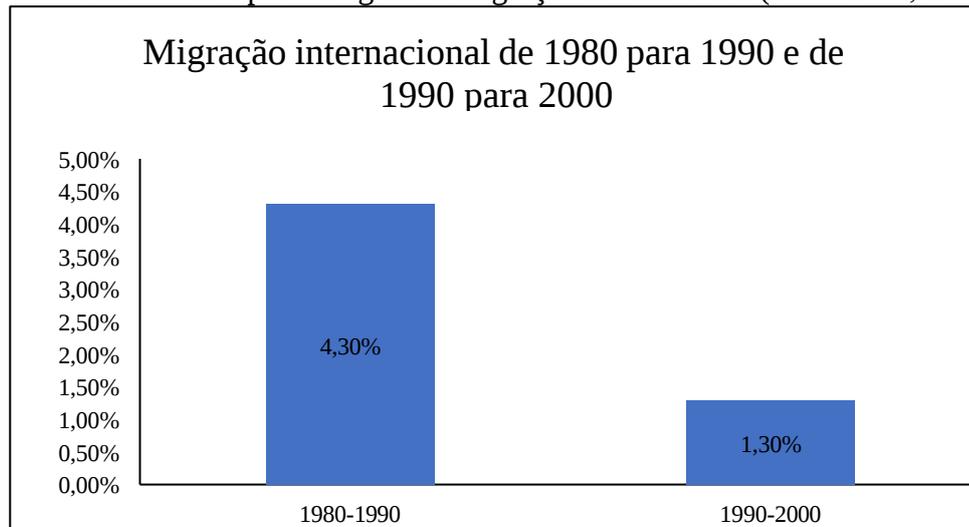
Podemos notar que a década de 1980 representou uma eclosão de emigração em todo o país. Esse fato nos faz pensar que, em momentos de crise ou estagnação significativa, países como o Brasil, que não são vistos como lugares de grande proporção industrial, demandam uma série de mobilidades emigratórias. Dessa forma, muitos outros territórios, como países considerados ricos e industrializados, que necessitam de mão de obra constante, são vistos como boia de salvação em meio ao clima turbulento, a exemplo da falta de mercado de trabalho em seu país natal.

Nesse sentido, territórios como a Guiana Francesa, que é um departamento europeu, acabam se tornando uma via de possibilidade, tendo em vista a grande necessidade de trabalho. Essa migração, analisada como “temporária” por Pinto (2008), serve para analisar como o processo migratório é entendido por muitos como uma necessidade de momento, e não encarada como uma migração fixa e permanente. Como bem expressa Pinto (2008, p. 50), “Vale ressaltar que esta migração temporária é justamente o que esses países desenvolvidos necessitam naquele momento, principalmente para suprir postos de trabalho em setores com pouca qualificação profissional”.

Ou seja, a migração é vista como uma ferramenta e objeto de ocupar lugares de trabalho com pouca qualificação e, por assim dizer, os migrantes (vistos como um objeto) têm e encaram reduzidas perspectivas de ascensão social porque são estigmatizados em um perfil que os descaracteriza. Ainda analisando esse contexto temporal, Pinto (2008) mostra o percentual grande de migração para a Guiana Francesa nas décadas de 1980 e 1990:

Da década de 1980 para 1990 o aumento foi de 4,3%, enquanto de 1990 para 2000 o aumento foi de 1,3%. Mas o que chama atenção para esses dados da Nação Unidas é a substancial manutenção do número de migrantes internacionais nos países em desenvolvimento (de 64,3 milhões em 1990, para 64,6 milhões, em 2000). Por outro lado, nos países desenvolvidos o número total de 90 para 110 milhões. (Marinucci, 2005 *apud* Pinto, 2008, p. 37)

Figura 3 – Gráfico com a porcentagem da migração internacional (1980-1990, 1990-2000)



Fonte: Pinto (2008).

Esse percentual nos mostra duas vertentes: 1) em momento de estagnação em países em desenvolvimento, há o deslocamento em massa de parte da população para territórios ou países, considerados desenvolvidos e ricos; 2) houve uma crescente onda migratória de 1980 a 1990. Essas décadas são, coincidentemente, o recorte temporal desta pesquisa, quando os interlocutores sociais selecionados foram para a Guiana Francesa em 1980 e, encaminhados na década de 1990, voltaram para o Brasil, mais especificamente para o Amapá.

O estudo de Pinto (2008) é uma das pesquisas mais clássicas sobre a migração fronteiriça entre o Amapá e a Guiana Francesa e o fetiche do emprego de brasileiros, permitindo que tenhamos uma reflexão sobre tal abordagem, porém é uma das pesquisas mais “recentes” que se tem e que traz em sua desenvoltura aspectos salubres sobre essas travessias. Isso adensa uma questão que é levantada e coloca como um aspecto de dificuldade o fato de que não foram desenvolvidas pesquisas mais recentes que essa de Pinto (2008).

Esse ponto mostra-nos um déficit de pesquisas mais recentes, de 2020 para frente, sobre estudos migratórios em uma visão de memórias de retorno de brasileiros na fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa. Esse déficit, em um direcionamento de argumentação e apresentação de dados, é tratado como uma barreira para a complementação de pesquisas que abordem tal temática. Dessa forma, este trabalho ajudará pesquisadores que abordem tais estudos a se permitirem, a se debruçarem e se impulsionarem a fazer estudos nesse sentido, de memórias dos retornados migrantes nas fronteiras.

2.3 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: BRASILEIROS NA FRONTEIRA

Neste tópico apresentam-se as dinâmicas do deslocamento dos migrantes internacionais, ou seja, dos migrantes brasileiros e brasileiras na fronteira guiano-amapaense. Para salientar essa ideia de “novas migrações internacionais”, Arouck (2000) diz que esse movimento tem um processo de translação diferente daqueles conhecidos como expansão de fronteira. Isto é, conta com características e aspectos diferenciados e específicos que acontecem propriamente nas redes existentes entre brasileiros migrantes, que fazem um círculo migratório, de fato, acontecer, conforme salienta Arouck (2000) baseado em autores clássicos dessa temática.

Como Sales (1995) e Margolis (1994) argumentam, nessa “nova migração”, as travessias e transferências se dão principalmente de áreas urbanas brasileiras para cidades de países industrialmente avançados. Assim, Arouck (2000) insere, por meio de ideias expressas por Sales (1999), que, em sua maioria ilegais, a logística e as demandas de travessia exigidas para essas migrações são custosas, caras, planejadas com antecedência e por algum momento (ou momentos) contam com o apoio e solidariedade de um imigrante antecessor, parente ou amigo que já vivera a mesma situação.

Em outro momento, o autor torna a salientar essa concepção de existência de redes sociais de solidariedade e conexão existentes entre os dois pontos da fronteira guiano-amapaense, em que “um puxa o outro” em conexão e dinâmica literal. Uma característica básica da migração internacional apontada por Tilly (1990) é a construção e fomentação de redes sociais de migração, isto é, conexões e laços estabelecidos pelos imigrantes da mesma travessia. “Este fenômeno se inicia pela implantação de núcleos pioneiros de brasileiros no exterior que, após a sua estabilização e adaptação social no país de destino, arregimentam parentes e amigos próximos” (Sales, 1999, p. 17). Assim, como expressa Sales (1999), as redes sociais são um fenômeno que se inicia com imigrantes de primeira viagem, que logo após se tornam como condutores precedentes de arregimentação de parentes e amigos próximos, e até mesmo estabelecendo vínculos de conexões de solidariedade com imigrantes iniciais.

As redes sociais de migração surgem como base de laços e fortalecimento para fomentar a migração internacional. Elas, assim como veremos neste estudo com a história de vida desses migrantes, constituem uma forma indissociável desse processo migratório transfronteiriço.

Jesus (2019) faz um estudo sobre as trajetórias, deslocamentos e dinâmicas transitórias de haitianos que saíram do Brasil e foram posteriormente migrando para outros países (Estados Unidos e México). O autor explica que, nessas transações territoriais, a questão das redes de

apoio ou redes sociais se faz presente e estas ajudam outros migrantes a disseminarem informações, isto é, informações válidas para travessias e permanências.

Após meses em trânsito por diversos países, expostos a diversas formas de abusos e extorsões pelo caminho, cerca de 20 mil haitianos entraram no de 2016 a 2017. Seguindo os passos de outros migrantes que já faziam essas travessias anos antes, os haitianos guiavam-se pelas redes sociais, nas quais circulavam informações sobre os trajetos, os obstáculos e as formas de contorná-los. O uso do celular, sobretudo do aplicativo *WhatsApp*, tornou-se uma ferramenta fundamental para obter informações de migrantes anteriores a fim de diminuir os custos e riscos das viagens (Jesus, 2019, p. 86).

Nessa exemplificação do caso dos haitianos que disseminavam informações pelo *WhatsApp*, fica perceptível como as redes de apoio entre os migrantes funcionam e ajudam a implementar migrações diversas em muitas localidades, principalmente em áreas fronteiriças.

Arouck (2000) afirma, em uma análise histórico-estrutural, que os países de acolhimento podem ter uma estrutura não encontrada nos países de origem; assim acontece com a Guiana Francesa. O autor também afirma que não houve qualquer programa governamental de natureza de atração para que brasileiros se dirigissem àquele território. O que acontece é que a mão de obra desqualificada e escassa chamava muitos brasileiros para a Guiana Francesa, também a chance de riqueza rápida devido à falácia de um *El Dorado* no território.

O autor ainda denuncia que a chegada de brasileiros no território guianense não era influenciada por uma espécie de chamamento político, mas que ela atendia aos interesses do local. Quando atendiam à necessidade local, com a mão de obra escassa, os brasileiros eram bem “vistos” e permitia-se sua entrada; no entanto, quando não faltava, a porteira era fechada, a fronteira era tida como barreira à entrada de brasileiros. Ou seja, os interesses e conveniência das autoridades locais funcionava, segundo Arouck (2000), como uma espécie de gangorra dependendo do momento e da necessidade de trabalho do local.

De acordo com Arouck (2000), o trânsito fronteiriço foi desencadeado por dois contextos importantes: 1) do lado brasileiro, as más condições macroeconômicas afugentavam sua população, impulsionando-a a ir em busca de qualidade ou melhora de vida; e 2) do lado da Guiana Francesa, a ampliação do projeto aeroespacial europeu, com a necessidade de ampliação de atividades de serviços, era vista como uma espécie de atração aos brasileiros.

A Guiana francesa carecia de mão-de-obra barata para a construção civil. A diferença cambial entre o cruzeiro (moeda brasileira na década de 1980) era de cinco para um, a favor do franco francês. Isto significava para um operário brasileiro, quando convertia o seu ganho em moeda francesa para a brasileira, um rendimento

inimaginável se comparado ao brasileiro. Essa vantagem financeira mais a carência de mão-de obra na Guiana, impulsionaram os primeiros fluxos migratórios.

A saída de brasileiros, no início, e ainda até hoje, era realizada na sua maioria em barcos de madeira (do tipo amazônico) que se arriscavam em perigosas jornadas pela costa oceânica desde Belém e Macapá até Caiena. Ou se partia desde o Oiapoque (divisa entre a Guiana e o Brasil junto ao Estado do Amapá) em viagem de menor tempo de duração.

A chegada a Caiena é obrigatoriamente realizada a noite, num desembarque na praia próxima a cidade, para fugir do controle migracional. Esses primeiros brasileiros possuíam uma origem socioeconômica e padrão cultural muito baixos, sendo a maioria semi-analfabeta, e não falavam em absoluto o idioma local, o que lhes causava grandes dificuldades de adaptação ao modo de vida francês, e facilmente podiam ser enganados pelos empreiteiros e sub-empreiteiros no que diz respeito aos seus ganhos e salários. (Arouck, 2000, p. 74)

Mão de obra barata, principalmente na construção civil, chamava muitos migrantes brasileiros a ir em busca de trabalho, vista a necessidade de sobrevivência advinda desde o Brasil com a desempregabilidade em alta, além do ganho em euro, que era maior em relação ao cruzeiro. A condição migratória enfrentada desde a ida até a chegada ao território guianense era precária e arriscada, como a ida em barcos de madeira pelo perímetro da costa oceânica ou já desde o município de Oiapoque em uma viagem de curta duração, até a fuga, na chegada, feita pelos clandestinos pelo controle migratório em Caiena.

Arouck (2000, p. 75) afirma que: “Não há no Brasil quaisquer estatísticas sobre a saída de brasileiros para a Guiana Francesa, nem o governo francês sabe informar o número exato de brasileiros que lá residem uma vez que a grande maioria imigrou ilegalmente”. O que se tem dimensão, em um contexto expansionista populacional e social, é que o número de brasileiros em território do departamento francês era significativo; as estimativas da imprensa calculam cerca de 25 mil habitantes brasileiros em solo guianense, o que representava um terço do total da população da Guiana Francesa – que, segundo o censo consultado pelo autor, era de 140 mil habitantes. Com esses cálculos aproximados, o que se reflete é a grande concentração de brasileiros na Guiana Francesa, mesmo não havendo algo documentado estatisticamente que leve a um total exato dessa presença brasileira.

A população brasileira que se dirigia à Guiana Francesa desde a década de 1960 era de clandestinos, ilegalizados, sem qualificação e semianalfabetos, em uma vantagem numérica grande em comparação com os legalizados. Essas características não são apresentadas em prol de uma homogeneização do perfil migratório, mas para indicar as condições de vida que os levaram a buscar lugares que os acolhessem de certa forma. Um perfil único migratório brasileiro e em outros variados processos migratórios mundiais é uma forma de descaracterizar o indivíduo migrante, já que passa por histórias de vidas variadas.

Apesar de identificar essas individualidades migratórias, o processo dessa migração acontece muitas vezes em um panorama de conexões coletivas, como bem esclarecem Martins, Superti e Pinto (2015, p. 389), com apontamentos de Tilly (1990): “deslocamentos populacionais não se sustentam somente por indivíduos que isoladamente decidem sair de seus países de origem, mas sim por grupos de pessoas ligadas por laços de amizade, conhecimento ou relações de parentesco”. Essas redes sociais migrantes, como já apontado, formam um sistema de laços, de ligação, que permanece como base de sustentabilidade dentro do processo migratório. Como ressaltam Martins, Superti e Pinto (2015), algumas pessoas realmente migram sozinhas, mas agem como pioneiras de um processo migratório, como reconduzentes de pessoas em territórios alheios, isto é, agem sobre um processo social e coletivo.

A migração de longa distância se vincula a muitos riscos: segurança pessoal, conforto, renda, relacionamento social, moradia provisória etc. Se nessas sociedades hospedeiras já existem parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho, a confiança sobre as redes de informações interpessoais minimizam e diluem os riscos. Portanto, assim como acontece em outros fluxos migratórios, os imigrantes brasileiros em Caiena, por exemplo, utilizam-se desses recursos sociais (das redes) para diminuir as tensões iniciais. Sem esses acolhimentos grupais, essas migrações de longa distância são seriamente comprometidas. (Martins; Superti; Pinto, 2015, p. 390)

A migração internacional é uma construção de um processo que acarreta riscos, mas com a existência de laços e conexões sociais esse processo se torna um mecanismo que assegura sua estabilidade no lugar de destino. Sem essas redes, dificilmente a estadia e a permanência no lugar de destino seriam, como falam os autores, algo comprometedor ao processo migratório.

2.3.1 Brasileiras e representatividade na fronteira guiano-amapaense

Em uma leitura e análise socioantropológica, Brigida da Silva (2015) põe em evidência mulheres migrantes brasileiras na Guiana Francesa. A autora investiga a trajetória de oito interlocutoras instaladas na Guiana Francesa e vai em busca de um propósito: identificar a maneira como elas se percebem tanto no meio profissional quanto no meio social. Para além disso, a autora utiliza-se de um conceito e contexto de representatividade dessas mulheres enquanto migrantes; pode-se imaginar um histórico não perceptível e intencionalmente apagado ou simplesmente ignorado da história e trajetória dessas mulheres.

Nos estudos sobre migração, os homens são apontados como agentes migratórios principais, no entanto, a feminização das migrações é fato que cada vez mais as pesquisas revelam. Bertoldo (2018) aponta que, em um cenário atual, a migração internacional é

majoritariamente composta pelo gênero feminino. Nesse trabalho da autora, o que é significativo apontar é que as mulheres enfrentam (não só em um cenário contemplativo atual, mas em outros tempos) a necessidade de serem enxergadas como agentes do movimento migratório pelos agentes de estados, além dos aspectos já enfrentados, de uma desigualdade de gênero e laboral, classe social e raça, ou seja, os desafios sobre a migração feminina são muitos, levando em conta a exploração e desigualdades por elas vivenciadas diariamente no movimento migratório.

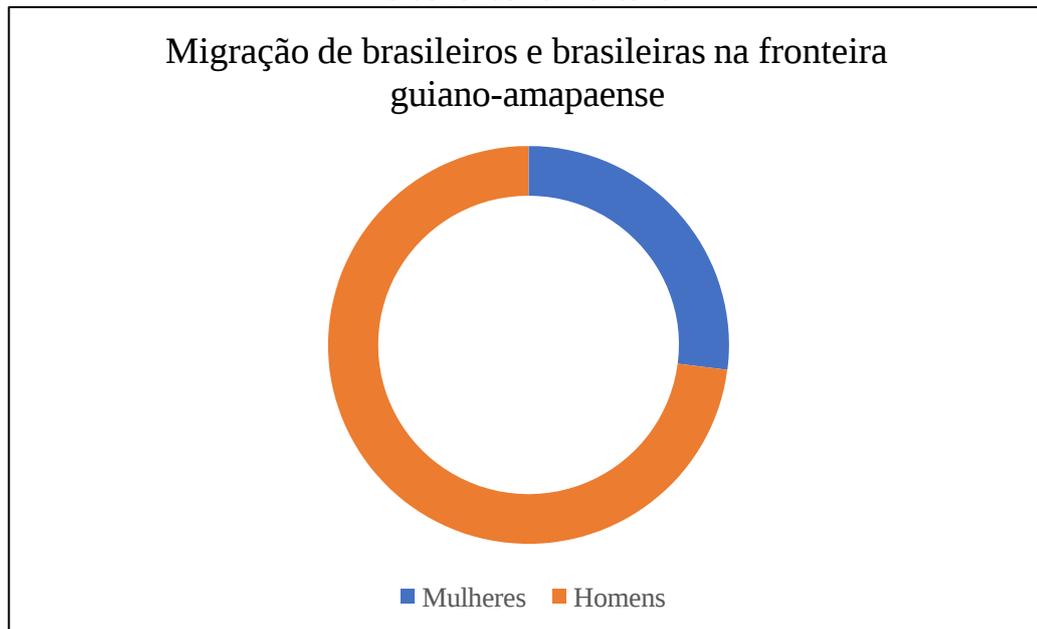
O que é preciso apontar é que a história de vida de migrantes que atravessaram a fronteira guiano-amapaense é contemplada pela história de vida não somente de homens migrantes, mas também das mulheres no campo profissional, familiar e social da migração feita nesse trânsito. Houve, portanto, assim como o trânsito de homens migrantes, os deslocamentos das mulheres migrantes no contexto transfronteiriço. Como um exemplo dessa presença antropológica, social e histórica, Brigida da Silva (2015) tenta mostrar o pertencimento, a identidade e as estratégias utilizadas pelas jovens brasileiras para se inserirem nessa realidade, ou seja, se inserirem socialmente na sociedade guianense.

Essa inserção pode ser percebida e entendida como um problema, porque elas, possivelmente, além de encararem o estigma de serem migrantes, também enfrentam um estigma por serem mulheres. As motivações apontadas por Brigida da Silva (2015) que levam brasileiras a morar na Guiana Francesa são:

Para a maioria de nossas interlocutoras, a residência atual na Guiana é resultado de uma mobilidade voluntária. No entanto, algumas motivações iniciais destacam-se, como por exemplo, motivo sentimental, o encontro de um parceiro francês no país de origem do imigrante ou no país de residência é uma das razões que levam a mudar-se para a Guiana; a fuga das condições de vida do país de origem; uma oportunidade de emprego seguido de uma estada turística; uma estada precoce na Guiana no contexto de uma imigração familiar. (Silva, B., 2015, p. 380)

Vendo essa pesquisa de Brigida da Silva (2015) como mais recente sobre as migrações que aconteceram nas décadas de grandes fluxos migratórios para Guiana Francesa, pode-se ter uma visão mais atual do contexto de trânsito de mulheres na fronteira. Como aponta Pinto (2008), segundo o depoimento de pioneiros da década de 1970 nos anos de 2004 e 2006, poucas mulheres ousavam a atravessar a fronteira, como expressa o gráfico a seguir (Figura 4).

Figura 4 – Gráfico comparativo de migração internacional de brasileiros e brasileiras na fronteira



Fonte: Pinto (2008).

Na Figura 4 podemos ver uma grande disparidade entre o número migratório de homens e mulheres, mas essa não era a única diferença; no ramo profissional nesse período, em meados da década de 1970, elas eram aceitas, basicamente, apenas como empregadas domésticas em Saint-Georges e Caiena (Pinto, 2008). Esse contexto expressa uma visão menos favorecida às mulheres, pois, como aponta Pinto (2008), as primeiras nortistas residentes em Caiena eram esposas dos imigrantes brasileiros que foram para a Guiana Francesa trabalhar em setores de construção, como em Kourou, ainda nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Ou seja, as migrantes mulheres se engajavam nessa travessia, possivelmente, para acompanhar seus parceiros, que ocupavam lugares de trabalho, de certa forma, “melhores” que os de suas parceiras, que cuidavam dos lares seus e de outras famílias.

No entanto, Pinto (2008) aponta que, em uma escala atual, a realidade viria a se modificar, visto o aumento do número de mulheres solteiras se engajando, de forma clandestina, em áreas que não ocupavam antes, como o garimpo em lugares próprios de cidades como Caiena.

Essa é uma visão positiva dos caminhos trilhados por mulheres migrantes em solo guianense, mas mesmo com avanços em relação à vida profissional, as brasileiras, em um contexto mais atual do que nos estudos de Pinto (2008), mostram-nos que, na tentativa de permanência na Guiana Francesa, as mulheres ainda adotam medidas e estratégias convencionais, como nos ilustra Brigida da Silva (2015, p. 392): “Uma das estratégias

recorrentes é o recurso ao matrimônio: com efeito, casar-se permitiu à maioria dentre elas ficar no país e buscar mais calmamente um emprego ou vislumbrar outros caminhos para sua introdução profissional”. Isso demonstra que a permanência de mulheres migrantes brasileiras na Guiana Francesa ainda é em decorrência e dependência de seus maridos e parceiros.

2.3.2 Cooperação transfronteiriça guiano-amapaense

Compreender a chegada e a presença de brasileiros e brasileiras em solo guianense-francês é também estudar e analisar os comportamentos dos agentes federais ou políticos das zonas fronteiriças, ou seja, perceber que a mobilidade migratória insere questões transcorridas sobre vários séculos: a existência de cooperações. O histórico, os acordos que se mantêm entre as díades fronteiriças, ou seja, entre o lado brasileiro e o lado francês, sobre os processos migratórios e seus trânsitos.

Martins (2016) nos mostra e chama atenção para uma reflexão que propõe o entendimento de como os atores envolvidos com esses deslocamentos, tanto o governo quanto os agentes locais desses lugares, lidam com esses processos de migração internacional. A autora nos indica que as nações (Brasil e França) muito se aproximam territorialmente, mas se distanciam em suas constituições e recursos ao poder de cooperação. Isso desencadeia uma série de barreiras institucionais, uma série de fatos que nem sempre se ajustam a um formato institucional criado pelas relações internacionais. Assim sendo,

As zonas fronteiriças são lugares construídos pelos indivíduos que nelas moram e transitam, são eles que migram de um lado para outro, realizando trocas, estabelecendo vínculos, constituindo práticas sociais e culturais; ainda assim, apesar da intensa interação, essa mobilidade expressa o transitar entre nações distintas. Nesse ponto se insere a urgência em dedicar atenção tanto à reflexão sobre a ampliação das práticas sociais, como também no que se refere à organização das regras coletivas. (Martins, 2016, p. 39)

Essa concepção é importante porque assim se tem a dimensão de como as zonas de fronteira são lugares de concentração migratória, seja transitória, seja permanente. Diante delas ocorrem trocas afetivas, sociais, culturais, ou seja, trocas interacionais. Não obstante, a autora alerta que, apesar de toda essa troca, ela ocorre no transitar de duas nações, que são distintas. Também nos informa que toda essa prática de cooperação transfronteiriça traz uma imposição de adaptação de regras coletivas, isto é, os paradigmas de uma aliança fronteiriça acabam por transpor barreiras e regras que interferem na sociabilidade e nos processos transacionais.

Martins (2016) faz uma abordagem rápida e precisa sobre a categoria de migrantes laborais, que são migrantes transfronteiriços que partem para o outro lado de uma fronteira em busca de oportunidades de trabalho. Tendo como base as ideias de Massey (2003), aponta que:

O autor sugere uma posição intermediária entre uma fronteira aberta e restrições draconianas aos movimentos migratórios internacionais. Ao invés de tentar desencorajar imigração através da repressão, os decisores políticos devem reconhecer a imigração como parte natural da integração econômica mundial e trabalhar multilateralmente para gerir esses fluxos de forma mais eficaz, para que de modo cooperativo se torne possível aos Estados maximizar benefícios e minimizar custos, tanto para as sociedades de envio, quanto para as de acolhimento. Em suma, a migração internacional deve ser reconhecida como uma parte inseparável da globalização econômica e estar sob a égide de acordos multilaterais mais amplos de regulamentação do comércio e investimento. (Martins, 2016, p. 40)

Uma fronteira como barreira política e econômica não impede que a migração internacional de fato aconteça; na realidade, mesmo que esta seja reprimida ou restringida, continua acontecendo de forma ilegal e clandestina. Esse fato leva muitos migrantes a passarem por travessias e realidades precárias e perigosas, o que fere o direito humano de ir e vir dessas pessoas. A cooperação transfronteiriça, que serve como um eco de interesses políticos isolados e individualistas, não serve como política de acolhimento ou até mesmo de prevenção desse movimento migratório. A globalização mundial nos leva a uma conotação histórica e de entendimento atual de que a migração internacional é um movimento de não contenção, mas pode estar sob a égide de regulamentação em reajuste com os lugares tanto de envio quanto de acolhimento.

Historicamente, Brasil e França não possuem laços estreitamente de “amizade”, suas relações foram envolvidas por conflitos relativos à demarcação dos limites internacionais desde o período colonial português. O conflito definido, dessa forma, fora apenas entendido como solucionado em 1900: “com o Laudo Arbitral Suíço que definiu 655 km de fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, sendo que desses 360 km são constituídos pelo rio Oiapoque” (Martins, 2016, p. 44). Em termos legais, toda essa competição parecia ter terminado, porém suas relações ainda eram pautadas pela indiferença, como aponta a autora. Contudo, com o passar do tempo, essa indiferença deu lugar a um Acordo-Quadro de Cooperação Brasil-França. Isso significou um avanço no entendimento do fortalecimento de laços, institucionalizando uma cooperação de caráter transfronteiriço que acarretava uma aproximação entre os dois países.

A cooperação transfronteiriça aproxima as nações não apenas de forma política, mas de muitas formas, uma delas é a aproximação dos atores locais de cada território. Por esse fato, Martins (2015) ressalta que a participação desses agentes é significativa, visto que são estes que

fazem a fronteira acontecer por um aspecto não só geográfico, mas socialmente, antropológica e historicamente. Carlos Silva (2004) afirma que em uma cooperação transfronteiriça há o envolvimento de múltiplos atores, e esses mesmos agentes podem ajudar a verificar, definir e reter determinadas situações problemáticas ou que desenvolvem conflitos e necessitam de uma resposta. Nesses diversificados autores e agentes há a inclusão de grupos como de pressão, de movimentos sociais, mídia, associações e profissionais diversos. “Tal concepção corresponde ao imperativo de uma cooperação descentralizada e de acordo com uma abordagem da ‘base para o topo’ (*batom-up*)” (Martins, 2016, p. 48). Isto é, são múltiplos indivíduos que devem cooperar e fazer dessa cooperação transfronteiriça um projeto ou base realizável.

Essa percepção é uma ideia que contempla o verdadeiro sentido de uma cooperação transfronteiriça e suas conexões, pois a “base”, como chama a autora, nada mais é que as populações existentes entre as zonas fronteiriças. Sem essa base só existe um acordo nulo entre os interesses governamentais ou políticos que não almejam ou que não vislumbram o trânsito, que vai para além de uma questão apenas geográfica de delimitação territorial, que acontece independentemente de cooperação ou não entre as duas nações.

Em uma interpretação histórico-social, há de se notar que a história de vida das pessoas que tramitam as fronteiras dos diversos territórios, sejam eles quais forem, diz muito sobre a fronteira, como ela se constrói e se desenvolve na ligação de díade. Assim, pode-se destacar que o principal papel da fronteira é conectar vizinhos e possibilitar diversas interações internacionais” (Kolossoff, 2005, p. 612), ou seja, é necessário desenvolver uma conexão segura entre estados, países ou regiões interligadas, pois só assim se elimina um significado de tensão e conflito entre as fronteiras.

Nesse sentido, as fronteiras se tornam um ambiente, uma extensão de sociabilidade e de conexão, se tornam, entre outras palavras, “permeável” (Kolossoff, 2005). A permeabilidade delas diz respeito à flexibilidade entre dois pontos ou extensões de dois territórios, ou seja, acaba por fazer com que esses territórios mantenham uma cooperação existente entre eles, o que é bom, pois permite que as fronteiras flexibilizem seus papéis de “barreira”.

Entretanto, nem todas as fronteiras nem toda a cooperação transfronteiriça seguem essa função; por exemplo, a “cooperação” ou laços existentes entre a fronteira franco-brasileira, ou a fronteira entre França e Brasil. O que é possível ressaltar é que mesmo com a proximidade e cooperação transfronteiriça existente entre os países, sua relação ainda é precária, periférica e distante. Em palavras mais sucintas, desde seus conflitos territoriais, a dinâmica entre os dois extremos é caracterizada como uma relação conflituosa, obviamente, no entanto, a partir de

suas limitações fronteiriças, de acordo com o histórico de tratados ou acordos que fizeram com que esse limite fosse determinado, ambas as gestões (francesa e brasileira) fizeram a fronteira ser dada como esquecida (Silva; Granger, 2016). Assim, pode-se dizer que quando se fala sobre a fronteira em um aspecto “esquecida”, não é que ela deixou de existir ou que não há um sistema de cooperação fronteiriça, a questão é que as políticas públicas existentes nas duas extremidades ainda são distintas, ou seja, não há um laço fortalecido, principalmente voltado ao fator migratório.

Isso é bem expresso no histórico de cooperação entre os dois países, que apesar de terem assinado 100 acordos bilaterais, somente algumas poucas ações dessa “aliança” foram de fato efetivas após as últimas duas décadas. Portanto, como pode-se constatar pela análise da pesquisa, França e Brasil estão em uma fase inicial da Cooperação Transfronteiriça, ou seja, ainda muitos acordos devem ser colocados em pauta, pondo esse sentido de cooperação em fase de desafios a serem superados numa escala internacional e nacional (Silva; Granger, 2016), desafios esses que envolvem os sujeitos sociais, os migrantes. Essa é a grande pauta a ser discutida a partir de então, pois a fronteira só existe, ou melhor, só passar a ter uma visibilidade por meio dos processos de fluxos de pessoas na dinâmica fronteiriça.

3 TEORIZANDO O RETORNO NA MIGRAÇÃO: MEMÓRIA DE MIGRANTES BRASILEIROS E BRASILEIRAS

Nesta seção, o intuito é apresentar uma teorização acerca da migração de retorno. Que a migração é fato social e espacial que funciona para conferir inteligibilidade a processos sócio-históricos das populações é tese estabelecida nos estudos sobre migrações. No entanto, o retorno migratório ainda carece de reflexões. Mezzadra (2015) aponta para o conflito entre a força de estruturas sociais que impulsionam a migração e a escolha dos migrantes na decisão por migrar, na qual se encontra a subjetividade do migrante, que se entende nesta reflexão como chave de interpretação para conhecer os significados do processo migratório na dinâmica produtora de subjetividades.

Nas premissas teóricas do principal autor que desenvolve uma escrita voltada para a conceitualização e estabelecimento do retorno de migrantes, Sayad (2000b), aponta-se, por exemplo, como sua principal ideia, que o retorno é algo inerente a todos os migrantes, independentemente de sua dualidade histórica e identificatória: “emigrante ou imigrante”. A seguir, serão feitos e identificados os apontamentos que Sayad expressa, conectando suas ideias e revelando as abordagens de uma concepção de “volta”, do retorno.

Também importante indicar que, além de premissas introdutórias teóricas sobre o caminho de “volta” e da questão do retorno sob um apontamento e olhar de Sayad, por meio de uma inserção de pesquisa bibliográfica, há também neste capítulo um desdobramento macro e denso das metodologias de história de vida, ou seja, da história oral.

3.1 MIGRAÇÃO DE RETORNO: “O CAMINHO DE VOLTA”

A migração de retorno é uma abordagem e conceito que envolve muitos aspectos do processo migratório, desde seu processo inicial ao seu processo final, pois como bem expressará em algumas de suas teorias sobre a questão do retorno, Sayad (2000b) nos fala sobre essa dinâmica e como ela se revela e é expressa desde a emigração, imigração e permanência ou não que se dá nas extremidades dos territórios envolvidos.

Não é o intuito deste trabalho fazer uma análise densa sobre a ida de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa, porém, é preciso pontuar que, desde o início do processo migratório, o migrante tem em seus planos – mesmo que seja apenas em pensamento – a cogitação de uma volta. Isso, possivelmente, acontece por vislumbrar o que para ele ou ela é uma realidade ainda desconhecida, ou seja, o indivíduo migrante desde sua saída sabe em um

sentido lógico e racional que pode enfrentar situações que desconhece, passar por desafios que podem intervir em sua permanência e continuidade no território de destino.

Essa ideia expressa a simbologia do retorno, um processo de circularidade migratória em que a finalidade ou fator final do processo, quase sempre, é a volta para casa. Por outra perspectiva, o retorno possui uma condição estrutural, isto é, não é somente um planejamento ou uma ideia fixa, realiza-se perante as dinâmicas sociais, no trânsito físico e nas condições estruturais do sistema migratório. Como exemplo dos fatores formais da migração de retorno, temos as estruturações de fluxos e polos internacionais existentes nas zonas de fronteira. Perante isso, surge um circuito integrado (Fazito, 2005), que são as etapas e os condicionantes migratórios. Como exemplo disso, podemos imaginar um diagnóstico das fases, tendo a ideia de cinco fatores: 1) análise de escolha de local de destino; 2) processo de emigração, saída do país de origem; 3) processo de imigração, entrada no local de destino; 4) adaptação e habitação; e 5) retorno.

Além desse aspecto de polos estruturais, tem-se a formalização do que Fazito (2010) chama de redes sociais, que estabelecem padrões informativos e de amparo à migração que formalizam uma estruturação de convívio dentro e fora da fronteira. Portanto, a migração é um processo que impacta o migrante tanto em suas temporalidades quanto em suas espacialidades. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo que o migrante vive no presente, no seu cotidiano, ele também vislumbra o seu futuro e passado, com seus projetos, objetivos e sonhos e um anseio nostálgico pela sua vivência no passado.

O migrante é aquele que, ao se deslocar espacialmente, encontra-se num espaço contraditório de provisoriedade subjetiva, onde há o desejo de retorno e de permanência real e efetiva, no qual existe a necessidade de prolongar sua estada, surgindo um contexto sociocultural específico. A própria mudança espacial neste contexto implicaria uma mudança temporal, na qual o acontecimento “migração” demarcaria o presente, o passado e o futuro. A identidade do migrante estaria ligada a essa temporalidade, permitindo um sentimento de familiaridade interligando esses três tempos. A sensação de provisoriedade funcionaria como uma “âncora” que lhe permitiria sobreviver longe (especialmente) de sua história, de suas crenças, valores, costumes, enfim, de tudo que lhe era conhecido, familiar, mas que agora está afastado. Pensar na possibilidade, mesmo que remota, de seu retorno lhe permitiria assegurar-se como indivíduo numa “sociedade estranha”. (Costa, 2007 *apud* Baptista; Campos; Rigotti, 2017, p. 3)

Segundo essa ideia, a migração é uma mobilidade que discorre sobre dois elementos: o tempo e o espaço; a permeabilidade dos espaços permite e implica uma mudança temporal. O tempo é uma característica dos espaços no que tange à ideia de que ele não para e o processo ocorre nessas divisas espaciais e territoriais; isso quer dizer que, assim que a migração acontece,

há reajustes tanto espaciais quanto temporais, as dinâmicas populacionais e territoriais são alteradas e o processo migratório, ao mesmo instante, perpassa por todos os tempos: presente, futuro e passado.

De acordo com Baptista, Campos e Rigotti (2017), esse processo de permeabilidade e as condições dos locais fazem o imigrante decidir por um dos dois caminhos: o retorno ou a permanência. No entanto, podemos fazer um exercício de análise da situação migratória, em que o imigrante, condicionado a uma situação que dificulta sua permanência, continuará, mesmo assim, por “optar” ou decidir sobre os dois caminhos. Em muitas ocasiões, tendo o exemplo da fronteira guiano-amapaense, a permanência ou não no lugar de destino não faz parte de uma escolha, mas sim de uma imposição – como o endurecimento de regras de migração –, essa é realidade de muitos migrantes que transitam entre os territórios sob a condição de clandestinidade.

Todavia, há de se compreender o caso de quem tem a possibilidade de definir uma escolha. O convívio e o afastamento de seus laços parentais e conexões, muitas vezes, gera um sentimento de dúvida e desconforto do indivíduo migrante em um território desconhecido, e assim sendo, ele opta por retornar.

Do ponto de vista das técnicas de mensuração, tendo por foco as pesquisas feitas no Brasil (Ribeiro *et al.*, 1998; Ribeiro e Carvalho, 1998; Carvalho, 2004), conclui-se que as migrações de retorno exercem grande impacto sobre o processo social das migrações, contribuindo definitivamente para o fortalecimento e expansão dos fluxos migratórios (Fazito, 2005). Sendo o retorno uma condição intrínseca ao migrante, a perspectiva histórica é sempre essencial para a compreensão dos fluxos migratórios, pois seria de se esperar que os lugares que foram origem no passado passem a se constituir em destino para antigos emigrantes.

De uma maneira geral, admitimos que o retorno não ocorre pura e simplesmente por um “sucesso” ou um “fracasso” econômico no mercado de trabalho de destino, mas também se relaciona com o próprio ciclo de vida dos migrantes, bem como com os períodos históricos que marcaram as diversas regiões. (Baptista; Campos; Rigotti; 2017, p. 3)

A migração de retorno é algo previsto ao migrante e, assim sendo, impulsiona grandes fluxos migratórios, isto é, a emigração é algo que ocorre porque o sentido de volta está contido nos indivíduos migrantes, é como dizer que se algo der errado ou se os desafios forem muitos e sem terem condições de permanência contínua, sempre esses indivíduos terão para onde voltar. Desse modo, um território que antes era considerado lugar de origem, nessa situação, passa a uma nova modelagem, passa a ser visto como um lugar de destino para os antigos emigrantes, ocorrendo um movimento inverso do inicial.

No entanto, é preciso pontuar que esse retorno não está associado a um fracasso ou a um sucesso, um sinal de que seus objetivos alcançados acabaram. Reduzir os parâmetros transacionais enquanto agentes migratórios é reduzir ou quase anular uma história marcada por modificações internas e externas, de aspectos variados e interdisciplinares.

Pereira e Siqueira (2013) sinalizam outra questão sobre o retorno, reverberando que, segundo uma ideia e afirmação de Sayad (2000b), as estatísticas macro do sistema e estudos migratórios revelam que muito se aponta a questão das dinâmicas de saída da população. Diante disso, o aspecto de retorno é esquivado, deixado por esquecido e escondido. O que tudo isso pode nos dizer é que a questão do retorno, sendo deixado à deriva, mascara estudos que possam nos revelar mais sobre os processos migratórios, pois o retorno é também parte integrante dos processos globais de migração. Essa questão nos faz ter a consciência e discernimento de que o processo migratório não se reduz a uma perspectiva de saída, mas de volta também. Como as autoras afirmam, entre várias motivações, os desejos e objetivos dos indivíduos migrantes caminham na direção, de ganhar dinheiro, retornar e mudar sua condição social.

O processo de migração de retorno é uma direção de todo indivíduo migrante, ou seja, como Pereira e Siqueira (2013) interpretam, a condição de retorno é algo válido a ser pensado e analisado, pois diversos migrantes acabam, muitas vezes, “optando” por esse caminho/volta, mesmo que, em vários casos, esse aspecto do retorno seja adiado e que se dê validade maior à permanência no território de destino. Continuando na mesma premissa, todo migrante tem uma percepção, mesmo que mínima, do retorno:

A perspectiva é, a curto ou longo prazo, um dia retornar para seu ponto de partida. Em vários fluxos migratórios, de curta ou longa distância, de trabalhadores desqualificados ou altamente qualificados, homens ou mulheres, o desejo do retorno concreto está presente, seja ele um retorno para visitar ou um retorno permanente. (Pereira; Siqueira, 2013, p. 119)

Isso tudo expressa que o deslocamento migratório almeja o retorno, em algum ou alguns dados momentos, seja em retornos apenas esporádicos ou de visita ou um retorno permanente, seja esse deslocamento de caráter longo ou em curto prazo. Para Sayad (2000a), o retorno é intrínseco à migração; esse argumento do autor se tornou uma importante inovação nos estudos sobre migrações. Para ele, cada indivíduo vivencia singularmente o processo migratório; mesmo que essa migração seja em massa, de forma coletiva, é a experiência subjetiva de cada sujeito que qualifica a decisão pela migração. Entretanto, não se desvencilha de conter essa mesma unidade somada a algumas características semelhantes e complexas: “Dentre essas inúmeras reações semelhantes e diferentes aparece a noção de retorno” (Sayad, 2000a, p. 10).

Dessa forma, atemo-nos à migração como um processo de “ida”, mas que também pode significar uma “volta”.

Essa “volta” não é representada de forma completa ao sentido literal da palavra, pois o emigrante pode também se tornar imigrante à sua localidade de destino. Sendo que os espaços e tempos não permitem a nenhum ser humano se fazer e estar presente em dois lugares ao mesmo tempo, em um está ausente e em outro está presente; essa ausência pode significar um afastamento não só físico, mas mental e social dentro do país de origem e suas relações nessa localidade, representando-se de forma vinculativa ao termo “estrangeiro”, ao “não nacional” ou “o que veio de fora e voltou”.

É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o “ter-estado”, não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não o permite. (Sayad, 2000b, p. 11)

No entanto, Sayad também expressa, além dessa categoria e irreversibilidade do tempo, uma dicotomia bastante paradoxal porque assim como o tempo, ao mesmo instante, nos revela que não se pode estar em dois lugares, o imigrante, enquanto parte condizente do seu estado nostálgico pode, mesmo que de forma ilusória, participar de dois lugares, ainda que em um esteja materialmente e em outro de forma mental e sentimental.

Já se disse que a ubiquidade era o sonho de todos os deslocados, de todos os transplantados, mas a ubiquidade – estar presente em dois lugares diferentes ao mesmo tempo, estar e ter estado, ou ainda estar no presente e estar no futuro simultaneamente – não faz parte da condição humana. Porém, ilusoriamente, e por uma ilusão que é coletivamente sustentada por todos os parceiros envolvidos, os emigrantes-imigrantes em especial, seu grupo de origem ou sua sociedade, a sociedade de sua imigração, (*illusio collusio*), o imigrante está aqui e lá, está presente e ausente ou, invertendo os termos, não está nem aqui nem lá, nem presente, nem ausente. Está duas vezes presente e duas vezes ausente: aqui, ele está presente física e materialmente, de maneira corporal apenas, e ausente moral e mentalmente, em espírito; lá, ele está nos fatos, física, material e corporalmente ausente, mas está moral, mental, imaginária e espiritualmente presente. (Sayad, 2000c, p. 20)

Nesse contexto, o migrante não pode estar necessariamente, fisicamente ou materialmente em dois espaços ou ambientes ao mesmo tempo, mas isso não quer dizer que há a ausência completa deste em um desses lugares. Sua mente, sua moral, sentimentos nostálgicos ou sua imaginação consistem e se fazem presentes, de certo modo, no lugar em que seu corpo não se materializa. Dessa forma, há essa dicotomia de presença e ausência, nem aqui nem lá, ou seja, o que a leitura de Sayad nos faz refletir é que o indivíduo que migra tem duas formas

distintas de ser e tornar-se presente, mesmo que, de alguma forma, pareça estar ausente. Há, nesse sentido, a conexão entre os lugares, principalmente quando há espaços “ligados” por fronteiras, há um fio condutor mesmo que essa fronteira haja como barreira física, administrativa e política, pois essa conexão não depende dessa barreira física para existir.

Ao longo de uma pesquisa realizada na França sobre as condições do retorno, denominada como reinserção dos imigrantes em seus países de origem – prática que os poderes públicos desejavam encorajar por meio especialmente de incentivos, – um pesquisador-investigador recebeu uma resposta muito procedente de um dos seus entrevistados, antigo trabalhador imigrante, a quem, em seu local de trabalho, ele havia perguntado: “Você quer retornar para sua terra, para seu país?”. A resposta foi: “É o mesmo que perguntar a um cego se ele quer a luz!”. A questão posta desta maneira já continha em si a resposta que se impunha como a única lógica, na medida em que, no fundo, ela convidava o entrevistado a voltar para a sua terra, para o seu país, o que é, na visão do senso comum, totalmente normal, inclusive natural. (Sayad, 2000b, p. 11)

Neste trecho, Sayad (2000b) interpõe que a questão do retorno é algo natural e válido ao migrante, pois existe, desde sua emigração do seu país de origem, a condição e a opção de voltar a ele. Por essa razão, a resposta do imigrante é tão explícita e evidente.

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem -se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra. (Sayad, 2000b, p. 11)

Assim, a pretensão migratória, mesmo que pareça impossível e improvável em dado momento, é em seu anseio mais íntimo e nostálgico representada como o retorno. Mas reiterando que “[...] não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico)” (Sayad, 2000b, p. 12), isto é, “voltar” não concebe como uma volta literal, voltar no tempo, voltar para a sua terra natal sem que as coisas, as dinâmicas e os ambientes tenham mudado e que o próprio migrante tenha mudado. Uma vez que deu o ponto de partida, a emigração, o migrante já não é o mesmo de antes do processo migratório, ele vive experiências e provações únicas. Dessa mesma forma, os espaços e tempo correm e mudam com ele também.

Nesse sentido, viver em outra sociedade que não a sua, onde nasceu e foi criado, não é fácil, pois a motricidade das dinâmicas temporais, sociais, econômicas, políticas e geográficas fazem toda uma estrutura sofrer alguma modificação, por menor¹ que seja, tanto de um lado

¹ Expressa-se, nesse contexto, que a palavra “menor” não representa completamente uma visão minimalista, porque as transformações migratórias são realidades que modificam, mesmo que isso pareça invisível aos olhos de quem condena o processo migratório, suas estruturas e permanências. Assim sendo, a migração é um ato de mudança, não só de ambientes, mas de estruturas que parecem consolidadas, e isso é o que intriga e incomoda uma noção de nacionalidade.

(território de destino) quanto de outro (território de origem), principalmente em esferas transfronteiriças. O retorno é a esperança que motiva o indivíduo migrante, pois se tudo der errado, ele tem para onde retornar.

A questão do retorno – que pode constituir um verdadeiro objeto de estudo, pois ela é principalmente da ordem do fantasma que ronda as consciências – representa uma das dimensões essenciais dessa antropologia, na medida em que pressupõe necessariamente vários modos de relações: uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da imigração presente; uma relação com a terra, em todas as suas formas e seus valores (a terra natal), inicialmente, em sua dimensão física ou geográfica e, em seguida, em suas outras qualificações sociais, o espaço físico sendo, em suma, apenas a metáfora espacial do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar. Todas essas relações se mantêm entre si, são solidárias umas com as outras, e a unidade que formam é a mesma que constitui o assim denominado ser social. Da mesma forma que muitos outros temas recorrentes, tais como o exílio e a nostalgia, o tema do retorno se integra, através de todas as expressões conferidas pela linguagem comum, à série dos grandes mitos propostos à explicação da história e à elucidação da pessoa humana, que tendo sido a ela totalmente incorporados, são dela como a encarnação viva. (Sayad, 2000b, p. 12)

Entende-se, dessa forma, como Sayad (2000b) aponta, que o retorno pode ser um verdadeiro objeto de estudo, agir como um meio metodológico para compreender e decifrar alguns pontos que são complexos, mas agem no processo total da migração, porque o retorno é uma concepção, uma ideia fixa e imaginária de qualquer indivíduo migrante e de seu grupo social. O autor aponta, ainda, em outro trecho, que o retorno é também por meio do imaginário e das fatalidades “uma temática da memória” (Sayad, 2000b, p. 12), pois é por pensar no retorno que o migrante compõe uma história e uma memória voltadas a suas vivências, rupturas e experiências concretas e válidas para serem documentadas e preservadas. Assim sendo, memória e retorno constroem em conjunto uma abordagem metodológica e teórica capaz de formar uma história que acesse abordagens pouco, ainda, aplicadas.

Sayad, com todos os seus apontamentos e teorias, torna-se um autor clássico e fundamental para a explicação e uso conceitual e metodológico do retorno, pois expressa que esse retorno é uma parte indispensável para se pensar a concretude e a ideia do acontecer e do próprio desenvolvimento da migração, isto é, sem ou com retorno esse é um fato constantemente presente no processo total de qualquer migração.

3.2 METODOLOGIA: ENTRE A TEORIA E A HISTÓRIA DE VIDA

A metodologia proposta é um conjunto entre a investigação contextual, das bibliografias necessárias que abordam e apoiam a temática em questão, e a construção e realização de entrevistas em prol de contribuir para o desenvolvimento de uma história de vida dos trabalhadores migrantes brasileiros na Guiana Francesa entre os anos 1980 e 1990, ou seja, essas entrevistas foram realizadas pelo método qualitativo da história oral.

Para entender a necessidade de utilizar a história oral como método, é importante ressaltar o que é a pesquisa qualitativa. Gonçalves e Lisboa (2007), que apresentam um artigo sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida, fazem uma abordagem de explorar a história oral como um método de pesquisa, pesquisa qualitativa, ou seja, apresentam questões e pontos importantes que validam esse método como uma pesquisa científica. Sendo assim, as autoras se concentram na modalidade de trajetórias de vida como uma perspectiva de construções e percepções históricas e sociais que utilizam diferentes técnicas de entrevistas para possibilitar a visibilidade e dar espaço de fala aos sujeitos vistos e encarados, pela sociedade, até então como invisíveis.

Partindo dessa ideia, as autoras introduzem o texto sobre as técnicas de pesquisa que o ramo do Serviço Social² possui; como sendo uma área investigativa das questões sociais, é preciso compreender e saber que as pesquisas nesse ramo muitas vezes extrapolam as informações contidas em registros ou cadastros de instituições ou organizações. Em poucas palavras, revelam-nos que, para uma pesquisa mais real e válida da sociedade, é preciso escutar e entender aqueles que vivenciam o verdadeiro cotidiano do mundo social. “Para recompor estas experiências concretas, históricas e vivas, portanto, é preciso também escutá-las” (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 84). Então, as autoras relatam que é por meio da história oral, tendo como foco principal a trajetória de vida, que conhecemos outro lado da pesquisa: a pesquisa humana.

Dessa forma, a história oral tem seu significado e importância científica, pois ela tem a possibilidade de ser exploratória e investigativa. Para complementar essa fala, as autoras esclarecem mais sobre as pesquisas qualitativas, que abrangem a história oral, dizendo que esse tipo de pesquisa é a união entre o pensamento e a base material, entre a subjetividade dos interlocutores pesquisados e o mundo objetivo. Assim, podemos concluir com essa parte que a pesquisa qualitativa por vezes não se opõe à visão quantitativa, ao contrário, elas se

² Área por elas pesquisada, na qual se atém o maior olhar científico das autoras.

complementam (Minayo, 1996), podendo assim formar uma ideia ou pesquisa mais próxima do real, do meio científico.

Esta forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente. (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 84)

A pesquisa qualitativa é, assim, uma pesquisa que viabiliza a história social, a história vivida, a história humana. Martinelli (1999) ressalta três principais pontos que exercem a importância da pesquisa qualitativa: 1) o seu caráter inovador; 2) a sua dimensão política; 3) por ser um exercício político. Ou seja, respectivamente, esses pontos ressaltam que a pesquisa está presente na busca pelos significados inseridos pelos sujeitos às suas experiências sociais; que ela parte da realidade vivida pelos sujeitos e a eles retorna como um pensamento crítico e criativo; e que ela é uma construção coletiva, contida na realização da complementariedade, não na seletividade ou exclusão. Para finalizar a contextualização e o entender da pesquisa qualitativa, as autoras nos revelam que o objeto de estudo – os sujeitos, os seres de estudo – estão e estarão sempre em estado de transformação, já que são fluidos e não permanentes, estão sempre em estado de mudança.

Nesse sentido, de entender que a pesquisa qualitativa está em condicionamento ou que acompanha a vida em seu estado de ser e transformação, é que a história oral entra, pois, como bem conceitualizam as autoras, ela é a “base primária para a obtenção de toda forma de conhecimento, seja ele científico ou não” (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 85). Para Queiroz (1987), o relato oral está presente desde que a humanidade se entende como tal, vem acompanhando-a desde sua existência, já que a história oral é entendida e vista como difusão do saber. A palavra, o falar, o relato oral, segundo Queiroz (1987), antecedeu o desenho e a escrita. O relato oral foi o que possibilitou a existência do entendimento e o saber humano.

Para Thompson (1992), a história oral é tão antiga quanto a história por si mesma, pois, como ele afirma, ela foi a primeira forma do que se entende de história. O ser humano e a ciência, quando começam a entender toda essa importância, vão pouco a pouco valorizando-a, à medida que se percebe que os dados estatísticos não expressam alguns pilares importantes para as ciências humanas, como os comportamentos, as emoções e os valores, que só podem ser conhecidos pelo relato oral de um humano. “A história oral tem desvendado questões outrora obscuras a partir da investigação da realidade desses sujeitos, das suas ações e relações

que se ocultam nas estruturas sociais” (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 85). Não há como todos esses aspectos serem percebidos somente em papéis e documentos institucionalizados.

Para Camargo (1987), o discurso do ator social é uma fonte que tem um significado lógico e se estrutura como uma espécie de “linguagem” (Gonçalves; Lisboa, 2007), podendo revelar fenômenos sociais que escapam da visão fria e distante do(a) pesquisador(a), que se atém somente à visão estrutural. Para Alberti (1990), a história oral é um método de pesquisa das ciências humanas que usa entrevistas com pessoas que participam ou testemunharam acontecimentos importantes para contar como se desenvolve a vida em sociedade. Trata-se, assim, de estudar acontecimentos históricos, instituições, movimentos, classes, grupos sociais de contextos importantes para a História, a Antropologia e as Ciências Sociais.

A história oral é encarada por muitos como um instrumento que entende a realidade contemporânea. É uma fonte e técnica e, mais que isso, é um método de estudo, já que é multidisciplinar, ou seja, permite inter-relações em vários campos e disciplinas das ciências humanas.

Assim como qualquer método, a história oral deve ter seus limites e procedimentos. Gonçalves e Lisboa (2007) desenvolvem essa ideia se apropriando do uso de fundamentos epistemológicos; isso quer dizer que quem pesquisa deve ser direcionado(a) por pressupostos que delimitam seus objetivos e seus fins, ou seja, delimitar e organizar os pensamentos que levam ao uso da metodologia em questão, aplicando-a e condicionando-a a um caráter de investigação social.

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1987) alertam que é preciso colocar a prática científica em uma análise reflexiva para qual a ciência está sendo desenvolvida:

Tal tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir na prática científica mesma, ameaçada sem cessar pelo erro, as condições pelas quais se pode discernir o verdadeiro do falso, na passagem de um conhecimento menos verdadeiro para um mais verdadeiro. (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 86)

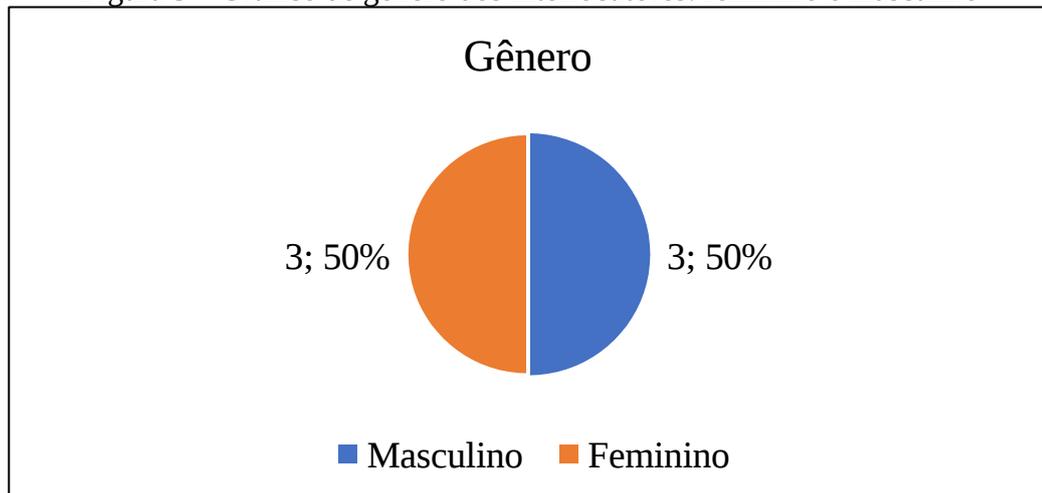
Essa tarefa é essencial para que a análise e estudo do(a) pesquisador(a) sejam mais próximos da realidade, sempre voltados para uma abordagem mais verdadeira, sem cair totalmente à subjetividade, cuidados que todo(a) pesquisador(a) deve reconhecer, entendendo quais ferramentas científicas usar para obter procedimentos e resultados.

Para Gonçalves e Lisboa (2007), a história oral é um verdadeiro instrumento de investigação científica; no entanto, para se ter mais clareza do que se está buscando, é necessário

se apoiar em um conhecimento teórico prévio, isto é, para bem formular e definir os aspectos científicos de uma pesquisa, como o problema, a hipótese e o próprio fundamento teórico.

As autoras tecem como a visão sobre trajetórias de vida nos revela diversas vertentes na história de vida dos sujeitos entrevistados. Para selecionar e moldar qual tipo de trajetória de vida se irá estudar e analisar, é preciso ter a percepção de qual história contar ou de que grupo social e movimento será estudado. Elas afirmam que, para os profissionais do Serviço Social, a percepção, o tentar entender tais trajetórias, está contida no estudo das pessoas, e isso implica uma situação de relação entre pesquisador(a) e sujeitos entrevistados. Uma relação que envolve tanto aproximação quanto respeito e dedicação, mas também um cuidado para não recair em um senso comum ou se servir por completo em uma subjetividade do objeto de estudo.

Figura 5 – Gráfico de gênero dos interlocutores: feminino e masculino



Fonte: Resultados da pesquisa (2024).

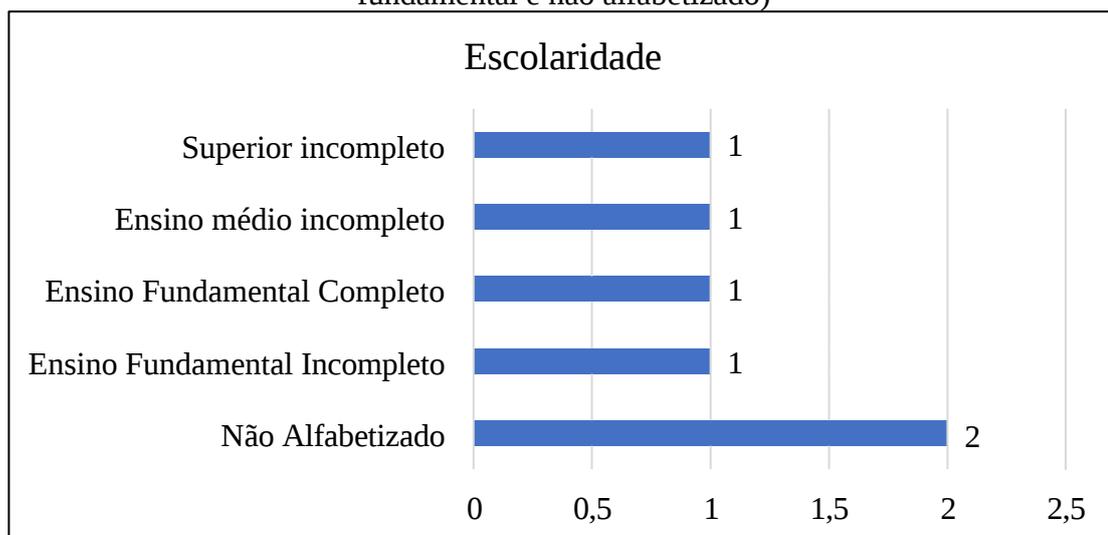
Isso tudo nos revela que as dinâmicas sociais, como as trajetórias de vida, são importantes para os mais diversos estudos, pois é por essas construções investigativas, como a história oral, que se obtêm novas teorias e estudos a respeito de como a compreensão dos fatos é muito mais coletiva, social e histórica do que se possa imaginar ou coletar em artigos documentais guardados sobre a tutela de instituições.

Dessa forma, a memória se torna algo muito importante para ajudar a construir a história de migrantes trabalhadores(as) brasileiros(as) retornados(as) da Guiana Francesa. Assim, tendo como objeto de pesquisa esse grupo, foi necessário fazer uma seleção pautada nas seguintes diretrizes: ter trabalhado e residido na Guiana Francesa na década de 1980 até (ou aproximadamente) a década de 1990; ser brasileiro(a); ter saído do Amapá com destino ao

território transfronteiriço; e sua escolaridade. As Figuras de 5 a 9 representam essas identificações dos interlocutores selecionados para a pesquisa.

A amostragem gráfica indica o percentual dos gêneros na pesquisa, entre feminino e masculino. Assim sendo, os sujeitos foram selecionados para a pesquisa de forma igualitária entre os dois gêneros (Figura 5), ou seja, três mulheres (50%) e três homens (50%).

Figura 6 – Gráfico de escolaridade dos interlocutores (superior, ensino médio, ensino fundamental e não alfabetizado)

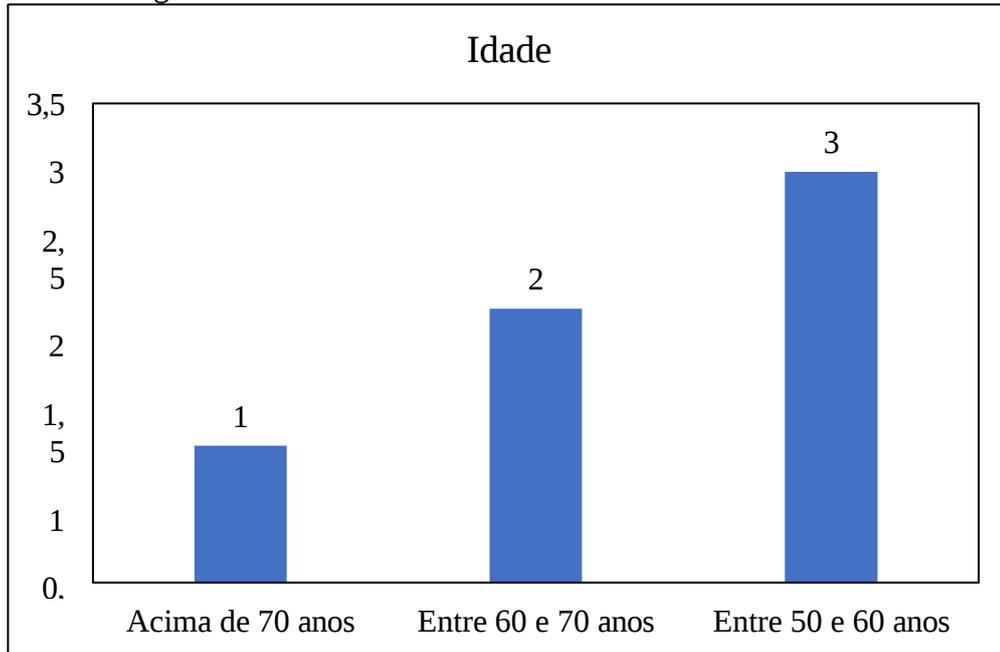


Fonte: Resultados da pesquisa (2024).

A Figura 6 mostra o prognóstico da escolaridade dos interlocutores sociais migrantes dessa entrevista, o qual se divide em: superior incompleto, ensino médio incompleto, ensino fundamental completo, ensino fundamental incompleto e não alfabetizado. Dos seis entrevistados, um tem o superior incompleto; um tem ensino médio incompleto; um, ensino fundamental completo; um, ensino fundamental incompleto; e, para finalizar, dois não são alfabetizados. Isso aponta que os(as) entrevistados(as) não têm homogeneia de escolaridade, isto é, cada um apresenta de maneira específica sua identidade escolar.

Outro fato que se pode encontrar na análise da Figura 6 é que todos os entrevistados possuem certa carência e/ou incompletude de qualificação escolar. Isso se reflete também, como será visto mais adiante, na qualificação profissional desses agentes migrantes, isto é, vê-se nas entrelinhas dessas informações estatísticas que os agentes migrantes do período estudado (1980-1990) perpassaram por uma característica de vida difícil, na qual optavam, muitas vezes, entre a escola ou um emprego. Tiveram de amadurecer cedo profissionalmente, sob a perspectiva de conseguirem se sustentar e sustentar a família.

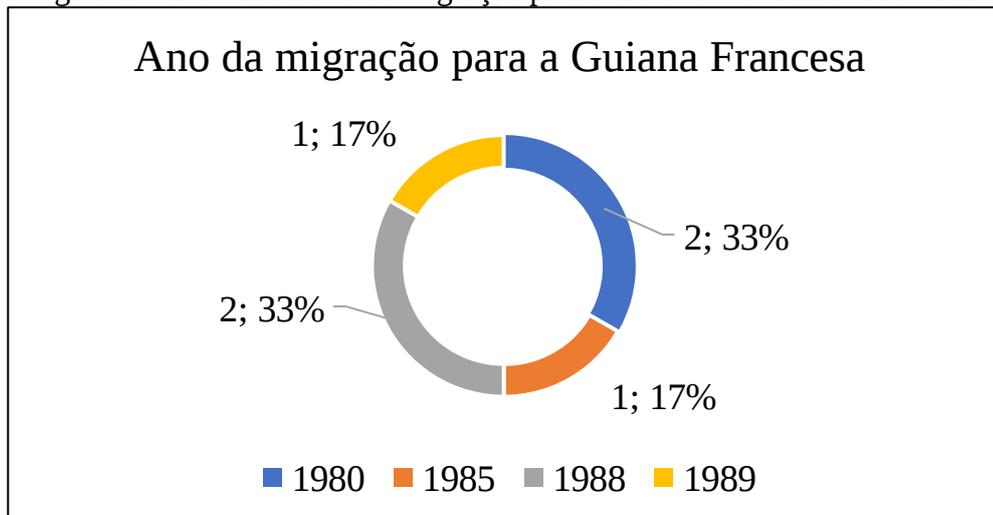
Figura 7 – Gráfico de idade dos interlocutores: 50 a 70 anos



Fonte: Resultados da pesquisa (2024).

A Figura 7 apresenta a idade dos agentes migrantes, que se estabelece entre 50 e 70 anos. O que se vê é que o percentual maior está contido na estimativa entre 50 e 60 anos (três entrevistados); em sequência, os que estão na casa de 60 a 70 (dois entrevistados); e por último, acima de 70 anos (um entrevistado). Observa-se, diante de tais informações, que quando esses agentes iniciaram o processo migratório ainda eram considerados jovens, e hoje já se encontram em uma fase amadurecida, com uma carga, possivelmente, histórica de vida e de experiências.

Figura 8 – Gráfico do ano de migração para a Guiana Francesa: 1980-1989



Fonte: Resultados da pesquisa (2024).

Na Figura 8, o que se pode confirmar é que os agentes migrantes selecionados para o desenvolvimento dessa pesquisa iniciaram seu processo de emigração a partir da década de 1980. Dos seis entrevistados, dois (33%) foram no início da década (1980); um (17%), na metade (1985); dois, (33%) um ano antes do final da década (1988); e um (17%), no ano de encerramento (1989). Analisa-se a participação dos brasileiros amapaenses na década de 1980 e, como informado, na juventude desses e dessas migrantes.

Figura 9 – Gráfico do ano de retorno ao Brasil: 1988 a 1993



Fonte: Resultados da pesquisa (2024).

A Figura 9 traça um prognóstico da volta (retorno) dos agentes migrantes ao Brasil, mais especificamente para o Amapá. Os anos de retorno se concentram em 1991 (dois entrevistados), mas se vê uma diversificação no quadro de retorno desses e dessas migrantes concretizado nos anos em que essa volta acontece, em 1988 (um entrevistado), 1989 (um entrevistado), 1990 (um entrevistado) e 1993 (um entrevistado).

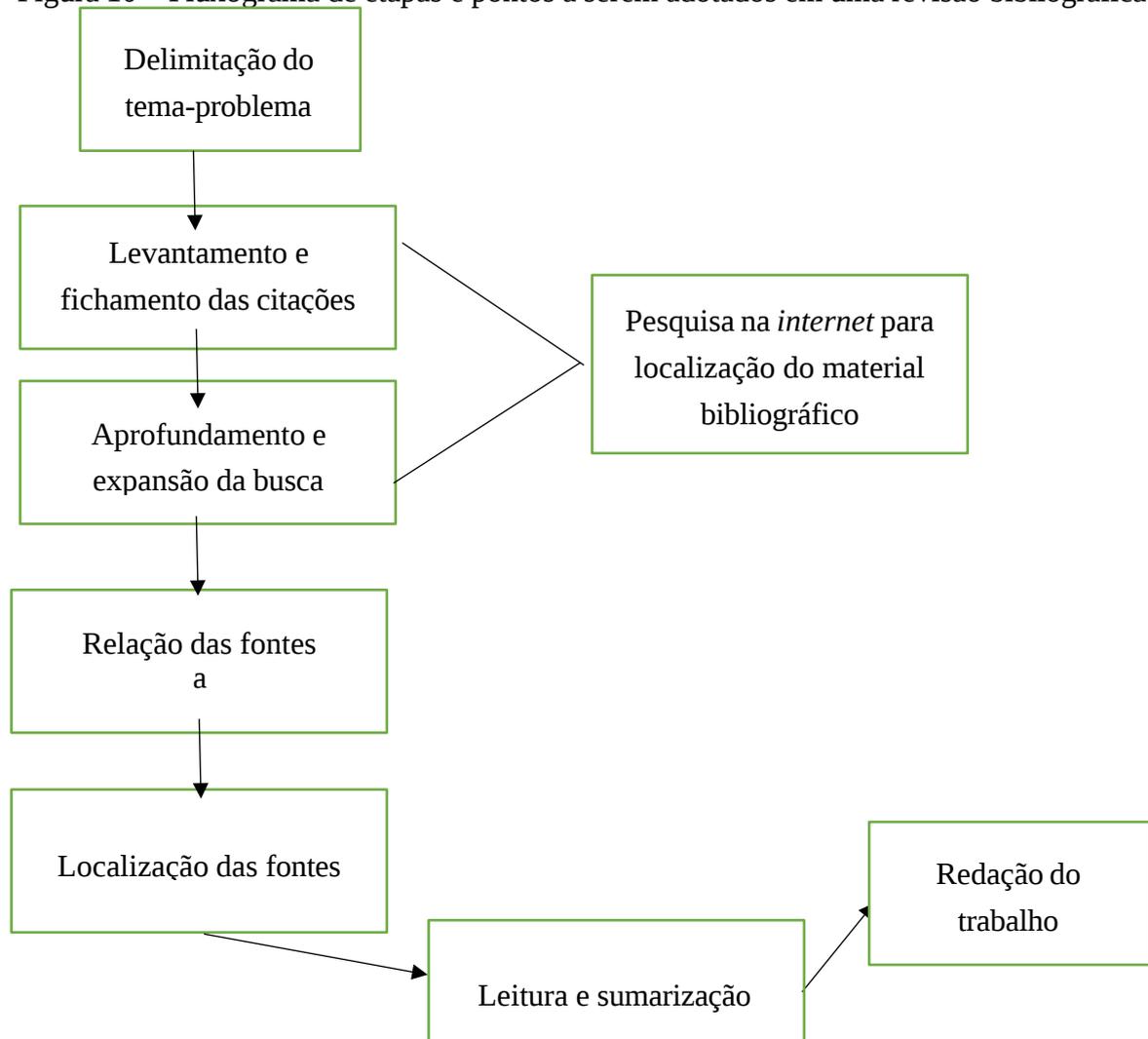
Por fim, para que a utilização desse método da história oral seja feita com mais clareza e coordenar ou orientar suas ideias e percepções, faz-se uso também do método da pesquisa bibliográfica, que é, segundo Pizzani, Silva, Bello e Hayashi (2012), uma pesquisa que envolve revisão de literatura voltada ao desenvolvimento e conceitualização das principais teorias que norteiam o trabalho científico. Seguindo a ideia das autoras, essa revisão tem alguns objetivos:

A revisão de literatura tem vários objetivos, entre os quais citamos: a) proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento; b) facilitar a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador;

c) oferecer subsídios para a redação da introdução e revisão da literatura e redação da discussão do trabalho científico. (Pizzani; Silva; Bello; Hayashi, 2012, p. 54)

De acordo com o que tecem as autoras, para que a pesquisa bibliográfica seja considerada válida ou precisa, é necessário obedecer e seguir alguns pontos desse método, como aponta a Figura 10.

Figura 10 – Fluxograma de etapas e pontos a serem adotados em uma revisão bibliográfica



Essa técnica serviu como base e esboço de guia para a fundamentação da organização das ideias metodológicas utilizadas na pesquisa no fator teórico. O objetivo principal do artigo de Souza, Oliveira e Alves (2021) é apresentar os princípios e fundamentos que fazem parte do desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica. Mostra-se que esse tipo de pesquisa requer, como qualquer outro método, organização, análise e cuidado. “Ela é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um

fenômeno” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 65). Isto é, ela demanda tempo, é um processo de pesquisa, de investigação. Tem como fundamento ser a base dos estudos de qualquer fenômeno, ou seja, é o princípio de qualquer pesquisa.

Para se ter mais certeza do que é a pesquisa bibliográfica, os autores vão tecendo uma noção dela no corpo do trabalho. Esclarecem que ela está e é inserida principalmente no meio acadêmico e tem como intuito a reconstrução e o aprimoramento do conhecimento já publicado em obras, artigos, textos. Nesse ponto, vemos que ela está presente em muitas fases do processo científico, e primordialmente se estabelece como irrecusável e obrigatória no início das pesquisas exploratórias.

Os autores afirmam, também, que toda pesquisa científica é iniciada da pesquisa bibliográfica, vendo e explorando as pesquisas já feitas sobre o tema-problema que se quer abordar. Esse passo é como peça-chave de toda pesquisa científica:

Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados. (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 65)

Sendo assim, do início até a base de toda pesquisa científica, a pesquisa bibliográfica está presente, ou seja, auxilia em todo o processo de construção de trabalhos acadêmicos.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 66)

As teorias, as referências de um trabalho científico, são selecionadas perante o levantamento e revisão de obras já publicadas, isso é a realização de uma pesquisa bibliográfica. No entanto, tal “seleção” exige esforço e cuidado de um(a) pesquisador(a). A pesquisa bibliográfica não pode ser feita de qualquer maneira, existem fatores que devem ser levados em consideração e postos em prática.

Como os autores relevam, deve-se ler, refletir e escrever sobre o levantamento que teve acesso. Dessa forma, poderá esse(a) pesquisador(a) se dedicar ao estudo que deseja fazer, aprimorando e atualizando os fundamentos teóricos tidos como acesso no exercício de levantamento. A pesquisa bibliográfica se define como:

[...] uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. (Amaral, 2007, p. 1 *apud* Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 67)

A pesquisa bibliográfica, assim, se atém a um processo teórico-metodológico que requer teoria e, ao mesmo tempo, bagagem de aspectos metodológicos, condicionantes da pesquisa.

Com tudo isso exposto, os autores nos revelam que a pesquisa bibliográfica está presente não só no início de um trabalho científico, mas no corpo e conclusões dele, pois é a partir da leitura de outras obras que o(a) pesquisador(a) constrói sua base teórica, suas conclusões e suas próprias definições. Assim sendo, ela está presente na definição do tema, na delimitação do tema, do problema, no referencial teórico e na seleção de fontes.

Para organizar tais tarefas, é preciso realizar uma etapa importante da pesquisa bibliográfica: o fichamento.

As fichas facilitam o processo da ordenação das informações no processo do desenvolvimento da redação. O objetivo das fichas é descrever todas as informações que possam colaborar para o desenvolvimento da pesquisa, buscando as ideias principais, apresentando reflexões sobre as ideias das obras e soluções ou comprovações das hipóteses do trabalho em estudo. (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 75-76)

As fichas são importantes utensílios para organização das ideias, que serão selecionadas para a construção da escrita, para o desenvolvimento da redação da pesquisa. Nelas são fichadas e descritas todas as possíveis informações, ideias principais, objetivos e reflexões acerca do trabalho estudado.

Após a estruturação das fichas de análise, é necessário conduzir o exercício e prática da crítica: “Após ter construído as fichas é o momento de realizar a crítica de todo material bibliográfico levantado, analisar o material no âmbito da qualidade e significação científica da obra” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 79). É no processo de crítica que se concentra o desenvolvimento de percepções novas ou que foram adaptadas acerca de um assunto mais atual. Assim, dá-se espaço para a interpretação, na qual o(a) pesquisador(a), no momento de uma leitura atenta e organizada, estabelece uma linha de estudo verídica e de compreensão dos trabalhos analisados.

Batista e Kumada (2021) têm por objetivo em suas pesquisas demonstrar, investigar e discutir as possibilidades metodológicas existentes dentro do quadro de uma pesquisa bibliográfica. Os autores apontam que, para definir a base metodológica usável em uma

pesquisa, deve-se, primeiramente, selecionar as fontes às quais se aterá, ou seja, é a partir dessa seleção, de natureza das fontes, que será determinado o rumo da pesquisa.

Existem múltiplas maneiras metodológicas flexíveis a serem abordadas, no entanto, para os autores, a pesquisa bibliográfica é o ponto de partida de qualquer ramo de pesquisa, ou seja:

[...] geralmente todos estudos realizam uma consulta à literatura, em busca de trabalhos similares para delinear o cenário e/ou justificar o ineditismo e originalidade do tema. Para alguns isso pode se constituir como uma etapa do estudo, já para outros essa pode ser entendida como a pesquisa em si. (Batista; Kumada, 2021, p. 3)

Assim, podemos observar que consultar bibliografias e referências publicadas é uma fase ou um estudo obrigatório em cada pesquisa científica, de modo que essa pode ser apenas uma etapa do estudo, como também pode ser a maneira de pesquisa em si.

Conforme autores como Severino (2007), Cervo, Vervian e Silva (2007) e Gil (2002, 2008), a pesquisa bibliográfica envolve dados passados, ou seja, registros realizados por estudos anteriores que servem como base para o pesquisador compreender determinado tema ou problema. (Batista; Kumada, 2021, p. 8)

Nesse ponto, a pesquisa bibliográfica é a base de construção do trabalho científico, pois permite acessar trabalhos anteriores à discussão que se quer propor. Além disso, permite fornecer um conhecimento abrangente que garante a formulação das fases de um projeto de pesquisa, como o tema e o problema, que são fatores essenciais para a construção de um estudo.

Na percepção dos autores, o processo de estudo bibliográfico é crítico-criativo, pois propõe constituir um novo olhar, um novo enfoque sobre o que está sendo analisado e pesquisado. A chave de um estudo bibliográfico é fornecer ferramentas que possibilitem uma nova redação ou produção do que já foi escrito, não uma repetição.

Para o entendimento das etapas de uma pesquisa bibliográfica, os autores destacam que:

A respeito das etapas da pesquisa bibliográfica, embora não seja apresentada de forma enumerada, Gil (2008), Marconi e Lakatos (2010) concordam na sua divisão em oito etapas principais, a saber: 1) a escolha do tema; 2) a elaboração do plano de trabalho; 3) a identificação dos documentos; 4) a localização dos documentos; 5) a compilação dos dados; 6) o fichamento; 7) a análise e interpretação dos dados; e 8) a redação. (Gil, 2008 *apud* Batista; Kumada, 2021, p. 9)

Nesse trecho, tem-se a percepção do que de fato reflete a construção de uma pesquisa bibliográfica, pois ela tem suas etapas de construção e cada etapa se liga a outra. Nessas etapas, tem-se a visão de que a pesquisa bibliográfica, mesmo que não seja desenvolvida como o todo do estudo, se faz presente em uma das fases.

Nesse sentido, seguir tais parâmetros é estabelecer conexões com a pesquisa científica que se pretende realizar. Juntam-se essas ideias aos pontos e aplicabilidade da história oral, conforme as autoras Gonçalves e Lisboa (2007) ressaltam, como: elaboração do projeto de pesquisa a partir de um roteiro de pesquisa, roteiro de entrevista com base na questão-problema, realização das entrevistas, processamento das entrevistas, codificação e análise das entrevistas (etapas de análise construídas por quem faz a pesquisa) e retorno dos resultados da pesquisa aos sujeitos. Podemos, assim, estruturar e realizar uma pesquisa válida que ressalte histórias de vida.

4 DADOS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DE BRASILEIROS E BRASILEIRAS AO BRASIL

Neste capítulo, desenvolve-se a apresentação dos dados obtidos nas entrevistas. *A priori*, visava-se fazer uma análise sobre essa migração de retorno em *sites* ou plataformas oficiais do MJ e do MRE, no entanto, verificou-se a existência de dados em relação à entrada de imigrantes exteriores e de refugiados, mas não em relação à migração de retorno de brasileiros.

Nesta pesquisa, foram encontrados alguns relatórios, sem que neles houvesse informações sobre trabalhadoras e/ou trabalhadores que tenham retornado ao Brasil. Nesse sentido, a análise ocorreu sem a qualificação dos dados, que receberam tratamento quantitativo.

O primeiro relatório foi produzido na Organização Internacional para as Migrações (OIM), que faz parte da Organização das Nações Unidas (ONU) e tem foco nas migrações, buscando trabalhar e agir juntamente com instituições governamentais, intergovernamentais e não governamentais para a garantia de uma migração segura. O Brasil é um dos países que fazem parte e colaboram com a OIM desde 2004. Essa organização está presente em algumas cidades brasileiras, como “Belém, Belo Horizonte, Brasília, Boa Vista, Curitiba, Florianópolis, Manaus, Pacaraima, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo” (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023). Observa-se que o Amapá não está inserido nessa perspectiva de fomentação, de ajuda à migração de retorno sólida e segura, ou seja, o estado do Amapá, que faz fronteira com a Guiana Francesa, não é visibilizado em tal recurso. O objetivo apresentado no relatório é:

[...] expandir a compreensão dos atores-chave, como migrantes, governos, empresas e setor privado, academia e sociedade civil, sobre as barreiras e oportunidades para a participação social, econômica, cultural e política da diáspora sul-americana na região. Para isso, concentra-se nos processos de emigração contemporâneos nos últimos 50 anos, tendo como ponto de partida a década de 1970, com o objetivo de realizar um diagnóstico sobre o estado atual de participação das diásporas sul-americanas como atores de desenvolvimento sustentável e a produção de recomendações para sua potencialização. (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023, p. 9)

Nesse sentido, o relatório em questão visibiliza os autores envolvidos dentro dos possíveis processos migratórios, trazendo um histórico desde a década de 1970 aos anos mais recentes. O que se observa é que o texto mostra a migração como um processo que adentra vários setores da humanidade, com atuação nas dimensões pública e/ou privada; ou seja, no relatório, a migração é entendida como processo que não tem limites, pois se movimenta em múltiplos tempos e espaços, interagindo com diferentes dimensões sociais, culturais,

econômicas e políticas. O relatório também busca enfatizar as regiões que adentrem o sentido de uma diáspora sul-americana³.

Ao fazer uma breve contextualização do retrato da evolução da emigração brasileira ao longo do tempo, o relatório aponta que é consenso entre os autores da área⁴ que o Brasil, por algum e considerável tempo, era reconhecido como um país de imigração ou um país que abrigava muitos imigrantes durante sua história como colônia ou como país independente; esse acolhimento, como todo processo migratório, ajudou em vários contextos para a formalização da identidade nacional do país, como afirma Lesser (2001). Mas, a partir da década 1980, somou-se à titulação de país receptor a de um país também de emigração. Dessa forma, ao longo do desenvolvimento do relatório expõe-se uma sistematização de uma linha temporal reunindo os marcos da evolução da emigração brasileira em fases divididas em décadas, como desde 1980 como marco “inicial”⁵, e o ano de 2019 como o “final”⁶.

Até a década de 1980, a temática da migração no Brasil se desenvolveu exclusivamente a partir da perspectiva de país de destino (imigração). A situação mudou com o surgimento de importantes fluxos migratórios brasileiros para fora do país em decorrência da estagnação econômica e do desemprego (fim do Regime Militar e do “milagre econômico”), associados ao aumento das facilidades de transporte e informação, num contexto emergencial de mundialização e globalização do planeta. A importante contribuição financeira dos emigrantes, sua participação política e o impacto dos casos de discriminação contra brasileiros no exterior nesse período começam a chamar a atenção do Estado brasileiro e de outros atores, embora ainda muito incipiente. (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023, p. 9-10)

Dessa forma, a década de 1980 é marcada como um tempo em que a estagnação econômica e de desemprego da época, elevada pelo fim do regime ditatorial e do suposto “milagre econômico”; formou-se como um período de exportação e saída de brasileiros em busca de situações favoráveis, haja vista a impossibilidade de conseguirem isso em solo nacional. Porém, apesar de hoje ser expressa como um marco grande dessa dispersão, na visualização da época, embora se chame a atenção do Estado brasileiro e de outros autores e agentes da época, a situação era vista como algo ainda iniciante e que não precisaria de tantos

³ Tal termo sendo utilizado para a definição do deslocamento/dispersão de parte da população dessas regiões e continente rumo a outros lugares; também se usa “diáspora” para a aplicabilidade de retorno desses migrantes retornados. Isto é, algumas regiões da América do Sul são caracterizadas como regiões de emigração, mas também como regiões que recebem de volta, em outro momento, esses mesmos migrantes, em um processo de retorno, dando a elas uma definição e característica de serem diaspóricas.

⁴ Autores e agentes dos órgãos governamentais, da sociedade civil e pesquisadores que estudam a migração.

⁵ Inicial não que seja de fato o início, até porque em muitos momentos históricos, tendo como exemplo a emigração brasileira à Guiana Francesa desde 1960, esse processo ocorre, no entanto, tanto o relatório, como este trabalho em si, aborda a década de 1980 como marco significativo para associar-se à história da emigração do Brasil.

⁶ Como resumido na definição de “inicial”, a conotação “final” não caracteriza literalmente ao sentido de finalizado, concluso, mas se expressa como recorte temporal estudado pelos condizentes do relatório da OIM.

esforços em tais demandas associativas, tanto que, em termos legais, quase inexistiam políticas públicas voltadas para esse grupo⁷.

Portanto, a partir da década de 1980, a emigração brasileira era uma realidade que só se consolidava nos anos posteriores. Como exemplo disso, a OIM (2021) aponta que a estimativa numérica de emigrantes brasileiros no ano de 1990 era de 491,4 mil; já em 1995, o número era maior, de 730,5 mil. Com essa crescente intensidade numérica de emigrantes brasileiros vivendo e atravessando outras regiões, o Brasil começava a introduzir e implementar ações que fossem em prol dos emigrantes brasileiros, como por meio do MRE, que passou a partir disso por uma reconstrução, ou seja, fomentou funções e diretrizes sobre uma “diplomacia consular”⁸ (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023, p. 10) que abarcasse ações mais efetivas e concretas às necessidades dos brasileiros no exterior.

Em nome disso, de uma diplomacia em prol dos emigrantes brasileiros, em 1995 foi lançado o Programa de Apoio aos Brasileiros no Exterior (Milanez, 2013), um marco para essa questão migratória no país, segundo a OIM (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023). Tais fatores e acontecimentos fizeram que, diante do Parlamento nacional, houvesse uma discussão de veracidade de tais demandas sobre a dispersão dos brasileiros. Essa realidade culminou na elaboração de uma “Emenda Constitucional de Revisão nº 3, de 1994, que passou a permitir a aquisição de dupla nacionalidade pelos brasileiros” (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023, p. 10). Esses acontecimentos não surgiram sem motivações e de forma natural, mas sim por meio da articulação dos migrantes brasileiros no exterior. A articulação se deu pela formação de comunidades migrantes, ou melhor, da formação de grupos identitários migrantes, de maneira formal ou informal⁹.

O histórico dos processos emigratórios brasileiros nos anos posteriores a 1990, ou seja, anos de 2000 a 2019, eram estabelecidos por uma estimativa elevada de brasileiros fora do Brasil, e até mesmo fora da América do Sul, apesar do agravante do início pandêmico. Um exemplo dessas estimativas crescentes é uma amostragem numérica aproximada da presença

⁷ Ainda na década de 1980, segundo o relatório da OIM, ONU e Migração Brasil (2023), foi sancionada a Lei nº 6.815, nomeada “Estatuto do Estrangeiro”, elaborada durante a ditadura militar e o período de Guerra Fria. Porém, a aplicabilidade da lei foi feita de forma defasada por não considerar o Brasil como um país exportador de migrantes, ou seja, um país emissor de emigrantes. Tal estatuto abordava a migração dentro da questão de segurança nacional, não como sendo pertencente à categoria de direitos humanos e civis, ou mais, não considerava o processo migratório associado a um aspecto que vislumbrava o desenvolvimento econômico.

⁸ De acordo com uma plataforma oficial do governo brasileiro – Fundação Alexandre de Gusmão –, essa diplomacia consular designa a seguinte função: “[...] o conjunto de ações desenvolvidas pelo Itamaraty nas áreas consular, migratória, de apoio a brasileiros no exterior, de cooperação jurídica e de formalização de atos internacionais” (2007 a 2012).

⁹ Formação de redes migratórias, ou seja, da formação de redes de apoio migrantes.

migratória de brasileiros fora do Brasil em anos mais recentes, como mostra a Tabela 1 (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023).

Tabela 1 – Evolução do número de brasileiros no exterior ao longo do tempo (2009 a 2020)

Ano	Número (estimado)
2009	3.180.074
2010	3.122.813
2012	1.898.762
2013	2.801.249
2014	3.105.922
2015	2.722.316
2016	3.083.255
2018	3.590.022
2020	4.215.800

Fonte: MRE (Brasil, 2021, p. 4).

O que se observa na Tabela 1 é que a emigração brasileira tem uma conotação de número estimado heterogêneo e não possui um padrão, tanto que ao observar há uma disparidade nos números em cada ano, ora maiores, ora menores. A migração, assim, acontece por variados sistemas e motivações, que são, em maioria, derivadas de necessidades e impulsionadas pelas problemáticas vivenciadas dia a dia, ano a ano, por esses conducentes no país de origem.

Colocando em pauta nesse cenário de elevação de emigração, o retorno é uma questão que não pode ser ignorada. É certo fomentar e elaborar leis que possam garantir uma segurança aos migrantes brasileiros que vivem em outro território, assim como é certo garantir a possibilidade de volta a esses cidadãos. O que pode ser entendido diante de tudo isso é que, assim como há uma crescente no número de emigrantes, também há de se compreender tais indivíduos: eles deixam o Brasil em certo momento ou período, mas vão com a sensação de volta. O retorno é uma pauta vislumbrada por todo sujeito migrante e, mesmo que não seja de sua vontade momentânea, é algo intrínseco, está internamente e inconscientemente neste.

Sabe-se que o retorno, na maioria das vezes, é mais difícil do que a ida. Costuma-se dizer que quem volta é migrante duas vezes: “não é mais daqui, mas também não é de lá”, muito por conta da questão espaço-tempo já citada. Além disso, quando há “insucesso”, verifica-se, muitas vezes, falta de acolhida e apoio pela própria família. Muitos retornados voltam doentes, em especial os oriundos de países nos quais o acesso à saúde não é gratuito para migrantes em situação irregular, como Estados Unidos e Bélgica. Problemas de ordem psicológica – depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático – e até surtos psiquiátricos são registrados (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023).

No caso dos deportados, a situação demanda ainda mais atenção. Há muitos casos de sequelas provocadas por situações traumáticas: prisão, humilhação, estigma, sentimento de derrota, frustrações etc. (OIM; ONU; Migração Brasil, 2023, p. 57). O retorno decorrente das emigrações das décadas de 1980 a 1990 ocorreu, em sua maioria, depois de uma estadia significativa no local de destino, ou seja, demanda-se tempo para chegar à decisão de voltar. Como expresse anteriormente, o retorno, em contexto atual, ocorre de maneira mais rápida e frequente.

Sendo rápido ou não, o retorno sempre é uma questão mais difícil se comparado à ideia ou ao processo de ida, porque existe a compreensão dos indivíduos que estão fora desse processo migratório, a ideia de que o migrante é um “estranho”, isto é, o indivíduo migrante passa por um processo de estranhamento, no qual a população que antes o conhecia agora, em seu retorno, já não o reconhece como antes. Além disso, há a questão da irreversibilidade do tempo, como Sayad (2000b) expressa, não há como estar presente em dois lugares ao mesmo tempo, assim como não se pode pausar o tempo de onde saiu para que tudo permaneça como estava ao voltar. Por essa razão, há o entendimento de que o migrante é migrante duas vezes.

O relatório de Botega, Cavalcante e Oliveira (2015) busca apresentar e abordar, por partes, em dois capítulos, os seguintes aspectos, respectivamente: 1) aspectos teóricos da migração internacional, de modo geral; e 2) aspectos dessa migração, mais especificamente, no caso brasileiro a partir da análise de dados do Censo de 2010 (IBGE, 2010).

Segundo o Censo de 2010, 65,6% (ou 174.597 mil indivíduos) dos imigrantes internacionais no Brasil são nacionais, ou seja, imigrantes de retorno, sendo estes, majoritariamente, provenientes dos Estados Unidos (43,72%), Japão (36,88%) e Paraguai (13,74%). (Censo, 2010 *apud* Botega; Cavalcante; Oliveira, 2015, p. 3)

Um ponto levantado pelo relatório dos autores são as implicações na reinserção desses migrantes na sociedade em que nasceram, sua sociedade de origem. Essas implicações geram mais constância e dificuldade do que os dados quantitativos, isto é, um impacto maior que a amostragem numérica, somente da entrada dos imigrantes internacionais de retorno ao Brasil. Essas implicações adentram áreas e campos sociais, econômicos, psicológicos, familiares e laborais (trabalho), e representam e se tornam áreas difíceis, problemáticas e desafiantes na dinâmica de reinserção desses indivíduos de volta à sociedade.

Mediante os dados apresentados sobre a emigração brasileira a partir da década de 1980 para a Guiana Francesa e de retorno desses indivíduos ao Brasil em 1990, é possível destacar as seguintes assertivas: 1) houve demora e ausência do Estado brasileiro em aceitar e definir a

migração de retorno como processo relacionado à cidadania de brasileiras e brasileiros; e 2) inexistiram políticas públicas que atendessem às demandas específicas decorrentes das situações vivenciadas em locais de fronteira internacional, ou seja, que auxiliassem os migrantes brasileiros nos seus processos de saída e retorno. Dessas, deduz-se que processos migratórios de retorno ao Brasil ainda padecem de uma escassez de dados, sejam quantitativos, sejam qualitativos.

A amostra pretende produzir uma perspectiva de possibilidades sobre migração de retorno de trabalhadoras e trabalhadores brasileiros. Inicialmente, é realizada a descrição de resultados da pesquisa de Almeida (2017), que fez um estudo sobre a migração de retorno existente entre o território francês e o Brasil de 2010 a 2012. O trabalho foi desenvolvido com utilização da metodologia da história oral por meio de entrevistas com migrantes retornados. O texto da autora não contempla o mesmo recorte temporal deste relatório, mas serve para mostrar como o retorno é um projeto de vida estabelecido dentro dos processos migratórios.

Almeida (2017) faz uma contextualização dos projetos de retorno de imigrantes brasileiros na França; nessa esfera, ela desenvolve um breve histórico sobre o início desse processo emigratório no Brasil diante da década de 1980, que foi motivado, principalmente, pela crise econômica que o país enfrentava. A França, nessa perspectiva, tornou-se um lugar de oportunidades para esses emigrantes-imigrantes, oportunidades de melhores condições de vida, de trabalho e/ou estudo, sendo considerado:

[...] um país central, passa a atrair aqueles que buscam uma formação educacional no exterior (no caso de estudantes), uma experiência profissional diferenciada (no caso de profissionais qualificados), ou ainda uma melhor remuneração salarial em certos nichos do mercado de trabalho secundário (trabalhadores com baixa ou pouca qualificação). (Almeida, 2017, p. 2)

Nesse contexto, entende-se que como a Guiana Francesa, enquanto território da França, se insere nessa perspectiva de um território de atração migratória de brasileiros com o olhar atento a novas oportunidades, principalmente para a demanda de trabalhadores secundários (sem qualificação profissional ou com pouca instrução).

A pesquisa de Almeida (2017) é um trabalho de análise dos retornados anos após a década de 1980¹⁰. A autora, assim, define como retornado para as entrevistas alguém que tivesse vivido na França por no mínimo um ano¹¹.

¹⁰ Que se tem como base de um início mais preciso ou intenso da emigração brasileira com destino à Europa, à França.

¹¹ Não que isso caracterize toda a vivência de um indivíduo imigrante retornado, mas a autora define assim por uma aplicabilidade de pesquisa, que necessita de recorte. Assim, faz-se a aplicabilidade de filtrar esses

Considerando as trajetórias dos imigrantes brasileiros que estavam na França, será discutido como esses migrantes incorporam o retorno em seus projetos futuros de permanência ou de regresso. Praticamente todos os entrevistados foram confrontados com a questão do retorno, ou seja, tiveram que se posicionar, nas entrevistas concedidas, frente à possibilidade de voltar a viver no Brasil. As narrativas que resultaram destas provocações incorporam os projetos de futuro e sinalizaram para a influência de processos de identidades – tais como a identidade brasileira, a condição estrangeira, a questão do trabalho ou da inserção profissional, entre outros aspectos – que implicam na atualização do projeto migratório. (Almeida, 2017, p. 6)

Entre as variadas formas, modelos ou histórias de vida do processo emigratório brasileiro, o trabalho é uma forma que sinaliza o estado de ida, de permanência e de retorno. Esses estados são explicados, respectivamente, dessa forma: 1) de ida, porque mesmo que não seja uma demanda urgente vista pelo imigrante brasileiro (que, por exemplo, vai em busca de uma formação educacional), o trabalho é um fator que, de certa maneira, mesmo não intencional, conduz a necessidade de saída do Brasil até a França, assim sendo, é um fator de atração; 2) de permanência, porque tal concretude só é possível, muitas vezes, pelo estabelecimento do trabalho em fins de sustentação; e 3) de retorno, porque muitos vislumbram seu processo migratório como sendo temporário, dedicam-se ao que melhor possam extrair da política de oportunidades maiores no território estrangeiro, mas com a intenção de voltar ao Brasil, e essa volta possivelmente necessitará de uma estabilidade alcançada pelo trabalho.

Um caso apontado pela autora desse planejamento e projeto de retorno no processo migratório é o do interlocutor/imigrante Mário. O sujeito dessa história, Mário, nasceu em 1964, em uma cidade localizada em Minas Gerais; um de seus planejamentos de vida e de estudo era fazer uma pós-graduação no exterior. Este, então, se estabelece como o marco de motivação que o fizesse se deslocar do Brasil, tomando como um fato que o auxiliasse na decisão de seu processo emigratório.

Ele tinha duas amigas que estavam se programando para ir para a França estudar francês e elas lhe avisaram seis meses antes. Segundo me disse, o fato delas irem naquela ocasião foi considerado por ele, que acabou indo antes do previsto, entendendo que a presença de duas amigas lá lhe serviria como apoio. Na época, ele foi em 1991, a situação econômica estava desfavorável (inflação alta no Brasil, moeda brasileira desvalorizada), mas decidiu “investir”, pediu ajuda aos pais e conseguiu viabilizar a ida. O primeiro destino foi Marselha onde obteve uma licença. De lá foi para Paris, onde fez o master e o doutorado. Para o doutorado, Mário conseguiu bolsa do governo francês para uma pesquisa realizada na Guiana Francesa. Por causa desta pesquisa, viveu dois anos na Guiana Francesa. O plano inicial era voltar ao Brasil depois do doutorado, mas não aconteceu desta forma. (Almeida, 2017, p. 14)

indivíduos. Essa aplicabilidade se desenvolve da seguinte maneira: “Foram realizadas 16 entrevistas com os chamados ‘retornados’. Por outro lado, na França foram feitas 86 entrevistas, destas havia 2 casos de imigrantes que estavam em via de retornar ao Brasil” (Almeida, 2017, p. 3).

A ida das duas amigas, assim, se tornou um impulso para a realização de seu projeto de saída do Brasil e entrada em um território europeu. Esse impulso teve como característica a construção de uma rede de apoio, amigas com a mesma nacionalidade que passariam junto a ele essa experiência e com quem pudesse ter ajuda e auxílio.

Mário voltou ao Brasil depois de 21 anos de vida no exterior (2 anos na Guiana Francesa e 19 anos de França). Obteve a cidadania francesa há alguns anos atrás. Apesar da decisão de voltar ao Brasil, continua com uma boa imagem da França e disse que apesar do plano atual de se estabelecer no Brasil, não descarta um retorno à França. (Almeida, 2017, p. 15)

O que se deve observar diante de toda a vivência migratória de Mário é que o retorno era para ele um projeto a ser concretizado, porém, apesar disso, há certa nostalgia do que viveu e das experiências que teve no território francês. Assim sendo, diante da boa imagem que tem sobre o país europeu, não descarta um novo projeto de reinserção, de emigração na França.

O que veremos em sequência deste tópico neste relatório é a reafirmação do caso de Mário, por exemplo, a concretude de oportunidades e, como consequência, a boa imagem que se estabeleceu após as experiências vivenciadas no território guianense-francês. O retorno, assim sendo, muitas vezes é algo viabilizado, porém também “forçado” por motivações e situações particulares de cada história de vida.

4.1 MEMÓRIA DE TRABALHADORAS(ES) RETORNADAS(OS) DA GUIANA FRANCESA (1980-1990)

Nesta parte do texto, a proposição é fazer uma apresentação das memórias de migrantes que foram à Guiana Francesa e retornaram ao Brasil entre várias perspectivas e motivações entre as décadas de 1980 e 1990. Esta apresentação se torna significativa ao ponto que a história de vida desses(as) migrantes brasileiros e brasileiras, trabalhadores e trabalhadoras, nos mostram uma vivência mais próxima da realidade da travessia existente entre a fronteira guiano-amapaense¹². Nessa relação entre história de vida e memória, há alguns pontos a serem definidos, quais sejam: o projeto de emigração; a vivência transfronteiriça; a experiência de trabalho; e, por fim, o retorno. As perguntas realizadas aos interlocutores seguem esse itinerário, com vistas à construção da argumentação.

¹² Ressaltando que esta pesquisa foi submetida à análise do comitê de ética na Plataforma Brasil. Todas as observações referentes à submissão da pesquisa, os termos de livre consentimento dos entrevistados e a autorização de acervos de imagem se encontram no Apêndice, ao final da pesquisa.

Cada pergunta, assim, foi feita e conduzida por uma ótica geral, isto é, cada indagação feita a um(a) entrevistado(a) foi feita a todos os outros, sem distinção de perfil ou exclusão, segregação de ideias a serem apontadas ou abordadas. Definem-se, assim, as perguntas como padronizadas. No entanto, exalta-se que cada entrevistado e entrevistada possui sua particularidade de memórias e histórias de vida; nesse sentido, há diferença, pois, a identidade de cada indivíduo é única, e assim as pessoas devem ser escutadas e respeitadas.

Aqui cabe bem o sentido da escuta ativa, uma escuta empática, na qual se deve estabelecer o respeito e o entendimento da história do outro. Esse ato de escuta ou ética da escuta leva-nos a uma concepção de envoltura do respeito ao narrador, priorizando as memórias e expectativas do outro por meio de uma postura “que envolve olhos, ouvidos e alma” (Rovai, 2015, p. 109). Isso tudo para dizer que enxergar o outro por meio de uma reciprocidade empática nos leva a entendê-lo pela sua história de vida.

Toda essa proposição leva o(a) migrante a ter um lugar em que suas memórias possam ser eternizadas em uma história documentada e dada uma significância ao processo de travessia desses indivíduos. A memória, como parte da história de vida de todo ser humano, é uma fonte rica para a formação de uma história que pode fornecer dados qualitativos não expressados em apenas números e teorias da história da migração transfronteiriça.

Nesse sentido, de uma história de vida, elencam-se as perguntas direcionadas a cada agente migrante, desde sua saída do Brasil/Amapá até a chegada no território guianense-francês, para se ter um parâmetro dinâmico de como a história de vida dessas pessoas podem nos fomentar a uma história da migração de retorno.

Quadro 1 – Definição de interlocutores e interlocutoras migrantes

Número de interlocutor e de ordem de entrevista	Gênero	Profissão atual
01	Homem	Aposentado
02	Mulher	Auxiliar de serviços gerais
03	Homem	Eletricista
04	Homem	Taxista
05	Mulher	Dona de casa
06	Mulher	Atendente

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os entrevistados selecionados para esta pesquisa foram designados de acordo com sua atual profissão, resguardando sua identidade, como se indica no Quadro 1. Para o começo das entrevistas, foi feita uma pergunta que reportasse à lembrança mais forte que se tinha do Amapá

antes do processo de emigração do estado. O interlocutor 04, taxista, reviveu a seguinte lembrança:

Antes de eu sair daqui eu estava trabalhando de marinheiro, marinha mercante. Trabalhei um ano, com Manuel Maria Matos [patrão]. Terminando esse tempo, um colega meu que trabalhávamos juntos no barco, ele me convidou para a gente ir fazer uma aventura em Caiena – a aventura seria trabalhar, arrumar trabalho em Caiena, viajar para Caiena. Trabalhar lá em Caiena para a gente adquirir um dinheiro melhor, né? Então ele me convidou e nesse tempo eu era solteiro, né? Aí eu me animei. Eu morava com minha irmã, aí eu fui, falei pra ele que eu ia consultar minha irmã, primeiro, meus irmãos [mais velhos, sendo o caçula da família], para ver o que eles achavam, né? Aí cheguei e falei com ela, ela disse: “O que tu vai fazer? Tu vai embora distante daqui, tu não conhece ninguém”. Nessa época, um de meus irmãos, já estava pra lá. Aí ele tinha me dado um endereço em um papelzinho, que o endereço não estava completo, o endereço era só [...] Mahury, era o nome do lugar, mas não tinha número, não tinha nada e também não dizia qual era o local que ele tava morando. Só dizia, esse nome [...] Mahury é como se fosse um bairro, né? Era uma área industrial, onde tinha serraria, tinha área portuária do, de desembarcar a carga do navio, tudo, era uma área, distrito, industrial. Então antes de eu ir, nós, eu e esse meu amigo. Ele me convidou para ir pedir as contas do patrão, aí a gente foi pedir as contas do patrão, o patrão, disse: “Olha, o que cês vão fazer, né? Que cês vão fazer? Não tá bom pra vocês aqui?”, e nós dissemos “Não tá bom sim”, e ele: “O que tá faltando pra vocês?”. Aí a gente: “Não porque a gente quer ir pra lá, pra gente ganhar um dinheiro melhor, Caiena. Caiena a gente ganha bem dinheiro lá e dar pra gente fazer alguma coisa aqui no Brasil”.

Nessa recordação, há vários aspectos que podem aqui ser abordados. Primeiramente, concepção de se “aventurar” em um território desconhecido por ambos os trabalhadores, na busca por um trabalho para adquirir um dinheiro melhor; isso ressalta a ideia de que, em meados dos anos 1980, a percepção que se tinha criado na mente de muitos brasileiros era que a Guiana Francesa era lugar de muitas oportunidades e salário bem melhor do que no Brasil¹³.

Um segundo fato que pode ser percebido é que o interlocutor aborda uma vivência em fase bem jovem, pois antes de sair da terra amapaense tinha de recorrer e consultar aos irmãos mais velhos sobre sua decisão. Na época, muitos brasileiros, em fase muitas vezes de maioridade, mas ainda bem jovens, jogavam-se nessa “aventura” em busca de oportunidades. Para além disso, como visto, esses migrantes não tiveram tantas chances de complementar uma jornada de estudos; para eles, havia o difícil dilema de estudar ou trabalhar¹⁴.

O terceiro e quarto pontos ligam-se à visão, mais uma vez exaltada, de um *El Dorado*¹⁵ associado à localidade de Caiena, visibilizado nas seguintes falas finais, quando os dois indivíduos falam ao patrão: “*não, porque a gente quer ir pra lá, pra gente ganhar um dinheiro*

¹³ Fatos indissociáveis da realidade econômica e histórica da década.

¹⁴ Nesse sentido, não cabe uma versão de “meritocracia”, na ideia de quem “corre atrás” e, mesmo com as dificuldades externas ou internas, com sua própria capacidade consegue realizar suas metas de vida. Aqui cabe mais uma ideia de uma realidade densa em que o sustento próprio e familiar é uma carga que deve ser exaurida.

¹⁵ Lugar propício à riqueza.

melhor, Caiena. Caiena a gente ganha bem dinheiro lá e dar pra gente fazer alguma coisa aqui no Brasil". Nessas falas, há a concretude dos fatos de que Caiena era um lugar bom para se viver e ganhar dinheiro. Também se tem a ideia do desconhecido. Tanto o interlocutor taxista quanto seu amigo não conheciam o território guianense, mas tinham certeza de que era para lá que queriam ir, tanto que informaram ao patrão a ideia de saída do Brasil e a decisão de pedir demissão. Outro exemplo desse fator do desconhecido está nas passagens em que tanto a irmã do interlocutor como o patrão o avisam sobre tal decisão arriscada, por não conhecer o lugar ou não ter a visão do que de fato iria fazer lá.

Em quinto lugar, já se encontra na fala do taxista um reflexo de projeto de retorno do migrante ao Brasil, isto é, a ideia de volta era uma certeza, mesmo que não soubesse como sua vida seria no outro destino. A ideia era fazer dinheiro e realizar suas metas no território de origem por meio dos bons ganhos lá.

As motivações que levaram os interlocutores migrantes desta pesquisa a se deslocarem do Amapá à Guiana Francesa, em sua maioria, foram financeiras, como relatado pelo interlocutor 01, aposentado, em uma passagem de sua entrevista:

Busca do ganho, do melhor! Porque olha, é assim, eu trabalhava no Oiapoque, eu trabalhava como atendente de enfermagem em um posto lá de hospital, eu resolvi, eu queria fazer uma casa pra mim lá no Oiapoque, eu não tinha condições, eu ganhava muito pouco, aí eu disse "só eu indo pra Caiena que eu vou ganhar dinheiro para levantar uma casa!". Aí foi, minha busca lá, foi por isso! Ir para Caiena para arrumar dinheiro, e eu fiz a casa, mesmo, no Oiapoque! Nós fizemos uma casa, construímos uma casa lá! Aí depois, eu não pude [...], meus irmãos saíram de lá, eu não fui mas pra lá, aí eu fui para uma parte de Caiena, um garimpo! Aí eu fui pro garimpo! Fui para um lugar que trabalhava muita gente clandestina lá, em um garimpo clandestino. E eu fui pro garimpo, é?! Aí eu trabalhei no garimpo, passava um mês no garimpo!

O que se pode destacar de toda essa fala é que as memórias desse e desses interlocutores migrantes estão muito associadas a uma vida melhor, possibilitada em Caiena. É como se fosse a válvula de escape de todo migrante amapaense, ou da maior parte dos amapaenses, encontrar novas oportunidades de vida, de melhores oportunidades de trabalho, de ganho em Caiena. Como bem elucidado na fala do entrevistado aposentado, "*só eu indo pra Caiena que eu vou ganhar dinheiro*". Como se o território guianense fosse um lugar que possibilitasse a realização de metas e sonhos desses e dessas migrantes.

O sonho de construir uma casa no Brasil era algo que seria alcançado pela ida e travessia da fronteira da Guiana Francesa. Esse cenário de retorno ao Brasil é um projeto fixo na mente de muitos brasileiros que saíam do Amapá em direção à Guiana Francesa, seja para uma melhoria de vida própria ou para fornecer e dar sustento à família deixada no Brasil.

Outro fato que é mostrado por meio da memória do entrevistado aposentado é que havia muitos migrantes clandestinos, ou seja, não possuíam autorização legal para permanecer e ir até o território guianense-francês. Tanto que na citação o interlocutor nos revela: “*Aí eu fui pro garimpo! Fui para um lugar que trabalhava muita gente clandestina lá, em um garimpo clandestino. E eu fui pro garimpo, é?! Aí eu trabalhei no garimpo, passava um mês no garimpo!*”. A clandestinidade era uma realidade muito nítida da época e uma realidade de muitos brasileiros que sonhavam em conseguir *ganho* com o trabalho fornecido em Caiena.

A travessia da fronteira, como relatado por muitos desses migrantes, foi bastante difícil, muitas vezes levando em consideração que, majoritariamente, esses entrevistados foram em um *status* de clandestinidade. Em memória contada pela interlocutora 06, atendente, é possível ver com mais constância o que foi exposto, sendo ressaltado que ela foi em clandestinidade:

Olha, nós passamos três dias, é, no barco, né? No oceano, foi uma viagem muito horrível porque o barco balançava todo tempo e estava prestes a afundar, mas só que o senhor que ia pilotando o barco, ele era um homem muito de experiência, né?! E ele sempre cortava as ondas altíssimas que vinham. Quando vinha as ondas muito altas ele cortava, foi uma viagem horrível! Então eu todo tempo orando, orando, orando pedindo para Deus para não acontecer nada com a gente. Foram, estávamos do barco, éramos 67 pessoas, e foi só Jesus que nos salvou.

Para melhor exemplificar essa situação de travessia perigosa, a entrevistada 05, dona de casa, relata:

Foi de barquinho pra lá eu com duas pessoas que eu não conhecia, conheci chegando lá no Oiapoque, mas era pessoas conhecidas da minha prima, que eram dois cunhados dela, dois senhores que me levaram até lá, viagem com eles. Sair umas 11 da manhã, chegamos às 5 da manhã em Caiena, aí foi muito difícil mesmo, que a gente enxergava só o céu e o mar, tinha muito maresia, muito arrependimento que eu tive na hora, que foi uma coisa muito difícil de eu ter ido, assim, me arrependi muito na hora que eu tava no mar, pensei que a gente não ia sobreviver, que é muito difícil mesmo, para a gente ir. Nesse tempo era para a gente ir para lá e lá quando, a gente teve que parar na beira, que tinha muita maresia mesmo, caiu um temporal. Aí depois a gente seguiu a viagem em frente, aí 5 da manhã a gente chegou, aí a gente já tinha que ter alguém para pegar a gente. A gente encostava no meio do serrado, na beira, tudo cheia de serrado. Aí a pessoa pegava a gente lá e ia levando a gente às pressas para lá para a casa que a gente ia ficar e lá eu fui, até que tinha um primo, meu, me esperando. Veio me pegar e me pegou lá para a casa da minha prima.

Os dois relatos mostram bem a dinâmica perigosa da travessia clandestina, isto é, de pessoas adentrando a Guiana Francesa de forma ilegal, sem o documento que os permitia a entrada neste território. A migração clandestina era tão arriscada que as pessoas que faziam tal travessia pensavam logo em perigo de vida, isso é elucidado em trechos como “*Então eu todo tempo orando, orando, orando pedindo para Deus para não acontecer nada com a gente.*”

Foram, estávamos do barco, éramos 67 pessoas, e foi só Jesus que nos salvou”. Ou então “[...] me arrependi muito na hora que eu tava no mar, pensei que a gente não ia sobreviver, que é muito difícil mesmo”. Tudo isso porque a viagem era à deriva e às escondidas.

Há necessidade de ter alguém esperando do outro lado da fronteira para levá-los a um lugar “seguro” e rápido, para não despertar suspeitas ou serem vistos. Nessa situação, a necessidade de confiar em desconhecidos ou contar com a ajuda de terceiros era grande.

Mais ainda, para reforçar a perigosidade do deslocamento, da emigração das(os) brasileiras(os) à Guiana Francesa, principalmente nos casos das brasileiras, um relato forte e que ressalta tal situação é o da atendente no trecho a seguir:

Antes de eu trabalhar, essa pessoa que nos levou, era um homossexual, assim, só que não sabíamos que ele tinha nos vendidos para dois franceses, quer dizer, ele ia fazer nós... É, ele trabalhava como tráfico de mulheres! E a gente não sabia, não sabíamos disso! E até então... Já tínhamos vendido para esses dois franceses, quer dizer, que cada um francês, um negro e um branco, ia ficar com cada uma de nós, como eu e a minha irmã. Na época eu tinha 18 anos e a minha irmã tinha 17 anos. Éramos bem novinhas e esse nosso amigo, que não era amigo nosso, chegou e disse para nós: “Olha, é, tem dois franceses que vocês vão trabalhar com eles e eles estão aqui! Trouxe eles para conhecer vocês”. Quando... eu fui conhecer os dois, que eu olhei para eles, eu senti... Ficou um clima, assim, horrível, né? Eu senti que aquilo, aqueles dois homens não eram verdadeiros porque esse nosso amigo queria logo que a gente entrasse dentro do carro com eles: “Não, entrem logo porque vocês já vão trabalhar, vocês vão trabalhar no bar! Então vocês têm que entrar logo, que eles vão levar vocês para a dona do bar”.

E aí eu não acreditei porque, tipo assim, ele tava forçando a gente entrar dentro do carro, e eu disse assim “Não, olha, o seguinte eu não vou entrar no carro com esses dois estranhos”. [...] e eu perguntei para ele: “Por que tu queres que eu entre logo, eu e a minha irmã?”, e a minha irmã, coitada: “Vamos mana, vamos mana, que a gente vamos logo trabalhar”, e eu disse: “Não, espera aí, não vamos entrar porque esses dois homens não vão levar a gente para um bom lugar”, e ele ficou muito furioso... que eu não quis entrar dentro do carro com a minha irmã, e não entramos! [...] quer dizer até hoje eu acho que eu não estaria viva!

As mulheres migrantes clandestinas, assim, passavam pelo risco de morte dentro do rio e fora dele por terem a possibilidade de ser pegas sem documentação legal e corriam também o risco de ser traficadas. Então, o medo, a insegurança e o desconhecimento do que estavam passando eram grandes, podendo ser riscos, se comparados aos migrantes homens, maiores do que os deles, pois violavam não só a vida dessas mulheres, enquanto sobreviventes, mas desrespeitavam seus corpos e sua liberdade.

Majoritariamente, os entrevistados foram em destino a Caiena, capital da Guiana Francesa. Caiena era um lugar muito lembrado pelos interlocutores, e muitos deles residiram em lugares com seus conhecidos e assim eram alocados. Como bem expressa o taxista, que era um dos poucos migrantes legalizados, em uma de suas histórias de trajetória:

Comprei minha passagem para viajar para o Oiapoque e aí, depois que eu estava com tudo pronto, né?! Eu fui procurar esse meu amigo [amigo de trabalho, do seu trabalho como marinheiro, lembrando no seu primeiro trecho, expresso anteriormente], quando cheguei lá em Macapá lá e encontrei ele lá, eu disse: “Olha, eu já estou pronto, só resta tu agora o que tu vai me falar”, e ele disse assim para mim: “Ah, complicou tudo”, eu digo: “Complicou tudo o quê, pô?”, e disse: “Complicou tudo porque eu fui tirar meu passaporte, a Polícia Federal não liberou meu passaporte porque eu não sou dispensado do Exército” – o exército não tinha dispensado ele e, quando acontece assim, que o Exército não dispensa, a pessoa não pode tirar o passaporte – “então, por esse motivo, eu não posso tirar meu passaporte porque eu não sou, não tenho a dispensa do Exército”, e eu disse: “E agora? Pô, tu fizesse fazer tudo isso aí e agora, como é que eu vou sozinho pro, viajar sozinho para Caiena, que eu tenho mal um coisa que tenho um irmão que mora lá, mas eu não sei nem por onde é esse lugar, né?! Vou ter que fazer uma aventura, mas não tem jeito, já tô com a viagem comprada, não tem jeito eu vou ter que aventurar”, e disse “Pois é, sinto muito, mas não é minha culpa” e tal.

O que foi que aconteceu, peguei, vim com a minha irmã, arrumei minha maliniázinha, uma mala que ela me deu, né? Uma malinha pretinha que tinha “flechicler” assim. E aí, arrumei a minha roupa lá dentro, o pouco que eu tinha e, uma mochila, uma mochila e aí coloquei. Fui pro aeroporto, do aeroporto fui pro Oiapoque. Cheguei no Oiapoque, aí eu fui logo conversando com alguém no avião, né? Tinha muita gente que ia viajar pra lá também, né? Todo mundo viajando pra lá, muito brasileiro, mas tudo com passaporte, né? Que nesse tempo podia viajar com passaporte. Aí eu me aliei a uns dois lá, né? Aí eu disse que eu era marinheiro de primeira viagem, assim, que era a primeira vez que eu tava indo, e eu não conhecia que eu queria me aliar a eles para eles me ajudarem. E eles: “Tá, não tem problema, então, a gente vai te ajudar”.

Só que eles, eles não explicaram para mim que eu tinha [que] me apressar, né? Na hora de desembarcar do avião tinha que ser rápido para pegar o transporte, para chegar na fronteira lá. Eu fazer o coisa no, na Polícia Federal, dar o visto de saída do coisa [do Amapá] e logo em seguida eu tinha que atravessar o rio Oiapoque. Atravessando para a fronteira entre o São Jorge. Aí eu me atrasei e os outros, os outros não tinham, já sabiam tudinho como era, né?! Foram, fizeram rápido e tal e eu me atrasei, eu e mais dois nos atrasamos. Aí que quando a gente chegou, que a gente desocupou, que a chegou lá para embarcar, pegar o catraio para atravessar para o outro lado, pessoal já tinham embarcado tudinho e já tinham atravessado, o pessoal.

Chegaram lá no São Jorge, aí tem que dar o visto de entrada que está entrando em outro país, na douane, né? Na douane que de lá, da França. Aí fui fazer tudinho e quando desocupeí tudinho, que não fomos para pegar o avião, o avião já tava todo lotado, não tinha mais vagas para nós. Era eu mais dois, ficamos ilhados, não tinha vaga para nós. Aí a gente disse, assim: “E agora rapaz? Como é que a gente vai fazer?”, aí a gente ficou lá no aeroporto. O aeroporto era um, cidade pequena, né? São Jorge, era uma cidade pequena assim, distante assim, não tinha casa, não tinha nada, só uma, um aeroporto mesmo, bem, bem pequeno, assim.

Aí nós ficamos lá, “e agora o que nós vamos fazer?”. Aí apareceu um brasileiro lá e a gente falou para o brasileiro, o brasileiro, disse: “Olha, pô?! Está vendo aquele avião ali? É um avião pequeno ali, mas ele pega, ele pega três passageiros. E o dono dele, é um alemão que ele vive com uma brasileira. Ele está para o Oiapoque e toda [vez] que ele vai, e quando tem passageiro, ele leva. Se vocês aguardarem aqui, com certeza vocês vão conseguir, dá certinho?”. Aí a gente ficamos lá, com fome, com fome, não podia sair! Ficamos lá com fome! Quando ele veio chegar era 16 horas da tarde, nós desde manhã! Aquele homem alto, branco, loiro né? Alemão. Ele falava português bem arrastado assim, falava. Aí nós falamos com ele, ele disse: “Que levava nós, por 250,00 francos [na época], cada um de nós”. Aí fechamos com ele e embarcamos com ele e aí esse cara levantou voo.

Chegamos no aeroporto de Caiena, aterrizou. [...] Disse: “E vocês? Querem uma carona, eu tenho o meu carro aí, eu levo vocês e deixo até lá Crica”, um lugar que pessoal chamava assim de Crica porque era um lugar, assim, como se fosse o Ver-o-Peso em Belém e tal [...], “deixo vocês lá e de lá vocês se viram”. E aí nós fomos! E

eu contando que os dois, que já eram veteranos, iam me ajudar, né? Quando nós, ele deu a carona para nós, nos deixou lá nesse lugar, os dois pegaram a bagagem deles e só fizeram “tchau, tchau” e aí eu fiquei no espasmo: “Mas óh meu Deus do céu, o que, que eu vim fazer para cá?!”.

Aí eu fiquei e eu tava em uma parada de táxi, lá né? Aí eu fui andando lá e um crioulo lá, olhou pra mim e perguntou se eu era brasileiro: “Brazili, Brazili?”, aí eu disse que sim, nesse tempo eu não sabia falar nada, né?, “si, si”, aí ele: “Pra onde, pra onde vai?” – falava algumas coisas [em] português. Aí eu disse, puxei o papelzinho que eu tinha, né? Mostrei pra ele, e ele: “Ah, ah, ok... ok, ok! 50, 50 franco”, me levava, aí eu embarquei. [...] Quando, acho que tava dando umas 5 horas para 6 horas, aí ele me deixou na portaria do, como se fosse as Docas aqui, né? Lá na portaria, aí tem os guardas de segurança que são parece polícia, né? Tudo vestido de guarda de segurança mesmo, parece polícia, arma no lado. Aí vieram em cima, perguntaram “O que era? Se eu ia embarcar no navio?”, [...] aí eu disse que não! [...] Que eu tava procurando um brasileiro. E eles disseram: “Ah brasileiro, Brazilian, para lá... Aqui não, aqui não... Aqui área proibida!”. Só fizeram mostrar para onde era, aí eu saí andando, tava pingando 6 horas.

Encontrei com um brasileiro baixinho – inclusive depois que a gente se conheceu, a gente trabalhou juntos por muitos anos –, aí encontrei com ele, maranhense, conhecido por Maranhão. Aí nesse tempo ele não quis ajudar, não quis me ajudar, aí perguntei pra ele... pelo nome do meu irmão, e ninguém conhecia ele. Aí foi, tava anoitecendo já e o, esse baixinho, disse “Rapaz, eu não posso te dar abrigo lá na minha casa que não tem vaga, mas eu, bem atrás dessa serraria tem um brasileiro lá que ele toma conta de um, uma área lá que a empresa faliu e aí tem um bocado de onde era apartamento do pessoal que morava, né? Vai lá com ele, que ele vai com certeza te arrumar um lugar para te dormir, amanhã tu procura”.

Foi lá com o cara, chegou lá, ele me apresentou pro cara lá, o cara lá não queria me dar agasalho porque era de empresa, se o patrão dele pegasse lá ia mandar ele embora. E eu disse “Não pelo amor de Deus, deixa eu pelo menos dormir aqui! Amanhã eu procuro o meu rumo, tô procurando um irmão meu e não tô achando”, aí ele disse “Então tá!”. [...] Quando foi de madrugada o cara tava chamando, aí foi lá e “Bora macho, levanta que tu não pode amanhecer o dia aqui porque o patrão vai vir aqui e vai ver tu aqui... Vou mandar o meu cunhado te levar até lá a matinha, onde mora muito brasileiro. Quem sabe o teu irmão não mora por lá”, e aí foi né, procuramos e procuramos... E não encontrei, aí nessas alturas o cara me deixou pra lá, o cara me deixou pra lá!

Procurei, procurei e não encontrei! Mas eu já tinha gravado por onde eu tinha vindo, aonde pegar o ônibus para voltar de novo, porque nós fomos de ônibus. Aí eu voltei! Eu digo: “A única solução é voltar para lá para onde eu tava, né?”. Voltei já era 12 para 13 horas e o sol quente, quente, quente... Voltei! Aí eu ia carregando a mala e a mochila triste... Triste, triste, triste, só pensando na vida porque eu não sabia o que eu fazia. Aí eu ia passando na frente assim, de uma serraria, tavam trabalhando para lá e tinha tipo uma montanhazinha assim, e lá tinha uma casa lá. Aí eu vi aquela mulher varrendo, né? Lá a frente, né? Aí eu olhei, assim, parecida com a minha cunhada, aí eu olhei eu coloquei a mão assim, o sol tava quente, coloquei assim e eu digo “Será que eu tô delirando? Aquilo ali é a minha cunhada, e com certeza... Ou eu tô delirando!”.

Eu fiquei um tempão ali, né? Olhando! Deus ajudou que ela olhou, ela olhou! Ela agarrou fez assim, e me conheceu de longe, e aí ela gritou... E eu digo “Oh, meu Deus do céu, Graças a Deus!”.

Portanto, esse relato expõe uma reflexão sobre como se dá por muitos modos e jeitos, como se molda o processo migratório, isto é, há muita dificuldade mesmo sendo ou não clandestino, como bem expressa o caso mostrado, no qual o migrante tinha permissão legal para permanecer e atravessar a fronteira, mas nem isso o salvou das particularidades de um processo múltiplo, que é a migração.

O taxista expõe suas falas e nelas vão se tecendo várias situações que a ele se põem como barreiras e desafios, como a “aventura” de atravessar a fronteira sozinho, jovem e sem experiência no local; teve de se aliar e confiar em outros migrantes e desconhecidos para ter informações desde antes da entrada até o desembarque na Guiana Francesa-Caiena. Não falava a língua de lá, adaptada com várias etnias que existem no território guianense-francês, não tinha o endereço completo do local em que permaneceria. Tudo isso e ainda mais é desenrolado na história de vida contada pelo migrante taxista; embora passasse por todas as intempéries e situações diversas, ele conseguiu lá se estabelecer com seus outros irmãos, também migrantes.

Figura 11 – Fotografia da frente da carta de *séjour* do interlocutor taxista



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Figura 12 – Fotografia do verso da carta de *séjour* do interlocutor taxista



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

As Figuras 11 e 12 mostram o documento legal que dava a autorização para que o migrante, nesse caso, brasileiro pudesse permanecer na Guiana Francesa, a carta ou *triter de séjour*¹⁶. Nela havia, por exemplo, a foto e algumas informações do sujeito, como a assinatura, dados de nascimento e dados de residência no território guianense-francês.

Figura 13 – Fotografia da residência construída pelos irmãos migrantes brasileiros



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Na Figura 13 vemos uma casa. A memória recorrente a essa fotografia do interlocutor taxista é de que essa casa foi erguida, construída com os outros dois irmãos migrantes que moravam e estavam na Guiana Francesa, em Caiena. Nessa residência se estabeleceram e abrigavam suas famílias. Também como forma de anexar a morada dele e dos irmãos, colocavam o sobrenome da família como forma de situar quem via de fora; funcionava assim, de acordo com a memória relatada do migrante, como forma de “endereço”.

Ao serem perguntados sobre os trabalhos exercidos dentro do território francês, a diversidade de respostas era grande, mas, em uma visão geral, os homens migrantes trabalhavam mais no setor e área de construção civil e as mulheres, como empregadas e afazeres domésticos. Isso é bem elucidado nas falas da interlocutora 02, auxiliar de serviços gerais:

Muito, muito! Muito homem, não tinha mulher, só homem. As mulheres ficavam aqui no Brasil e lá [Guiana Francesa] era uma época que ganhava bastante dinheiro e eles vinham para a cidade deles [Brasil], assim, vamos dizer passavam um ano, seis meses.

¹⁶ Como um documento que expressasse a identidade do estrangeiro no país, que tinha a permissão para ali estar.

Então eles vinham com bastante dinheiro, que a moeda era uma lá e aqui no Brasil, no Amapá, eles trocavam e era um valor muito bom, valor alto! Então dava para eles terem uma vida boa aqui no Amapá. [...] As mulheres trabalham em serviços domésticos e como lá é uma cidade de... As mulheres brasileiras são muito bonitas – eu tenho essa lembrança! – é..., os homens de lá, os franceses, no caso, eles se apaixonam pelas brasileiras! Então elas sempre, geralmente, elas tinham... uma oportunidade de um casamento bom! Então, a maioria das mulheres que eu conhecia, poucas, mas casavam logo, tinham uma vida, faziam sua vida lá. [...] Elas casavam com pessoas de lá!

Em outro relato, continuando nessa esfera de trabalho feminino, a atendente revelou que trabalhava em uma lanchonete/bar (uma boate) por meio de sua prima, e chegou a trabalhar como *stripper*:

Foi quando ela arrumou um emprego, nessa lanchonete, nesse bar, nessa boate e bar ao mesmo tempo era. E ficamos trabalhando lá, eu fiquei trabalhando e a minha irmã foi trabalhar na casa de um outro francês, ela não ficou na lanchonete, somente eu fiquei trabalhando e ganhei muito dinheiro para mandar dinheiro para os meus pais para ajudar eles e com a minha filha que ficou aqui, ela tinha apenas 4 anos de idade, ela ficou com meus pais. [...] Aí eu já não queria estar trabalhando daquela forma, que ela disse que eu tinha que dançar e tirar a roupa, só que assim eu tirava só a parte de cima, [...] e aí os franceses iam colocando dinheiro [...], muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo e eu mandava dinheiro para os meus pais, foi o que me ajudou, né? Me ajudou muito, mas não era certo o que eu estava fazendo, né? Mas eu fui forçada a fazer isso porque eu ganhei dinheiro, era um dinheiro bom. Mas, assim, é... depois, quando chegava os caras lá, já queria já perguntar pra mim quanto era o programa? Nisso, eu já tava, é... um pouco de francês que eu aprendi rápido, e eles tavam perguntado. [...] E eu fui obrigada a fazer porque eu ganhava mais, mas só que eu parei, eu disse não! Aí o meu ex-marido pensava que eu só dançava, mas na verdade eu fazia programa com os franceses ricos que chegavam e faziam a proposta pra mim!

Os dois casos expressam bem uma época, e até hoje os corpos femininos, ainda mais os corpos de mulheres brasileiras, são sexualizados (Martins; Miranda, 2022), isto é, se não fosse nos afazeres domésticos ou cuidando da casa, as mulheres eram colocadas sob um rótulo de casamento ou prostituição. No caso da atendente, ela fala várias vezes palavras que a colocam em um sentimento de culpa ou de arrependimento, como “*eu já não queria*”, “*me ajudou muito, mas não era certo o que eu estava fazendo*”, “*mas eu fui forçada a fazer isso*” ou “*eu fui obrigada*”. Isso mostra, internamente, uma preocupação de como isso tudo era visto em âmbito social, no sentido de que ela tinha a concepção de que aquilo era errado, “*não estava certo*”, mas também, em outro sentido, o fazia por necessidade, em busca de dar o melhor aos pais e à filha deixados no Brasil.

Levando em conta toda essa temática de gênero e migração, que não é uma pauta densa a ser discutida, mas apontada e abordada como uma questão a ser problematizada e dinamizada, orientando a um debate de inclusão dessas mulheres nas pesquisas que englobam, falam e

teorizam o processo migratório. Assis e Kosminsky (2007, p. 695) sinalizam para a questão, apontando que “até recentemente, a migração internacional era majoritariamente tratada como um fenômeno que envolvia particularmente os homens”, isso em um tempo mais recente, contando a publicação das autoras; nas décadas de 1980 a 1990, esse ponto era ainda mais invisibilizado.

É significativo apontar que, apesar de estarem nessa década em menor fluxo, as mulheres participaram e participam até hoje do processo migratório. O que as leva a participar desse processo são fatos ainda mais a serem colocados em pauta, como a vulnerabilidade feminina vista sob uma ótica político-econômica. “Lisboa (2006) aponta para um processo de ‘feminização da migração’, atrelado ao fenômeno da ‘feminização na pobreza’ – segundo dados da ONU, 70% da população pobre do mundo é composta por mulheres. Por esta razão, as mulheres têm crescentemente migrado de forma autônoma” (Lisboa, 2006 *apud* Rosa; Hillesheim; Weber; Holderbaun, 2019, p. 139). Ou seja, o que de fato leva essas mulheres a procurarem um “bom casamento” ou a se prostituírem, a se colocarem em situações por vezes desagradáveis, é a pobreza ou a falta de espaços político-econômicos.

Ao fazer uma comparação do trabalho e salário ganhado no Amapá e em Caiena, os interlocutores, unicamente, falavam que o valor não chegava nem perto, pois a remuneração ofertada na Guiana Francesa era bem mais atrativa. Como ressalta o aposentado:

Minha filha, é, eu trabalhava... com um, uma, uma saca de açaí que eu vendia lá era, acho que 200, 250, 250 franco naquele tempo! Aí eu já fazia 500 francos em um dia, com duas sacas, não é? Naquele tempo, dava uma base de... 25 mil, 25 mil cruzeiro.

Quando perguntado se na Guiana Francesa era melhor nesse quesito, o entrevistado diz:

Deus o livre! Eu fazia, nós fazíamos base de 1.000 franco no dia, eu com meu irmão, que nós fazíamos açaí, nós pegava, às vezes, 700 franco do açaí... aí na outra saca que nós fazia, nós vendia, nós fazia 1.200,00 só no açaí que nós vendia, né? Aí nós fazia 2.000 franco quase no dia. Então naquele tempo, não me lembro quanto era, se era... Quanto era que tava o franco?... O cruzeiro, porque naquele tempo era no cruzeiro [Brasil], eu não me lembro, mas eu acho que 1 franco era uns 3 ou 4 cruzeiros, 1 franco. [...] Eu ganhava 100%, ganhava 100%! Trabalhar lá e vim para cá.

Então, vendo por essa perspectiva econômica, o estilo de vida proporcionado pelo trabalho e o salário, conseqüentemente, era melhor e suficiente para sustento tanto próprio quanto da família deixada no Brasil, no Amapá. Sendo assim, tudo isso servia como um atrativo elevado para brasileiros e brasileiras ao optarem pela saída, mesmo que temporária, do Amapá.

Ao caracterizar a vida levada na Guiana Francesa, a auxiliar de serviços gerais nos fala:

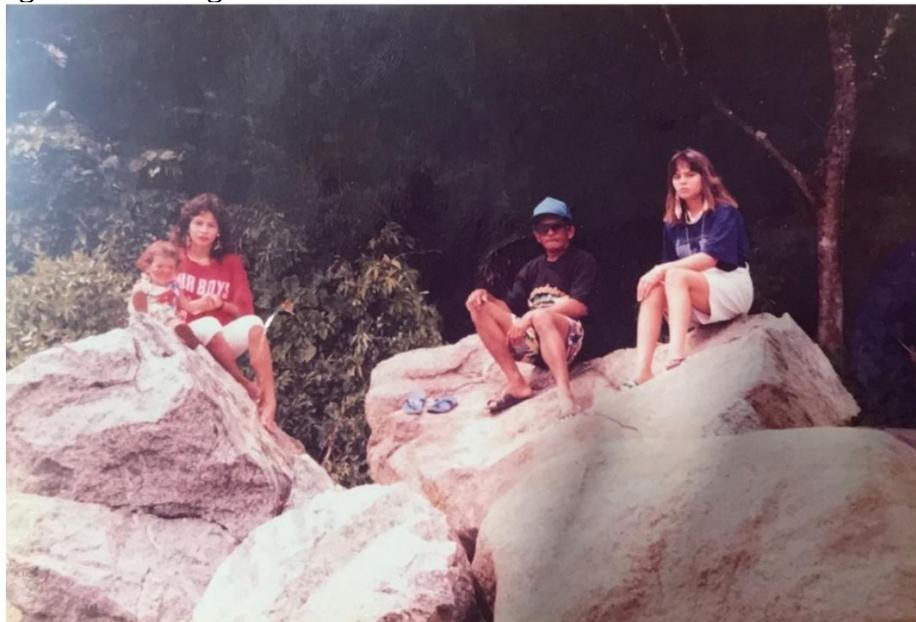
Tipo como eu era clandestina, né? Quem era responsável por mim, no caso, era meu cunhado e minha irmã... tipo, o meu cunhado tinha o documento de lá, ele já morava há bastante tempo, a minha irmã não. Então, tipo, ele respondia por mim e por ela! Aí eu não tinha muito vida social, quando ele tava de folga, que ele era dono de... ele pegava esses serviços de obras grandes, né? Ele tinha os trabalhadores dele, vamos dizer 10, 15 pessoas que trabalhava pra ele, ele passava o dia fora. Quando ele tava de folga, às vezes, a gente ia pra praia, no final de semana, em um sábado em um domingo. Para o supermercado, eu gostava! A cidade era muito bonita, na época que eu morei lá, eu gostava! Assim, passear, sair para dizer que eu ia para uma boate, não, eu acho que eu fui uma vez só em festa, assim. A vida era mais em casa e em praia.

Figura 14 – Fotografia de um passeio dos migrantes na praia de Montjoly



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Figura 15 – Fotografia de um momento de lazer familiar dos interlocutores



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Figura 16 – Fotografia de um casal de migrantes brasileiros conhecidos em Caiena



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Figura 17 – Fotografia de trabalhadores da CMCR (obra em construção metálica na Base Espacial de Kourou)



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

Figura 18 – Fotografia mostrando as relações de sociabilidade dentro do trabalho da empresa CMCR



Fonte: Arquivo pessoal do taxista (1989).

O relato e as Figuras de 14 a 18 mostram bem a dinâmica social vivida dentro e fora do espaço de trabalho; apesar de, muitas vezes, parecer um pouco mais retida, como no caso das mulheres, havia espaços e tempos de lazer. A cidade de Caiena era tida com bons olhos diante de migrantes brasileiros e brasileiras, tanto que, por determinado tempo, ali fizeram morada e construíram laços de amizade e de família. Além disso, sentiam-se acolhidos pela população, pois muitos estavam na mesma condição de migrantes, sendo brasileiros ou não.

Quando perguntadas aos interlocutores as motivações que os levaram a retornar ao Brasil e a saírem, por sua vez, da Guiana Francesa, eles relatavam que, por muitos serem clandestinos, o que os levou a voltar estava relacionado com essa situação arriscada de ilegalidade, como foi desenvolvido nas falas do entrevistado 03, eletricista: *“A alfândega lá pegava muito, e eu tive que me ausentar de lá por falta de documento, por isso que eu vim-me embora. Estavam mandando embora, né? Muita gente... deportando as pessoas, e aí eu resolvi ir embora, tava muito perigoso”*.

Quando não era por uma decisão própria, de reconhecer o risco e ir embora, eram deportados, como aconteceu com a dona de casa:

Eu nunca cheguei a tirar o papel de lá, né? A carta de séjour, no caso, só o meu marido tinha! Aí eu era confiante, a polícia nunca me pegou porque o meu esposo tinha o papel, né?! Por eu já ter tido uma filha lá, já estava grávida do segundo filho. Até que um dia, uma prima minha tava lá, e eu tava grávida do meu segundo filho... a polícia chegou lá... pegou os, ela para levar expulsa e ela veio bater da casa que

eu morava e me chamou, e a polícia viu – que no caso é o gendarme, que se chama lá, né? – e eles me pegaram e me trouxeram para me expulsar de lá para o Brasil. De lá eles me levaram, aí ficou um sobrinho do meu esposo lá e ele escutou tudo e que quando nós saímos de lá, que a polícia levou, ele ligou pro meu esposo e ele foi bater lá na polícia pra ver se liberavam eu, mas não liberaram eu. Levaram eu e a minha filha e eu grávida, e eles me expulsaram para o Oiapoque.

Ao relatar como se sentiu, a narradora da história afirma: “*Fiquei muito deprimida, muito mesmo, por eu tá com uma filha pequena e com menos de três meses, eu estava grávida e eu estava sofrendo muito na minha gravidez*”. Ou seja, é uma situação particular que nos faz refletir o que muitos migrantes tiveram de passar para ir em busca da tal estabilidade. Mesmo grávida e com uma filha, isso não impediu a polícia francesa de deportá-la, sem levar em conta o contexto difícil que ela enfrentava.

Ainda nessa mesma questão, da motivação de retorno, o taxista relata:

O motivo foi... devido ao real. O real ficou bem forte, né? E o franco caiu. O real era mais forte, mais forte até que o dólar quando começou. Era pra comprar um, 1 real naquela época era 1 dólar e uma besteira, para comprar 1 real. Aí o franco, então, ficou mais abaixo. O dólar era mais forte e tinha que ter 1 dólar e mais uns centavos para comprar 1 real. E o franco, aí piorou, então para mim não tinha condições de eu me manter lá, pagar aluguel de casa, comprar a minha despesa, mandar dinheiro para a mulher pra cá para se manter aqui. Aí qual foi o meu interesse? Que eu tenho que ir embora para o Brasil porque eu não vou ficar vivendo desse jeito, e foi o motivo. Quando cheguei aqui eu, eu coloquei na minha cabeça que botar os filhos para estudar! [...] aí eu botei para estudar. O meu interesse era fazer com que todo mundo se formasse, o que graças a Deus que todo mundo já é formado.

A fomentação do Plano Real foi uma série de reformas político-econômicas, em 1994, no percurso do governo de Itamar Franco¹⁷, tendo como principal objetivo reestruturar o Brasil no sentido de conter a hiperinflação e, por conseguinte, melhorar a situação-problema que passava o país. Para sintetizar o que significou, em termos gerais, esse plano e ação governamental, Lanoni (2009, p. 143) declara:

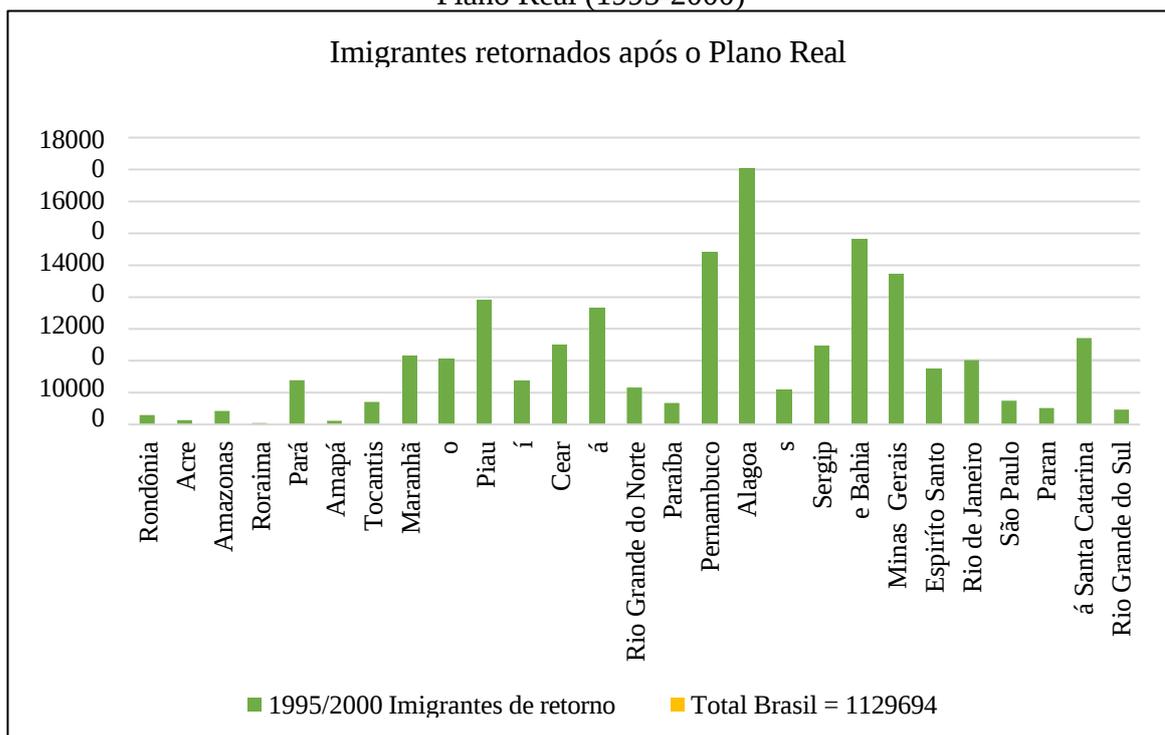
O argumento explicativo é que o Plano Real resolve, embora não a ponto de solucionar, questões-chave e interdependentes da crise multidimensional então existente no país. O Plano Real resolve problemas relacionados: 1) à nova inserção internacional orientada para o mercado dos setores público e privado da economia brasileira; 2) à repactuação sociopolítica, que deixa para trás mais de uma década de crise de hegemonia, aberta pela ruptura da aliança desenvolvimentista; 3) à ordem político-institucional; 4) e à esfera ideológica, por assegurar, de imediato, e induzir, ao longo do tempo, a um ambiente nacional muito mais propício à expansão da cultura e da agenda liberais, sob diferentes matizes, entre os agentes de mercado, elites políticas e atores sociais.

¹⁷ Presidente do Brasil nos anos de 1992 a 1995.

Nesse sentido, o Plano Real e sua valorização frente a outras moedas, como o dólar e o franco da época, impulsionaram alguns migrantes brasileiros a voltarem a morar no Brasil. Isso tudo também motivado pela saudade de casa e da família; como o taxista expressa em alguns trechos de seu relato, a dificuldade de sustento próprio e da família que estava no Brasil era um ponto a ser levado em conta, priorizando a volta naquele momento.

O plano, a partir do retorno, como é expresso pelo brasileiro, era de construir a partir dali seu sonho de formar e ver crescer seus filhos por meio da educação. Educação que este não tivera muitas oportunidades de acessar, mas que os filhos necessariam. Portanto, o Plano Real dinamizou, apesar de não solucionar, questões-problemas até hoje vivenciadas por brasileiros e brasileiras, com a possibilidade de dar um novo rumo ainda que não fosse próprio, mas para as gerações que viriam a crescer.

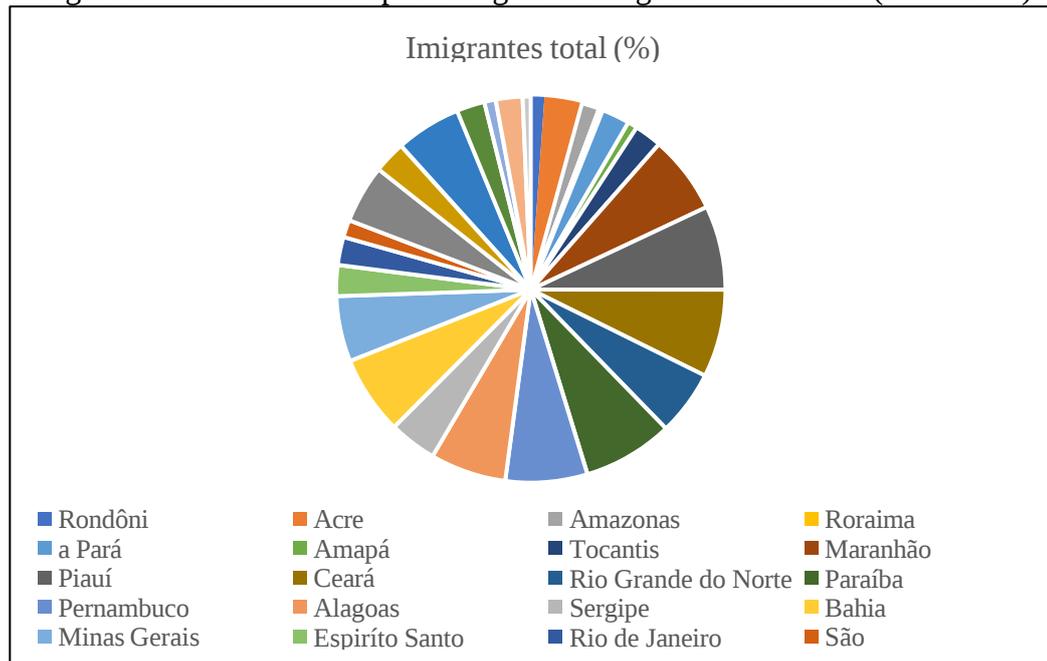
Figura 19 – Gráfico de estimativa numérica dos imigrantes retornados após o Plano Real (1995-2000)



Fonte: Baptista, Campos e Rigotti (2017).

A Figura 19 mostra o cenário de imigrantes retornados após a implementação do Plano Real, a partir de 1995 a 2000. Indica, sobre base numérica, quantos imigrantes retornados voltaram ao seu estado de origem, o que levou a uma estimativa de 1.129.694 brasileiros e brasileiras de volta a seu país de origem, segundo dados de Baptista, Campos e Rigotti (2017).

Figura 20 – Gráfico com a porcentagem de imigrantes de retorno (1995-2000)



Fonte: Baptista, Campos e Rigotti (2017).

A Figura 20 apresenta as porcentagens totais da imigração de retorno no Brasil de 1995 a 2000, após um ano da implementação do Plano Real. O Amapá, apesar de apresentar um saldo baixo em comparação com os outros estados que estavam recebendo esses fluxos migratórios, recebia-os, tanto que o taxista migrante expõe a desproporcionalidade da valorização do real e a decaída do franco em relação a tal crescimento. Nesse estado, era mais vantajoso voltar ao Brasil do que ficar na Guiana Francesa.

Continuando nesse aspecto do retorno, os interlocutores migrantes não definem uma volta à Guiana Francesa. Alguns expõem que têm uma imagem boa de lá, apesar das adversidades vividas no trânsito da fronteira, mas, mesmo guardando uma memória muito boa, não pretendem hoje voltar para a Guiana Francesa. Primeiro, como muitos relatam, só poderiam encarar uma possível volta a Caiena se tivessem acesso ao documento legal, ou seja, com visto para o trânsito para o outro lado da fronteira. E segundo, pela faixa etária deles, pois alguns já estão em uma idade mais madura e não pretendem arriscar-se a tomar tal decisão.

Como apresentado, todos guardam uma boa memória afetiva do lugar porque, por meio do processo migratório, eles e elas acabaram vivendo, experimentando, aprendendo, amadurecendo e crescendo de acordo com essas suas histórias de vida, que são significativas. Mesmo experenciando situações difíceis, isso não consegue apagar suas memórias da travessia e da vivência de migração.

Com todas essas diferentes e singulares vivências e histórias de vidas, pode-se dizer que cada uma carrega um estímulo e prospecção histórica, mostrando que o processo e a identificação da migração não são algo global e generalizado, cada um dos entrevistados conta suas histórias e por elas vão tecendo outras histórias incomuns ou de caráter único, apesar de fazerem parte de uma memória coletiva.

Portanto, há muitos fatores que fazem da entrevista oral um auxílio para a pesquisa sobre memórias. Analisar e estudar tais afirmativas dos relatos nos mostra, enquanto pesquisadores e sociedade civil, que a vida é um auxílio histórico, principalmente tratando-se da migração, porque são vidas que experimentam tantos desafios e trajetos diferentes de sua realidade até então vivida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas abordagens, que foram ao longo do texto debatidas e postas em pauta, nos revelam que a migração de retorno é algo que existe desde o início do processo, apesar de muitas vezes ser considerada como projeto de segundo plano no processo migratório, pois com a decisão de saída emerge constantemente o momento de uma possível volta, definitiva ou temporária.

De acordo com as entrevistas feitas com os interlocutores, foi possível analisar que, seja por meio de uma saudade de casa, da família, seja por um meio forçado (visualizando a questão da clandestinidade e da deportação) ou por um fator econômico, o retorno se faz presente.

A migração de retorno não é apenas uma volta ao território de origem, sendo a fase final do processo migratório, porque ela está contida desde os planejamentos, das ideias, e é levada, mesmo que intrinsecamente, em consideração até o momento de emigração (saída) da sociedade em que nasceu. Portanto, é algo que vai além de uma perspectiva básica da migração.

Por esse fato, as perguntas das entrevistas foram feitas na tentativa de visualizar a dinâmica de volta desde seu processo migratório, ressaltando que, para se chegar à memória de retorno, temos de ter uma visão total do processo migratório.

As memórias de história de vida desses e dessas migrantes nos possibilitam entender que cada história tem sua singularidade, suas particularidades, mesmo abarcando uma memória coletiva da história da migração de retorno. O que se quer ressaltar é que todos os entrevistados deram uma visão única do seu processo migratório, todos sendo autores de sua própria memória e agora, conseqüentemente, de sua história.

As dificuldades da pesquisa caminharam desde a seleção dos aportes teóricos, pois a migração é uma dinâmica em constante pauta, tendo a visão de fatores que desde décadas atrás até atualmente continuam fomentando a progressão da migração, como guerras, fome, inflação, queda da economia e escassez de oportunidades, entre vários aspectos, até lidar com as indefinições da vida humana, como a morte de um dos entrevistados.

A pesquisa realizada ajuda a compreender o processo da migração de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa, dividida, como foi introduzido, em quatro partes. A primeira seção apresentou as facetas teóricas, desde os mais clássicos, como Soares (2007), Arouck (2000) e Pinto (2008), até trabalhos mais recentes, como Martins (2014, 2016), Martins, Superti e Pinto (2015) e Santos (2015).

Esses aportes teóricos foram usados de forma conjunta; apesar de serem pesquisas distantes em determinação de tempo, todas elas apontam para um mesmo aspecto: a migração. Assim, primeiro se vem com a base, os clássicos que norteiam as pesquisas posteriores, para

que se possa complementar com estudos mais atuais, abordar suas visões e compreensões sobre a migração e suas ramificações, como a questão fronteiriça.

Nessa parte, em pensar a migração em um sentido transfronteiriço, a pesquisa abordou características próprias dos territórios delimitados neste estudo, os quais fazem fronteira entre si: Amapá e Guiana Francesa. Para somar a toda essa compreensão territorial e fronteiriça, também se fez uma abordagem de identificação e rapidamente conceitual da cidade de passagem de Oiapoque. Observaram-se aspectos territoriais, étnicos e da dinâmica fronteiriça entre os países e até do município que tramita e dá acesso de passagem aos territórios.

Também se abordou a questão da chamada do *El Dorado* e o garimpo nas décadas de 1980 a 1990 na Guiana Francesa, com uma mistificação do território guianense, de riqueza abundante e rápida. Outras três questões desenvolvidas nesse tópico foram: a nova migração internacional sob os aspectos de emigração na fronteira, a presença e representatividade feminina na migração entre Amapá e Guiana Francesa e, por último, a cooperação transfronteiriça entre os países estudados.

O tópico seguinte abordou a questão do retorno e como ele é utilizado e pensado tanto teoricamente quanto na vivência e experiência migratória. Por exemplo, a associação da questão do retorno como um sinônimo de “volta”. Essa concepção de retorno e volta, no sentido do processo migratório, é um aspecto delicado e conflituoso, pois o retorno não significa uma volta no sentido literal e completo da palavra, porque o retorno da migração significa presença e ausência de e em algum lugar.

O que se apresenta é que não há como voltar a um lugar em que sua ausência não tenha sido percebida, o tempo e o espaço são frequentemente alterados e, por essa razão, não há a possibilidade de volta ao mesmo lugar com as mesmas dimensões e dinâmicas territoriais, sociais e históricas do momento de sua partida.

Para explicar toda essa dimensão do retorno, utilizaram-se as ideias e pensamentos de Sayad (2000a, 2000b, 2000c), que é um dos maiores clássicos sobre migração e retorno de migrantes em seus processos. Sua concepção é significativa para todos os estudos que se desenvolvem no ramo da migração, assim, é de total significância para este estudo também. Suas afirmações e conceitos foram apresentados para firmar a ideia de que sem a ideologia e a presença formal do retorno não se tem um processo de migração, pois todo indivíduo migrante tem, almeja, reflete a questão do retorno como uma possibilidade.

Partindo dessa concepção, apresentou-se também a percepção da utilização de teoria e método dentro desta pesquisa. Isto é, de como teoria, ideias e conceitos podem ser analisados em conjunto com o método da história oral ou, mais especificamente, da história e trajetória de

vida. Assim sendo, aspectos teóricos e entrevistas foram usados para se ter resultados mais abrangentes sobre os processos singulares da migração fronteiriça guiano-amapaense.

O quarto tópico mostrou os dados existentes e buscados sobre tal tramitação transfronteiriça, no entanto, os dados pesquisados entre os anos por esta pesquisa delimitados – 1980 a 1990 – não foram de grande utilidade ou foram insuficientes a esta abordagem científica.

Nesse sentido, mais uma vez, deu-se significância maior aos relatos das entrevistas orais para que pudessem ser alcançados maiores e compreensíveis resultados. Assim, chega-se ao último tópico, as memórias e histórias de vida dos(as) migrantes retornados(as) da Guiana Francesa (1980 a 1990). Com os relatos adquiridos, pôde-se chegar a algumas conclusões sobre a problemática estabelecida, que foi basicamente: quais as causas de retorno de migrantes brasileiros(as) para a Guiana Francesa? Diante dessa indagação e diante dos relatos coletados, verificou-se que o retorno se estabeleceu entre alguns pilares: primeiro, a noção de perigo diante da situação de clandestinidade; segundo, a saudade de casa, da família; e terceiro, por um fator econômico na mudança do Plano Real no Brasil e seu favorecimento.

Diante disso, o que pode ser concluído é que se teve uma noção da ida de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa, ou seja, apresentaram-se teorias referentes a essa questão e objetivo diante de teorias clássicas e recentes, uma mesclagem que possibilitou uma visão mais abrangente da temática. Também se verificou uma urgência em dados mais precisos sobre essa migração fronteiriça dos dois territórios (Amapá e Guiana Francesa); outro fato é que tal urgência pode ser cessada com a utilização da teoria ou base teórica de história oral e de vida.

Os dois últimos resultados e conclusões significantes deste trabalho são a explanação da motivação dos retornos, contados pelos próprios agentes históricos, os migrantes, e o sentido de utilizar não só novos métodos de pesquisa na área da migração, mas também o chamamento para que a história de vida das migrantes mulheres possa ser abordada e dinamizada, pois suas experiências fazem parte dessa memória coletiva do processo migratório.

Então, esta pesquisa, como ressaltado na introdução, tem a pretensão de ajudar possíveis outras pesquisas a desenvolverem estudos que incluam a migração de retorno, tanto de homens quanto de mulheres, como um aspecto significativo para a história das dinâmicas sociais, econômicas e políticas dos territórios adentrados.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. [S. l.]: [s. n.], 1991.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Imigrantes brasileiros na França e seus projetos de retorno. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, DF: SBS, 2017.
- AROUCK, Ronaldo de Camargo. Brasileiros na Guiana francesa. Novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia? **Lusotopie**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 67-78, 2000.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; KOSMINSKY, Ethel V. Gênero e migrações contemporâneas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 695-697, set.-dez. 2007.
- BAPTISTA, Emerson Augusto. Aspectos teóricos sobre migração de retorno no Brasil. **Revista Geografias**, [s. l.], v. 9, n. 12, p. 8-20, 2013.
- BAPTISTA, Emerson Augusto; CAMPOS, Jarvis; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Migração de retorno no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, p. e16010, 2017.
- BATISTA, Leonardo dos Santos; KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, [s. l.], p. e021029, 2021.
- BEAUDOUIN, Morgane; RIEUBLANC, Eve; BOYER, Sandie (coord.). **Guiana Francesa – Amapá**: melhor estruturar os territórios para intensificar os intercâmbios. Tradução R. Laurent. Sage: Guyama280, 2011.
- BERTOLDO, Jaqueline. Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. **Revista Katalysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 313-323, 2018.
- BOTEGA, Tuíla; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu (org.). **Migrações internacionais de retorno no Brasil**. Brasília: Relatório, 2015.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **El ofício de sociólogo**: presupuestos epistemológicos. Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 1987.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunidade brasileira no exterior**: estimativas referentes ao ano de 2020. Brasília, DF: Secretaria de Assuntos de Soberania Nacional e Cidadania, Departamento Consular, 2021.
- CAMARGO, Aspásia. O método qualitativo: usos e perspectivas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA, SOCIOLOGIAS, 3., 1987, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1987.
- CAMILO, Janaina. Em busca do País das Amazonas: o mito, o mapa, a fronteira. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA: PASSADO PRESENTE NOS VELHOS MAPAS – CONHECIMENTO E PODER, 1., 2011, Paraty. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, Luis E. (org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 39-57.

CASTOR, Elie; OTHILY, Georges. **Le Guyane, les grandes problèmes, les solutions possibles**. Paris: Caribéennes, 1984.

DA SILVA, José Maria. Acidade de Oiapoque e as relações transnacionais na fronteira Amapá-Guiana Francesa. **História Revista**, v. 10, n. 2, p. 4, 2005.

FAZITO, Dimitri. A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação. **Seminário as Famílias e as Políticas Públicas no Brasil**. Belo Horizonte: ABEP, 2005.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, p. 89-176, 2010.

FONTGALLAND, Rebeca Cavalcante; MOREIRA, Virginia. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 23, p. 32-56, 2012.

FOUCHER, Michel. Considerações geopolíticas sobre as fronteiras contemporâneas. **Revista GeoPantanal**, Campo Grande, v. 8, n. 15, p. 23-36, 2013.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 83-92, 2007.

GRANGER, Stéphane. Guiana Francesa, um território europeu e caribenho no caminho da sulamericanização? **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 156-168, ago. 2008.

HALBWACHS, Maurice; DÍAZ, Amparo Lasén. Memoria colectiva y memoria histórica. **Reis**, [s. l.], n. 69, p. 209-219, 1995.

IBGE. **Censo demográfico 1991**: resultados preliminares / IBGE, 1991. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=283450>. Acesso em: 10 julho de 2024.

IBGE. **Censo demográfico 2010**: nupcialidade, fecundidade e migração – Resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf. Acesso em: 25 mar. 2014.

JESUS, Alex Dias de. Fronteiras e atravessamentos: experiências migratórias de haitianos em Tijuana, México. **Formação**, [s. l.], v. 26, n. 49, p. 85-105, 2019.

KOLOSSOV, Vladimir. Theorizing borders. Border studies: changing perspectives and theoretical approaches. **Geopolitics**, [s. l.], v. 10, p. 606-632, 2005.

LANONI, Marcus. Políticas públicas e Estado: o plano real. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 78, p. 143-183, 2009.

LESSER, J. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), São Paulo, Brasil, 2001.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e migrações – trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 14, n. 26-27, p. 151-166, 2006.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**: imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. A migração internacional nos quadros da cooperação transfronteiriça franco-brasileira. **Fronteiras & Debates**, Macapá, v. 3, p. 37-66, 2016.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. **Para além, através, da fronteira e do acordo: interações sociais no Oiapoque. 2013. 179 f.** 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

MARTINS, Carmentilla das Chagas; MIRANDA, Dábila de Cássia Brito de. Erotização e sexualização do corpo: representações sociais da mulher brasileira. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, [s. l.], n. 16-18, p. 131-148, 2022.

MARTINS, Carmentilla das Chagas; SUPERTI, Eliane; PINTO, Manoel de Jesus de Souza. Migração e mobilidade de brasileiros através e além da fronteira Brasil-Guiana Francesa: novas sociabilidades. **Revista Tomo**, [s. l.], n. 27, p. 361-396, 2015.

MASSEY, Douglas. Patterns processes of international migration in the 21 Century. *In*: PAPER PREPARED FOR CONFERENCE ON AFRICAN MIGRATION IN COMPARATIVE PERSPECTIVE, 2003, Johannesburg. **Papers [...]**. Johannesburg: [s. n.], 2003. p. 1-42.

MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, p. 11-30, 2015.

MILANEZ, Livia C. B. Marcos. **Brasileiros no exterior**: formulação de política externa e formação de comunidades. 2013. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1996.

OIM. **Portal de datos mundiales sobre la migración – Brasil**, [s. l.], 2021. Disponível em: https://migrationdataportal.org/es/data?cm49=76&focus=profile&i=stok_abs_origin&t=2020. Acesso em: 3 jun. 2021.

OIM; ONU; MIGRAÇÃO BRASIL. Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável. **OIM**, [s. l.], 22 fev. 2023. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/resources/empoderando-diaspora-sul-americana-como-agente-do-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa – Migrações**, [s. l.], v. 3, n. 24, p. 65-96, 2011.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **O fetiche do emprego**: um estudo sobre as relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 272-286, mar. 1987.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 2. ed. Tradução de Manuel J. C. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROSA, Rita de Cassia Quadros da; HILLESHEIM, Betina; WEBER, Douglas Luís; HOLDERBAUN, Leticia Silva. Gênero, migração e vulnerabilidade: corpos de mulheres em deslocamento. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 138-146, 2019.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. A ética da escuta: o desafio dos pesquisadores em História Oral. **Testimonios**, [s. l.], n. 4, p. 109-120, 2015.

SALES, Teresa. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. **Travessia – Revista do Migrante**, [s. l.], n. VII, v. 21, p. 5-8, jan.-abril 1995.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Eduardo. A questão migratória no mundo globalizado. Brasileiros no exterior, a emigração e o retorno. *In*: PRADO, Erlan José Peixoto do; COELHO, Renata (coord.). **Migrações e trabalho**. Brasília, DF: MPT, 2015. p. 69-78.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia – Revista do Migrante**, [s. l.], n. esp., p. 7-10, 2000a.

SAYAD, Abdelmalek. A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar. **Travessia – Revista do Migrante**, [s. l.], n. esp., p. 11-15, 2000b.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno como produto do pensamento de Estado. **Travessia – Revista do Migrante**, [s. l.], n. esp., p. 20-23, 2000c.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, [s. l.], v. 9, p. 19-45, 2011.

SILVA, Ana Regina F.; TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair. Pensando a diferenciação socioespacial na Amazônia: a sub-região fronteira internacional dos estados do Pará e Amapá. *In*: PORTO, Jadson L. R.; NASCIMENTO, Durbens M. (org.). **Dinâmicas**

periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia Setentrional: das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial. Rio de Janeiro: Publit, 2013. p. 31-65.

SILVA, Brigida Ticiane Ferreira da. Imigração de jovens mulheres brasileiras na Guiana Francesa: entre categorizações etnonacionais e estratégias de integração nos “espaços de integrabilidade” da sociedade de recepção. **Textos e Debates**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p. 369-394, 2015.

SILVA, Carlos Alberto da (coord.). **Problemas e perspectivas da cooperação transfronteiriça**. Évora: Universidade de Évora, 2004. (Documento de Trabalho).

SILVA, Gutemberg de Vilhena; GRANGER, Stéphane. Desafios multidimensionais para a cooperação transfronteiriça entre França e Brasil 20 anos depois (1996-2016). **Geographia**, Niterói, v. 18, p. 27-50, 2016.

SILVA, Gutemberg de Vilhena; GRANGER, Stéphane; TOURNEAU, François-Michel Le. Desafios à circulação na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa (França). **Mercator**, Fortaleza, v. 18, p. 18018, 2019.

SOARES, Ana Paulina Aguiar. Travessia: uma situação de passagem entre o Brasil e a Guiana Francesa. **Revista de Estudos Amazônicos**, [s. l.], 2007.

SOUZA, Angélica S.; OLIVEIRA, Guilherme S.; ALVES, Laís H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TILLY, Charles. Reconsidered transplanted networks. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia. **Immigration reconsidered**. New York: Oxford, 1990.

TOSTES, José Alberto. **Transformações urbanas das pequenas cidades amazônicas (AP) na Faixa de Fronteira Setentrional**. Rio de Janeiro: Publit, 2011.

TOSTES, José Alberto; FERREIRA, José Francisco de Carvalho. O Amapá e a Guiana Francesa sob a ótica do corredor transfronteiriço. **Confins**, [s. l.], n. 31, 2017.

UFRB. **Mestrado – Profissional X Acadêmico**, [s. l.], 29 ago. 2012. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/equidade/arquivo-de-noticias/5-mestrado-profissional-x-academico>. Acesso em: 20 jul. 2024.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, *Maria da Socorro Barros Gomes*, nacionalidade: *Brasileira*
idade: *55 anos*, estado civil: *união estável*, profissão: *dona de casa*, endereço: *Av.
Rui Barbosa, 1772, centro*, portador(a)
do RG: *073985*, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado

Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990),
cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das
motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo
reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se
justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para
nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira
entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história,
sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida
desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas
histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira
entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do
estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar
posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais
como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a
migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a
construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de
contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis
desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e
os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.
Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas,
sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha
história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Whatsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Santana-AP, 13 de Junho de 2024.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

André do Socorro Barros Gomes

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Alessandra Gomes Vales

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Idevaldo de Almeida Vale, nacionalidade: Brasileiro
idade: 64, estado civil: união estável, profissão: Taxista, endereço: Av.
Rui Barbosa, 1772, Centro, portador(a)
do RG: 074030, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado

Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990), cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história, sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas, sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Whatsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Sontoma-AP, 12 de Junho de 2024.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

* *Devoldo de Almeida Vales*

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Alessandra Gomes Vales

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Edimilson Valu dos Santos, nacionalidade: Brasileiro,
idade: 55 anos estado civil: solteiro, profissão: eletricista, endereço: Rua
Delta, 305, Estrelas, portador(a)
do RG: 007643, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado

Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990),
cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das
motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo
reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se
justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para
nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira
entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história,
sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida
desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas
histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira
entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do
estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar
posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais
como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a
migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a
construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de
contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis
desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e
os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.
Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas,
sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha
história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Whatsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Sontoma-AP, 10 de Junho de 2024.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Edilson Vales dos Santos

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Alessandra Gomes Vales

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Agner de Almeida Valer, nacionalidade: Brasileiro
idade: 76, estado civil: divorciado, profissão: apresentado, endereço: Rua
Aquena, 158, Parque das Laranjeiras, portador(a)
do RG: 230683, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado
Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990),
cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das
motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo
reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se
justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para
nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira
entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história,
sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida
desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas
histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira
entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do
estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar
posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais
como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a
migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a
construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de
contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis
desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e
os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.
Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas,
sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha
história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Wathsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Sontoma-AP, 10 de Junho de 2021.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Aguiar de Almeida Vales

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Alessandra Gomes Vales

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Marin de Glória Costa Seixas, nacionalidade: _____,
idade: 62, estado civil: União Estável, profissão: Fiscal de Renda, endereço:
Av. Alexandre Basso n. 190 Centro, portador(a)
do RG: 665891 AP, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado

Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990), cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história, sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas, sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Whatsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Macapá, 25 de *Julho* de 2024.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Maria da Glória Barbosa Siqueira

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(responsáveis)

Alessandra Gomes Vales

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Marinete Gomes Pastana, nacionalidade: Brasileira
idade: 50, estado civil: solteira, profissão: Auxiliar de P.G., endereço: Tra-
vena 25 de dezembro, 121A, Nova Brasília. portador(a)
do RG: 296824, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado
Memória De Trabalhadoras/Es Retornadas/Os Da Guiana Francesa (1980 - 1990),
cujos objetivos e justificativas são: investigar as memórias dos migrantes a respeito das
motivações que o levaram a migrar para o território vizinho e após algum tempo
reingressar no país de origem, sendo que esta investigação que está sendo proposta se
justifica por entender que a memória e história de vida desses sujeitos nos revelam, para
nós sociedade como todo, uma abordagem sobre a história de migração da fronteira
entre Guiana Francesa e Brasil, sob o aspecto e olhar desses migrantes nessa história,
sobre experiências e vivenciais que tiveram nesse contexto, ou seja, a história de vida
desses migrantes nos apontam a uma memória da vivência migratória nas fronteiras.

A minha participação no referido estudo será no sentido de apresentar as minhas
histórias e memórias que se refere sobre a minha experiência migratória na fronteira
entre Guiana Francesa e Amapá e relatar sobre os motivos que me levaram a sair do
estado do Amapá para a Guiana Francesa e os motivos que me fizeram voltar
posteriormente.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais
como: contribuir para a construção de uma abordagem histórica no que se refere a
migração de brasileiros para a Guiana Francesa, fornecer bases informativas para a
construção de uma história que destaque a memória das vivências migratórias além de
contribuir para possíveis novos estudos nessa área.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis
desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e
os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.
Assim, pode se sentir possíveis desconfortos na realização das entrevistas gravadas,
sentindo insegurança e timidez por ser algo novo e de relatar algo particular de minha
história enquanto sujeito migrante.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou

qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Alessandra Gomes Vales (orientanda) e Carmentilla das Chagas Martins (orientadora) e com elas poderei manter contato pelos telefones (96) 98108-8829 e (96) 99195-0414.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP UNIFAP (96) 40092804/05 ou (96) 99118-9717 (Whatsapp do Comitê) ou mandar um *email* para cep@unifap.br

Santana ~~de~~ 27 de junho de 2024.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Mariete Gomes Santana

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(Responsáveis)

Alessandra Gomes Vales



Universidade Federal
do Amapá

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO PROFISSIONAL EM ESTUDOS DE
FRONTEIRA - PPGEF

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Idevaldo de Almeida Vales, nacionalidade Brasileiro, estado civil união estável/portador da Cédula de identidade RG nº. 074010, inscrito no CPF/MF sob nº 113.176.632.68, residente à Av./Rua Rui Barbosa, nº. 1772, município de Santana/Amapá. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na Dissertação, intitulado: **“MEMÓRIAS SOBRE A MIGRAÇÃO DE RETORNO DA GUIANA FRANCESA (1980 - 1990)”** e também nas publicações posteriores desta pesquisa. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Santana AP, dia 30 de Junho de 2024.

Idevaldo de Almeida Vales

(Assinatura)

Nome: Idevaldo de Almeida Vales
Telefone p/ contato: (96) 99131-6426.



Alessandra Vales <alessandravales2@gmail.com>

PLATBR - Estado de apreciação de Pesquisa

1 mensagem

Equipe Plataforma Brasil <plataformabrasil@saude.gov.br>
Para: ALESSANDRA GOMES VALES <alessandravales2@gmail.com>

17 de junho de 2024 às 11:23

Caro (a) Pesquisador (a) e Assistente(s),

O projeto MEMÓRIAS DE TRABALHADORAS/ES RETORNADAS/OS DA GUIANA FRANCESA (1980 - 1990) foi aceito para análise no CEP. Significa que o CEP concluiu a validação documental de sua última submissão, por favor verifique a situação do projeto de pesquisa e atenda a possíveis pendências documentais, se existirem. Caso contrário aguarde o parecer consubstanciado do CEP, cujo o nome pode ser consultado no campo localização atual do projeto, disponível no item detalhar.

Atenciosamente,

Plataforma Brasil

Siga **Ética em Pesquisa** nas Redes Sociais:[Instagram](#)[Facebook](#)[Twitter](#)[LinkedIn](#)

Esta é uma mensagem automática. Favor não responder este e-mail.

Esta mensagem pode conter informação confidencial e/ou privilegiada. Se você não for o destinatário ou a pessoa autorizada a receber esta mensagem, não pode usar, copiar ou divulgar as informações nela contidas ou tomar qualquer ação baseada nessas informações. Se você recebeu esta mensagem por engano, por favor avise imediatamente o remetente, respondendo o e-mail e em seguida apague-o.

This message may contain confidential and / or privileged. If you're not the recipient or the person authorized to receive this message, you cannot use, copy or disclose the information contained therein or take any action based on this information. If you have received this message in error, please notify the sender immediately by reply e-mail and then delete it.